



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U
18/05/2020

ELISÂNGELA SOUZA VASCONCELOS FRANÇA

**EVENTOS DE LETRAMENTOS E ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA POR PESSOAS SURDAS EM UMA IGREJA EVANGÉLICA EM
FEIRA DE SANTANA**

FEIRA DE SANTANA -BA

2025

ELISÂNGELA SOUZA VASCONCELOS FRANÇA

**EVENTOS DE LETRAMENTOS E ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA POR PESSOAS SURDAS EM UMA IGREJA EVANGÉLICA EM
FEIRA DE SANTANA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito para a obtenção do grau de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Úrsula Cunha Anacleto

FEIRA DE SANTANA - BA

2025

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

F881c

França, Elisângela Souza Vasconcelos

Eventos de letramentos e atividades de leitura em Língua Portuguesa por pessoas surdas em uma igreja evangélica em Feira de Santana / Elisângela Souza Vasconcelos França. – 2025.

127 f.: il.

Orientadora: Úrsula Cunha Anecleto

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Feira de Santana, 2025.

1. Língua Portuguesa. 2. Letramento. 3. Leitura. 4. Pessoa surda.
I. Anecleto, Úrsula Cunha, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU 806.90(814.22)

FOLHA DE APROVAÇÃO

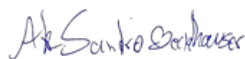
**EVENTOS DE LETRAMENTOS E ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA POR PESSOAS SURDAS EM UMA IGREJA EVANGÉLICA EM
FEIRA DE SANTANA**

ELISÂNGELA SOUZA VASCONCELOS FRANÇA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL, em 02 de abril de 2025, nível Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Profa. Dra. Úrsula Cunha Anecleto - orientadora
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Prof. Dr. Alex Sandro Beckhauser – membro interno
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Doutorado em Linguística
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Profa. Dra. Midian Jesus de Souza Marins – membro externo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Doutorado em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

AGRADECIMENTOS

*“Como é bom render graças ao Senhor
e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo;
anunciar de manhã a tua misericórdia
e, durante as noites, a tua fidelidade.”*

Salmos 92:1-2

Este texto é o resultado das experiências e conquistas lapidadas com auxílio de muitas mãos que estiveram unidas às minhas, durante o percurso de uma trajetória que me direcionaram ao caminho da ciência, da pesquisa e, por fim, deste texto. Sendo assim, cabe-me honestamente agradecer a todos que generosamente contribuíram para a construção e a realização deste sonho, o de me tornar uma pesquisadora e autora desta dissertação, filiada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Por isso, estou aqui para dizer:

Senhor, obrigada por criar todas as coisas com as suas poderosas mãos, inclusive a mim, a minha família, os meus amigos e os meus colegas, os professores, os irmãos de fé e todas as oportunidades vividas. E mais, obrigada por me permitir contar algumas das experiências vivenciadas por mim no trabalho com Libras, através deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, pelo que me tornei, em especial à minha mãe, Irene Vasconcelos (*in memoriam*), a primeira professora servidora pública da nossa família, pela educação que me deu e por me ensinar a beleza da vida e da arte; da educação e de servir ao próximo com solidariedade sem esperar recompensas ou reconhecimento, simplesmente, oferecendo-lhes o trabalho das nossas mãos.

À minha amada família, a outra metade de mim, apoiadores incansáveis: irmãs, Rosângela e Angela, cunhado Elias e sobrinhos Luan e Sophia. Obrigada por tudo. Por acreditarem e por estarem sempre ao meu lado. Por cada vez que me descreviam, melhor do que realmente sou, cada momento em que me sediam a casa de vocês para que eu tivesse um lugar tranquilo para estudar e desenvolver a escrita, todas as renúncias que fizeram pensando em meu bem-estar. A meu príncipe, Luan, obrigada por me ajudar com os vídeos, as imagens e com a criação do QR code que constam nesta dissertação. À princesa Sophia, gratidão pelo incentivo e pelo entusiasmo incansáveis, apostando no sucesso do “livro infinito”, como você dizia. A contribuição de vocês foi primordial para conseguir ter forças, chegar aqui e poder dizer: que conseguimos!!!! Conseguimos, não terminar “o livro infinito”, mas concluir uma

etapa que servirá de inspiração para muitas outras.

A meu amável e amado esposo, Albery, por ser um dos meus maiores motivadores, meu companheiro, parceiro em todos os momentos. Obrigada por me inspirar com a sua resiliência, seu desejo incansável de pesquisar sobre tudo, sua singeleza, bondade e paciência. Por me ajudar a aprender empiricamente, e com generosidade, o jeito de Ser Surdo. Obrigada por contribuir com este estudo e por fazer parte da minha vida.

À minha tia querida Libildes (*in memoriam*), que sonhou em ser professora. O tempo não lhe permitiu, mas foi uma educadora e maior referência para todos da família, assim como a sua irmã, Tia Marialva (Mary), uma sábia mulher de oração e rica em conhecimentos, generosa em partilhar sua sabedoria conosco. A meus primos, os Vasconcelos Ferreira e os Vasconcelos Santana (Reine, Ana e Moisés), que tanto torceram por meu sucesso. A meus padrinhos, irmãos e conselheiros, Beni e Olival, sou grata pelas palavras de incentivo e pelas orações constantes.

A meus cunhados, Alberto Luiz e Georgina, amigos presentes na hora da angústia. A meus sogros, Vivaldo e Rosinha França, por me presentear com o melhor esposo. A Avany e Almir, pelos incentivos. Família França, obrigada!

A meus amigos de infância e de sempre: Simeia, Quesia, Queila, Ana Lúcia, Ronildo, Luciano, Adiel, entre outros que não citarei aqui, porém, que tiveram e ainda têm sua importância na minha caminhada. Vocês fazem parte desta história! Sinto-me honrada em tê-los em meu coração. Obrigada por estarem presentes em momentos tão difíceis de perdas, apoiando a mim e às minhas irmãs, com a amizade sincera, o respeito, a companhia e a boa música. Em especial, a Quesia, por me apresentar o alfabeto manual e a canção da Xuxa Meneguel e tantas outras maneiras de comunicação que me motivaram a continuar tendo esperança de um sonho de criança em tempos sombrios. Simeia, minha amiga mais chegada que irmã, como diz no livro de Provérbios, obrigada por existir!

Aos colegas, amigos e ex-alunos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), lugar onde o desejo pela pesquisa se consolidou, assim como minha carreira docente. Em especial, aos colegas e amigos que me acolheram na Residência dos docentes, a coordenadora do curso de Pedagogia, Magdalânia, que, por diversas vezes, partilhou comigo experiências em bancas, projetos e seleções. Um adendo aos meus amigos estimados: Silvio Roberto e Cristiane Paixão, cuja amizade brotou sólida na pandemia, em 2020, nos encontros formativos e até hoje se mantem intensa e sólida. Obrigada pela escuta sensível e por todo apoio e por continuarem caminhando juntos comigo no mestrado. Como vocês diriam agora: “Sigamos!”. Expresso minha gratidão também à colega Pérola, do Departamento de Letras, que, mesmo enfrentando

a seleção do doutorado no mesmo período, reservou momentos para compartilharmos na “casinha Feliz”, sobre nossas pesquisas. Suas palavras, para mim, me deram força em momento de incertezas.

Querida Juciara Rios, caminhamos juntas por longas estradas, desde o início da minha inserção na comunidade Surda, no período das inquietações sobre as dificuldades leitoras dos estudantes Surdos, até o percurso na UNEB. Ainda temos o mundo para descobrir ou desbravar.

A meus amigos Surdos, muito obrigada por me ensinarem o quão simples é ser verdadeiro, genuíno e objetivo e sincero. Aos meus primeiros amigos Surdos, Marcilio, Bel Leite, Elaine, os ex-alunos da rede Municipal Gislaine, Glória, William, Gêssica, Gabriel, Micaelli, Leando e outros que me fizeram sair da zona de conforto e acreditar na inclusão efetiva através da educação e do respeito mútuo. À Comunidade Surda de Feira, pais de estudantes Surdos, aqueles mais chegados, Tânia Venas, Kelly, com as quais aprendi muito sobre o amor incondicional. Aos colegas/amigos intérpretes e professores de Libras.

Aos professores da banca examinadora, Prof. Dr. Alex Sandro Beckhauser e Profa. Dra. Midian Jesus de Souza Marins, que cuidadosamente leram esta dissertação e trouxeram ricas contribuições. À profa.. Dra. Sátilla Ribeiro, minha amiga querida, obrigada pelas suas ricas contribuições durante o processo seletivo, pela sua relevante participação no Seminário de Projetos, em 2023, pelas orações constantes e seu amor (é recíproco).

Aos colegas antigos e aos novos, aos amigos, aos alunos e aos pais do Centro Municipal de Inclusão de Feira de Santana, pelos conhecimentos compartilhados diariamente. À minha querida diretora Isabela e à equipe gestora (Lú, Adry e Paulinha, queridas), obrigada pela sensibilidade e dedicação ao trabalho de inclusão e pela generosidade em flexibilizar os meus horários para que tentasse me adequar aos estudos. À estimada Meiry Pires, coordenadora do Núcleo de Surdez, agradeço pelo convite para fazer parte da equipe e por todas as partilhas construtivas que contribuíram com a minha formação profissional e acadêmica.

À equipe de coordenação, docentes e servidores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, em especial ao coordenador, Prof. Dr. Patricio, ao Prof. Dr. Lucas Nascimento, à Profa. Dra. Norma, à Dona Branca (sempre me surpreendia com um chazinho nos momentos em que precisei durante as aulas) e a Rogéria, pelo respeito e atenção.

À rede de apoio maravilhosa composta por colegas de Turma do PPGEL 2023.1, nas aulas e nas discussões construtivas, aos amigos Acerdes, Luciana Lago, Jeovana, obrigada por estarem sempre solícitos. Aos queridos do GEPLET, professoras e colegas, em especial à super Janaina (obrigada por cada mensagem de incentivo), Karyna (grata por todo apoio), vocês são

especiais para mim. A Martinha Pastor, muitíssimo obrigada pela sua generosidade nas trocas e na disponibilidade sempre. A Carlos, obrigada pela cuidadosa tradução do texto para o inglês e pelas constantes palavras de incentivo. Em nosso GEPLET, sob a coordenação da professoras doutoras Úrsula Anecleto e Fabíola Vilas Boas, cada momento formativo com o grupo se tornou em construções enriquecedoras, subsidiadas pelos estudos, pelas trocas, sobretudo, pela amizade que se fortalecia em cada encontro. Sou uma glepletiana de coração.

Ao pastor Jamir Sbrana, pelo aceite da realização desta pesquisa e por ser um líder inteiro, pesquisador e comprometido com os princípios bíblico, sobretudo por apoiar o nosso Ministério com Surdos na Primeira Igreja Batista de Feira de Santana (PIBFS). Aos meus irmãos da PIBFS, obrigada pelas intercessões. Aos queridos irmãos/amigos do Grupo MALP, aos que puderam participar da pesquisa e a todos os outros amados sinalizantes ou não. **Este estudo é sobre e para vocês! Inspirado em vocês!** Às amigas/irmãs, companheiras, intérpretes de Libras Dani Moreno (grata pela torcida e palavras), Dani Moraes, Emanuelle (coleguinha!), Marina, Ellen, Leiana. Fico grata pela parceria diária e por todo o apoio que sempre me deram e pela interpretação na qualificação. A Lidy, obrigada pelas primeiras leituras sobre a Libras e por lembrar de partilhar comigo durante a sua formação no Letras Libras. Amo vocês!

Por fim, a eterna gratidão para a pessoa cujas mãos estiveram sempre inclinadas a construir junto comigo, a direcionar-me com competência, exigência e sobretudo com sensibilidade neste estudo, me ensinado a rasurar conceitos enjados e a transgredir os novos, ressignificando sentidos e práticas com respeito e seriedade. Ela, que enxerga nas entrelinhas e nos motiva a aprender através dos Estudos dos Letramentos, nos levando a refletir sobre a importância das nossas percepções sobre nós e sobre o mundo, porém, mantendo-nos atentos a considerar sempre a leitura interpretativa do outro e as suas proposições com humildade. À minha amada orientadora, a quem também dedico este estudo, este texto que é nosso. Oferto, contudo, o meu respeito e a minha profunda admiração: Profa. Dra. Úrsula Anecleto, obrigada por todo incentivo, pelas palavras motivadoras, por aceitar me orientar, por cada sugestão de alteração capaz de ampliar a beleza deste estudo e por renovar as minhas energias, e de todos os outros discentes, quando perdemos o fôlego, com seus conhecimentos reverberados nos sorrisos de alegria constante, durante às aulas e nas orientações e, sobretudo, agradeço, por você saber encontrar e reconhecer, generosamente, sempre, o melhor, lá nas entrelinhas do ser humano.



Obrigada a todos!

*Dedico esta pesquisa às mãos amigas, parceiras, acolhedoras, sinalizantes ou não, que
estiveram/estão presentes em minha caminhada.*

Ao grupo MALP, com amor.

Consagração

*“Rei dos reis, consagro tudo o que sou
De gratos louvores transborda o meu coração
A minha vida eu entrego nas tuas mãos, meu
Senhor
Pra te exaltar com todo meu amor*

*Eu te louvarei conforme a tua justiça
E cantarei louvores
pois tu és altíssimo.*

*Celebrarei a ti, ó Deus, com meu viver
Cantarei, contarei as tuas obras
Pois por tuas mãos foram criados
Terra, céu e mar e todo ser que neles há*

*Toda a Terra celebra a ti
Com cânticos de júbilo
Pois tu és o deus criador*

[...]

*A honra, a glória, a força
E o poder ao rei Jesus
E o louvor ao rei Jesus”*

Aline Barros

RESUMO

Reconhecendo que a atividade de leitura é imprescindível para a formação reflexiva das pessoas e que as práticas de letramentos se diferenciam de acordo com os contextos sociais, esta pesquisa de mestrado tem como objeto de estudo a discussão sobre as formas de atribuição de sentidos aos textos do ambiente religioso, especificamente de uma igreja evangélica, realizadas por pessoas Surdas. Apresenta como objetivo geral compreender como a participação em eventos de letramentos religiosos oportuniza a formação leitora em Língua Portuguesa da pessoa Surda, integrante do Ministério de Acessibilidade em Libras e em Língua Portuguesa (MALP). A pesquisa se apoia, teoricamente, nos estudos sobre Letramentos, Leitura e Surdez sócio-cultural. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, devido à ambiência da pesquisadora no *locus* da pesquisa. Além disso, a etnografia se justifica na pesquisa por propor um envolvimento ativo e consensual entre a pesquisadora e os participantes. Como dispositivos de pesquisa, optou-se pela observação participante, entrevistas semiestruturadas e anotações no diário de campo. O *locus* da pesquisa é uma instituição evangélica, denominada Primeira Igreja Batista, situada em Feira de Santana, Bahia, especificamente, o Ministério MALP, considerado neste estudo como uma microagência de letramento. Como resultados, identificou-se o papel que a leitura de texto em LP exerce na formação linguística e textual da pessoa Surda, principalmente, em relação ao conhecimento das funcionalidades, da estrutura e do papel sociocomunicativo dos gêneros textuais que fazem parte do contexto religioso estudado. Além disso, observou-se que os participantes da pesquisa constroem (e construíram), a todo momento, táticas de leitura para a atribuição de sentidos aos textos em LP, por movimentos de antecipação (ao acionarem conhecimentos prévios sobre a religião e os textos que fazem parte dessa agência), decifração (ao relacionar conhecimentos sobre a língua/linguagem em Libras ao universo de LP) e interpretação (ao atribuírem sentido aos textos em LP a partir dos movimentos de interação entre Surdos e intérpretes durante a realização dos eventos de letramento no MALP).

Palavras-chave: eventos de letramento; atividades de leitura em LP; instituição religiosa; pessoa Surda.

ABSTRACT

Recognizing that reading activity is essential for people's reflective formation and literacy practices differ according to social contexts, this master's research aims to discuss how deaf people attribute meaning to texts in the religious environment, specifically in an evangelical church. Its general objective is to understand how participation in religious literacy events provides opportunities for reading training in Portuguese for deaf people, members of the *Ministério de Acessibilidade em Libras e em Língua Portuguesa* (MALP). The research is theoretically based on studies on literacy, reading and sociocultural deafness. Methodologically, this is qualitative ethnographic research, due to the researcher's environment in the research locus. Furthermore, ethnography is justified in research because it proposes active and consensual involvement between the researcher and the participants. As research devices, participant observation, semi-structured interviews and notes in the field diary were chosen. The locus of the research is an evangelical institution, Primeira Igreja Batista, located in Feira de Santana, Bahia, specifically, the MALP Ministry, considered in this study as a micro-agency of literacy. As a result, the role that reading text in Portuguese plays in the deaf person's linguistic and textual formation was identified, mainly concerning the knowledge of the functionalities, structure and socio-communicative role of the textual genres that are part of the religious context studied. Furthermore, it was observed that the research participants construct (and constructed), at all times, reading tactics for attributing meaning to texts in Portuguese, through movements of anticipation (when activating previous knowledge about religion and the texts that are part of this agency), deciphering (when relating knowledge about the language/language in Libras to the universe of Portuguese) and interpretation (when attributing meaning to texts in LP based on the movements of interaction between Deaf people and interpreters during literacy events at MALP)..

Keywords: literacy events; reading activities; religious institution; Deaf person.

RESUMO EM LIBRAS



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADEFS	Assembleia de Deus em Feira de Santana
AND	Operador Booleano usado na revisão de literatura para combinar as categorias que serão pesquisadas
ASL	American Sign Language – Língua de Americana de Sinais
ASFS	Associação de Surdos de Feira de Santana
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CIP	Dados Internacionais de catalogação na Publicação
CM	Configuração de Mãos
DI	Descritivos Imagéticos
DV	Descritivos Visuais
EBD	Escola Bíblica Dominical
ENM	Expressões não manuais
ETEP	Escola Técnica Everardo Passos
FTC	Faculdade de Tecnologia e Ciências
GEEDI	Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Diversidade
GEPLET	Grupo de Estudos e Pesquisas em Multiletramentos, Educação e Tecnologias
IES	Instituição de Ensino Superior
IESP	Instituto Educacional São Paulo
JMN	Junta de Missões Nacionais
L.	Locação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LP	Língua Portuguesa
LP	Long Playing – Disco de vinil que serve para reproduzir sons e músicas
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LS	Língua de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Língua de Sinais Francesa
STS	Língua de Sinais Sueca
LT	Linguística Textual
M.	Movimento
MALP	Ministério de Acessibilidade em Libras e em Língua Portuguesa
NVI	Nova Versão Internacional
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NEL	Novos Estudos de Letramento
NOC	Núcleo de oração e comunhão
O	Orientação da palma da mão
PA	Ponto de Articulação
PIBFS	Primeira Igreja Batista de Feira de Santana

PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
PROLIBRAS	Exame Nacional de Certificação de Proficiência na Libras
PUC	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RJ	Rio de Janeiro
RL	Revisão de Literatura
RLN	Revisão de Literatura Narrativa
SEDUC	Secretária de Educação
SP	São Paulo
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIASSELVI	Centro Universitário Leonardo da Vinci
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TEA	Transtornos do Espectro Autista
TILSP	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Alfabeto Manual	26
Figura 2 –	Manossolfa e os sons correspondentes de acordo com a representação gráfica das notas musicais	27
Figura 3 –	Participação na manifestação cultural junto com a Associação de Surdos de Feira de Santana-BA, em comemoração ao Dia Nacional do Surdo	31
Figura 4 –	Print da página na rede social Instagram, denominada “Albery Libras”	33
Figura 5 –	Estudante e intérprete sinalizando o espaço escolar - Sala de reuniões	34
Figura 6 –	Conferência em comemoração ao Setembro Surdo: Falas Surdas em Movimento	35
Figura 7 –	Fachada do Centro Municipal Integrado de Educação Inclusiva e a representação visual (sinal) em Libras	36
Figura 8 –	Táticas para a leitura como produção de sentido	45
Figura 9 –	Táticas para a leitura como processo interacional	48
Figura 10 –	Táticas de leitura como produção de sentido e processo de interação	49
Figura 11 –	Requisitos utilizados para a produção e a recepção de uma informação em Libras: a visão, os movimentos das mãos, e as expressões faciais e corporais	51
Figura 12 –	Características linguísticas que definem Libras como uma língua completa	52
Figura 13 –	Contrastes entre Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa	54
Figura 14 –	Exemplo da diferença lexical entre Libras e Língua Portuguesa	55
Figura 15 –	Alfabeto Manual da Língua Brasileira de Sinais (Libras)	55
Figura 16 –	Representação, em Libras, do sinal de sinal de presença, presente ou vida, enfatizando os 03 parâmetros primários: (CM); (L); (M)	58
Figura 17 –	Parâmetros primários da Língua Brasileira de Sinais com base nos estudos de Ferreira-Brito (1990)	59
Figura 18 –	Espaço de sinalização e principais áreas de articulação dos sinais com base nos estudos de Battison (1978)	59
Figura 19 –	Conjunto de configurações de mãos (CM) da Libras, extraído dos estudos do Grupo de Pesquisa do Curso de Letras Libras do INES	60
Figura 20 –	Sinal de “fácil” em Libras	60
Figura 21 –	Sinal de “cadeira e “sentar” em Libras	61
Figura 22 –	Alfabeto Manual	66
Figura 23 –	Alfabeto Manual descrito no livro “ <i>Reducción de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos</i> ”, de Juan Pablo Bonet, século XVII	67
Figura 24 –	Representação mais recente do Alfabeto Manual, descrito no livro “ <i>Reducción de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos</i> ”, de	67

	Juan Pablo Bonet, século XVII	
Figura 25 –	Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, fundada pelo Abade Charles-Michel de l'Épée, em 1760, em Paris, França	69
Figura 26 –	Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)	1
Figura 27 –	Etapas da pesquisa etnográfica	79
Figura 28 –	Etapas da observação participante	81
Figura 29 –	Cronograma de atividades de pesquisa – observação participante e entrevista semiestruturada	82
Figura 30 –	Fachada atual da PIBFS	83
Figura 31 –	Ministérios da PIBFS	84
Figura 32 –	Logomarca do Grupo MALP e a representação do seu sinal em Libras - Imagem 01 (primeira versão) e Imagem 02 (versão atual)	85
Figura 33 –	Projeto de formação continuada para atuação no MALP da PIBFS	86
Figura 34 –	Teatro Surdo, realizado como comemoração do Setembro Surdo em	87
Figura 35 –	Identificação e características dos participantes da pesquisa em LP e em Libras	89
Figura 36 –	Gêneros textuais presentes na EBD	95
Figura 37 –	Cartaz informativo disponibilizado na classe da EBD do MALP	96
Figura 38 –	Capa da revista utilizada na EBD do MALP	97
Figura 39 –	Página inicial da Lição 1, I Unidade	99
Figura 40 –	Texto em Libras na lição 1, Unidade I	100
Figura 41 –	Bíblia Sagrada (capa azul) na mesa da sala do MALP	101
Figura 42 –	Parte do slide apresentado no MALP	102
Figura 43 –	Táticas de leitura utilizadas pelos participantes da pesquisa	104
Figura 44 –	Parte do slide apresentado na EBD do MALP	108
Figura 45 –	Classificador em Libras representando o trecho do versículo “não andar escuro”	109

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 –	Dissertações encontradas no repositório da CAPES, a partir das palavras-chave eventos de letamentos religiosos AND atividades de leitura	40
-------------------	--	----

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	21
1.1	IMPLICAÇÕES COM A PESQUISA: CAMINHOS QUE ME JUSTIFICAM	25
1.2	BUSCANDO “REDES”, FORTALECENDO OS ESTUDOS ATRAVÉS DA REVISÃO DE LITERATURA	37
2	CONCEPÇÕES E TÁTICAS DE LEITURA: DIÁLOGOS ENTRE A LINGUÍSTICA APLICADA E OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO	43
2.1	LEITURA COMO INTERAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO: DIÁLOGOS COM A LINGUÍSTICA TEXTUAL E OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO	44
3	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS E CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO: A FORMAÇÃO DOS SINAIS	52
3.1	REFLEXÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS E DA LIBRAS	56
4	PESSOAS E IDENTIDADES SURDAS: LEITURA E SENTIDO-INTERAÇÃO	63
4.1	CONTEXTO HISTÓRICO PARA A CONCEPÇÃO DE PESSOAS SURDAS	63
4.2	PESSOAS, LÍNGUA E IDENTIDADES SURDAS: ALGUMAS DISCUSSÕES	72
5	METODOLOGIA	77
5.1	TIPO DE PESQUISA: ETNOGRÁFICA	78
5.2	DISPOSITIVOS DE PESQUISA: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA E DIÁRIO DE CAMPO	80
5.3	<i>LOCUS</i> DA PESQUISA	83
5.4	PARTICIPANTES DA PESQUISA	87
5.5	PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA	91
6	AS ATIVIDADES DE LEITURA NO MALP	93
6.1	GÊNEROS TEXTUAIS ACIONADOS NA EBD DO MALP: PERSPECTIVA MULTISSEMIÓTICA DO TEXTO	94
6.2	LEITURA DE TEXTOS EM LP PELA PESSOA SURDA: MOVIMENTOS DE ANTECIPAÇÃO, DECIFRAÇÃO E INTERPRETAÇÃO	103
6.3	COMPREENSÃO LEITURA DE TEXTOS EM LP PELA PESSOA SURDA: ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS AOS TEXTOS DA ESFERA RELIGIOSA	110
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICES	124

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS



Desde os primeiros anos de vida, a pessoa está situada em um mundo onde a leitura está presente em diversas situações do cotidiano, tais como nos cantos e nos contos que embalam as crianças, nos livros ou até mesmo nos meios de comunicação e de interação que existem ao redor da família, possibilitando que o indivíduo, desde pequeno, cresça dentro de ambientes letrados, que podem ser considerados como espaços não formais de aprendizagem.

À proporção que a criança cresce, ela começa a se apropriar das culturas textuais dos adultos, o que contribui para a ampliação do contato com as diversas modalidades de texto, tanto da esfera escrita, quanto da verbovisual, oral, sinestésica, dentre outras, desenvolvendo, dessa forma, a sua compreensão leitora. O texto, então, representa uma manifestação multissemiótica², constituída de diversas linguagens intencionalmente selecionadas, de modo que permita a interação entre as pessoas, a partir de suas atuações de acordo com práticas socioculturais (Koch, 2003).

Assim, o texto é constituído a partir da interação com os artefatos culturais, o que promove a sua significação. Nesse sentido, significar um texto compreende exercer um movimento de diálogo com as diversas linguagens presentes em sua constituição, levando em conta elementos socioculturais e políticos atinentes aos (con)textos, o que caracterizamos como prática de leitura. Para Koch (2008, p.11), “a leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos”. Nesse sentido, “Ler é compartilhar os sentidos de uma sociedade” (Cosson, 2014, p. 39) por meio de diversas semioses, tais como linguística, visual, oral, sinestésica, dentre outras.

¹ Considerações Iniciais, em Libras, traduzido pelo aplicativo *Hand Talk*, na primeira figura, e traduzido pela pesquisadora, no QR. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias.

² Dizemos de textos que utilizam diferentes linguagens.

Para Koch (2008) e Cosson (2014), a leitura acontece através da interação do autor, que representa os seus pensamentos e deseja que esses sejam compreendidos pelo interlocutor, também participante ativo do ato de ler. No entanto, nesse processo interativo, é necessário que os participantes recorram a um conjunto de saberes prévios para a promoção da interação entre autor, texto, leitor e contextos socioculturais. Além disso, para a compreensão de um texto, é acionado o conhecimento de contextos sociocognitivos (conhecimento enciclopédico, sociointeracional, procedural, textual, dentre outros), que são compartilhados entre os interagentes na leitura.

Por essa perspectiva, a leitura é compreendida como uma prática de letramento situada a contextos socioculturais vivenciados pelos participantes. Partimos da concepção de Letramentos como o conjunto de práticas sociais que se utilizam da leitura (e de outras práticas de linguagem, tais como oralidade e produção textual) em contextos e para objetivos específicos, que acontecem em diversos espaços da sociedade (Kleiman, 2008). Essas práticas, também, são discursivas e estão intrinsecamente ligadas a situações em que são desenvolvidas, dentre elas, podemos destacar a situação escolar, a religiosa, a laboral, entre outros.

Além disso, o modo de funcionamento das práticas de letramento, compreendidas como elementos macros da interação pela linguagem, influencia as pessoas envolvidas nas ações comunicativas, em relação à construção de suas próprias identidades. Ancoradas em Kleiman (2016, p. 13), afirmamos que a prática de letramento deve ser:

realizada em um contexto físico específico de uma determinada esfera de ação, com participantes singulares engajados em atividades que os motivam, as quais estes realizam mobilizando práticas de letramento para lidar com o texto escrito e outros artefatos culturais [...] e fazer sentido da situação, na qual o texto escrito circula ou está como pano de fundo, subentendido.

Ainda de acordo com a autora, as práticas de letramentos circulam pelas mais diferentes esferas sociais e em torno dos sujeitos que transitam por diversos contextos, sendo necessário que eles estabeleçam relações para compreensão e interpretação de mundo para a conquista da autonomia linguística e cultural.

Portanto, as práticas de letramento, situações que provocam a necessidade da leitura e da produção de textos para a interação social, são marcadas por eventos de letramento, que correspondem aos momentos únicos e às situações específicas em que as práticas de linguagem (Street, 2012), neste estudo especificamente a leitura, acontecem em sociedade. Os eventos de letramento são “[...] ocasiões em que as práticas de linguagem são acionadas para a promoção de atividades de interação, mediadas por diversos meios sociotextuais” (Silva; Anecleto, 2023, p. 143).

Embora seja atribuída à escola a configuração principal do espaço formador de leitores e a responsabilidade em promover diversas práticas de letramento e, dessa forma, ampliar o capital cultural de adolescentes e de jovens, principalmente, compreendemos que os eventos de letramento ocorrem também em outros locais na sociedade letrada. Por conseguinte, o desenvolvimento do conhecimento vocabular, linguístico, semântico, textual, dentre outros, também é acionado em outros espaços comunicativos, a exemplo de clubes, associações, lares e instituições religiosas, a partir dos eventos de letramento específicos e familiares aos grupos que os acionam. A esses espaços sociais de leitura Street (2012) denomina de agência de letramento.

A agência de letramento é um espaço sociodiscursivo que envolve diversos modos textuais pelos quais se torna possível ao agente (aquele que age pela linguagem) atuar no mundo pelas práticas de linguagem, de forma crítica, engajada e problematizadora (Kleiman, 1995; Street, 2012). Como já apresentado nesta dissertação, além da escola, existem outras agências promotoras de eventos de letramentos, dentre eles as atividades de leitura.

Por exemplo: a família, quando um parente conta uma história para alguém, a rua, quando pessoas buscam informações através das placas de sinalização e nos pontos de referência, o local de trabalho, a partir dos textos informativos que circulam dentro do espaço profissional, as mídias, pelas trocas de mensagens diversificadas, assim como nas instituições religiosas, nas quais transitam uma enorme variedade de gêneros textuais³, que as pessoas utilizam como meios interativos e dialógicos, que reverberam em aprendizagens pertencentes tanto ao letramento religioso quanto a outros modos letrados. As agências de letramento, portanto, são espaços de aprendizagens em que as atividades de leitura devem promover a inclusão de diferentes atores, inclusive daquelas pessoas que possuem necessidades educacionais específicas.

Para esta pesquisa, elegemos como *locus* de estudo um espaço religioso, no qual ocorre uma diversidade de eventos de letramentos situados, tais como a leitura de músicas, de textos bíblicos, informativos evangélicos, lições da escola bíblica dominical, dentre outros gêneros textuais. Segundo Kleiman (2008), a agência apresenta orientações diversificadas de letramento, através de suas atividades de leituras individuais e coletivas, fato que também é

³ Os gêneros textuais, conforme nos apresenta Marcuschi (2002), correspondem aos modos de materialização dos textos com os quais dialogamos no cotidiano. Esses textos apresentam certas características sociocomunicativas relativamente definidas a partir do conteúdo proposicional, propriedades funcionais, estilo linguísticos/linguagem e de composição. Marcuschi (2002) também apresenta a concepção de tipos de texto, no entanto, essa categoria não coaduna com os estudos dos Letramentos, a partir da abordagem dos Novos Estudos dos Letramentos, de Street (2014), a qual esta pesquisa se filia. Dessa forma, os tipos de texto não serão objeto deste estudo.

evidenciado nas igrejas e/ou outras instituições religiosas onde circulam esse modo letrado.

Por essa perspectiva, a igreja, como agência de letramento, apresenta diversos espaços interacionais, que são denominados neste estudo de micro-agências de letramento: espaço mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes a esferas específicas da sociedade para que as pessoas participem das práticas sociais de letramento, de forma reflexiva e situada (Kleiman, 2006). Para tanto, apresentamos aqui a micro-agência de letramento denominada Ministério de Acessibilidade em Língua Brasileira de Sinais e em Língua Portuguesa (MALP), espaço-tempo sociointeracional, que promove eventos de letramento religioso a um grupo de membros de uma instituição religiosa.

O MALP é um grupo de pessoas evangélicas, ouvintes e Surdas, que promove a acessibilidade linguística para pessoas Surdas, que se comunicam através da Libras, oportunizando o acesso à Língua Portuguesa. O MALP é um ministério que faz parte da Primeira Igreja Batista, na cidade de Feira de Santana (BA), e conta com um número de seis integrantes Surdos⁴ frequentantes. São vivenciados os seguintes eventos de letramento nesse grupo: a interpretação de Libras para Língua Portuguesa e de Língua Portuguesa para Libras, esse último o evento de letramento mais realizado no grupo, em todas as atividades da instituição.

Além disso, são realizados estudos bíblicos em Libras exclusivos para Surdos, atividades socioculturais (teatro, coreografia, encontros de lazer etc.), acompanhamento familiar do integrante, traduções intralinguais e interlinguais, cursos de Libras e para interpretação. Em todas as ações do grupo existem as interações linguísticas dos textos em Português e em Libras. Nesse sentido, os textos em Língua Portuguesa que transitam na micro-agência de letramento MALP são importantes e necessários para a ampliação do capital cultural dos Surdos. Entretanto, não devem exercer a função colonizadora para um modo único de leitura.

Diante dessa perspectiva, reconhecendo que a atividade de leitura é imprescindível para a formação reflexiva do integrante do grupo MALP, além de entendermos que as práticas de letramento realizadas nesse grupo se diferenciam de acordo com os contextos sociais de seus participantes, apresentamos a seguinte questão problematizadora: de que maneira os eventos de letramentos religiosos do MALP contribuem para a formação leitora de textos multissemióticos em Língua Portuguesa por pessoas Surdas?

⁴ A escolha pela utilização do termo Surdo, com a grafia em S maiúsculo, refere-se ao entendimento de que o Surdo é um sujeito cultural e político, ratificando a concepção da surdez como diferença e não como deficiência. Essa representatividade ideológica está ancorada nos estudos culturais Surdos (Wilcox; Wilcox, 2005).

Para responder a essa questão e proceder aos movimentos de pesquisa, apresentamos como objetivo geral compreender como a participação em eventos de letramentos religiosos contribui para a formação leitora em Língua Portuguesa da pessoa Surda, integrante do MALP. Os objetivos específicos são: 1) mapear as atividades de leitura de textos religiosos em Língua Portuguesa realizadas pelos surdos no MALP; 2) identificar quais táticas⁵ de leitura são as mais acionadas pelos Surdos para a atribuição de sentido aos textos religiosos em Língua Portuguesa; 3) analisar como ocorre a atribuição de sentido aos textos em LP pela pessoa Surda a partir do movimento interpretativo da pesquisadora e das táticas leitoras identificadas no campo da pesquisa.

1.1 IMPLICAÇÕES COM A PESQUISA: CAMINHOS QUE ME JUSTIFICAM

A trajetória de vida de cada indivíduo é moldada por uma série de caminhos únicos e experiências que o levam aonde deseja chegar. Aqui, neste espaço memorialístico, apresento minhas⁶ andarilhagens, que podem ser definidas como uma combinação de desafios superados, oportunidades aproveitadas, escolhas realizadas, erros cometidos, acertos e conquistas comemoradas. Esses elementos são os caminhos que justificam e enriquecem minha trajetória pessoal e profissional, levando-me até a construção desta dissertação.

Minha primeira cena de letramento me remete ao final da década de 80, quando, ainda adolescente, tive contato com aspectos de uma língua/linguagem gestual-visual. Lembro-me de que, em um dos rotineiros cultos realizados aos domingos na Igreja Assembleia de Deus, em Feira de Santana (ADEFS), estava sentada no primeiro andar do templo, tentando me comunicar, durante a reunião religiosa, com duas amigas que estavam no andar térreo, usando o alfabeto manual. Éramos adolescentes e gostávamos muito de interagir umas com as outras. No entanto, os adultos responsáveis por nós tentavam nos manter separadas para evitar conversas paralelas durante os cultos.

Por não estarmos próximas durante a reunião religiosa, passamos a utilizar outra forma de comunicação, que nos permitiu a interação, no entanto, com o uso das mãos. O alfabeto manual, uma língua gestual-visual que me foi apresentada por uma das amigas (Quesia Mascarenhas), nos possibilitava soletrar nome de pessoas sobre as quais falávamos, informar sobre os lugares que havíamos frequentado durante a semana, dentre outros assuntos. Assim,

⁵ Optamos pela utilização do termo tática, a partir da compreensão apresentada por Certeau (1994). Para o filósofo, as táticas são ações que rompem com o já estabelecido e que podem nos levar a resultados imprevisíveis. Nesse sentido, as táticas poderão proporcionar à pessoa Surda diferentes modos de realizar a leitura, a partir de suas capacidades inventivas.

⁶ Nesta seção do texto, peço licença aos leitores para utilizar a 1ª pessoa do singular, pois apresento fatos da minha trajetória como integrante do MALP e pesquisadora.

ao utilizar a datilologia, conforme apresentado na figura 1, comecei a ter o primeiro contato, embora ainda de forma inconsciente, com uma forma de interação utilizada pela pessoa Surda.

Figura 1 - Alfabeto Manual

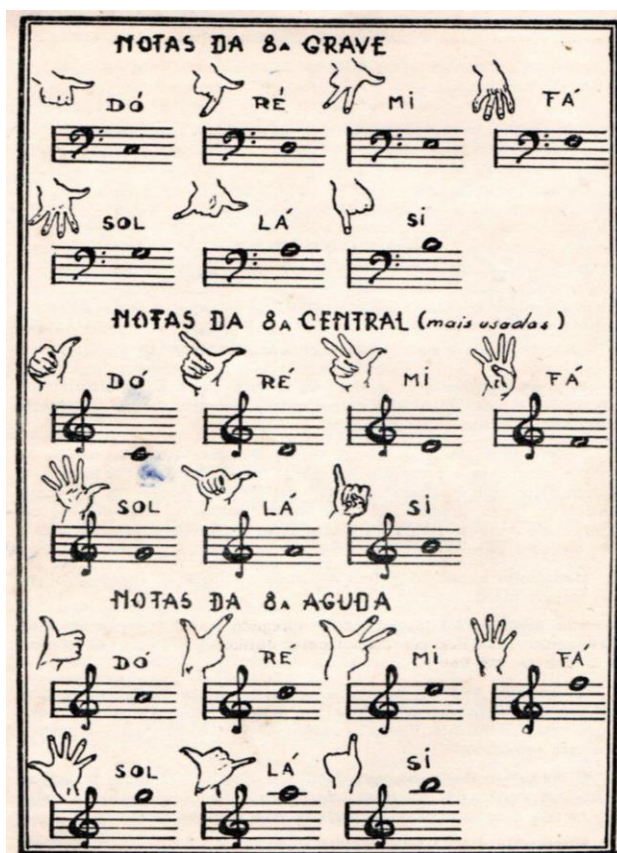


Fonte – Disponível em: <https://escritadesinais.com/2010/09/07/alfabeto-manual-ou-datilologia/>.
Acesso em: 1 abr. 2024.

Éramos estudantes de música, na escola de Música da Igreja Assembleia de Deus e no Seminário de Música, conhecido posteriormente como Centro Universitário de Cultura e Arte da UEFS. Nesses dois espaços, utilizamos a linguagem musical (que estava atrelada estritamente aos movimentos das mãos e do corpo nas práticas como: solfejos musicais, regências, movimentos rítmicos, uso de instrumentos e entre outros).

Nesse contexto, para nos familiarizarmos com o alfabeto manual (da Língua Brasileira de Sinais) foi instantâneo, pois já tínhamos contato com a gesticulação das mãos, através da “Manossolfa”, que é o canto das notas musicais representadas por meio dos gestos das mãos, também conhecido como “Mão musical” (Priolli, 1953), dentre outros nomes citados por outros autores, mas, para entendimento do leitor, citarei somente esse. Abaixo, apresento a imagem da Manossolfa, retirada do livro de Maria Luiza Mattos Priolli (1953), intitulado “*Princípios básicos da música para a juventude*”.

Figura 2 - Manossolfa e os sons correspondentes de acordo com a representação gráfica das notas musicais.



Fonte - Priolli (1953, p. 116)

O sistema Manossolfa auxilia na compreensão da posição do som ou nota tanto na modalidade gráfica, quanto na aplicação da voz da pessoa. A prática de utilizar esse sistema facilitou o aprendizado do Alfabeto Manual e da datilologia, que é a construção (digitação no ar) das palavras usando as formas das mãos para representar as letras, embora ambas sejam diferentes na estrutura e no sentido de produção.

Dessa maneira, afirmo que o contato com a linguagem de sinais (assim denominada na época dos anos 80), a partir do alfabeto manual, tornou-se um grande momento de conquista de uma nova aprendizagem, descontração e me ajudou a superar um dos períodos mais tristes que vivenciei: a morte de minha amada mãe, professora Irene Vasconcelos, em 09 de maio de 1989. Entretanto, jamais imaginei que aquela forma de dialogar com as mãos com minhas amigas da igreja se tratava de uma língua e, mais ainda, que futuramente seria reconhecida como meio de comunicação e de expressão da comunidade Surda no Brasil, fato ocorrido a partir da lei 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sobre a inclusão do surdo no sistema educativo brasileiro.

Ainda no final da década de 80, eu e minhas amigas da igreja ampliamos nosso interesse por essa língua gestual-visual com o lançamento da primeira versão do *single* “Abecedário da

Xuxa”, da apresentadora de programa infantil, Xuxa Meneghel⁷. A música, que foi divulgada de forma mais ampla no LP “Xuxa Festa”, em 2005, alcançou um grande sucesso, principalmente devido à oficialização da Libras, ainda recente.

O tempo passou e, em fevereiro de 2004, passei a me dedicar ao estudo dessa língua que, anteriormente, era utilizada por mim apenas como um código secreto com minhas amigas para dialogarmos durante as reuniões na igreja. Assim, meu primeiro contato com Libras, agora como estudante da língua, despertou em mim a necessidade de conhecer um pouco mais sobre a comunidade surda e a vontade de atuar na área de Educação Inclusiva.

Tive o incentivo da minha primeira professora de Libras, Lidineia Barreto, que também foi colega de trabalho em uma determinada escola privada, e participante da PIBFS, onde efetivamente iniciei meus estudos e minhas pesquisas em/sobre Libras. Ela me motivava a aprender com suas aulas e através de livros (com dedicatórias incentivadoras) que me presenteava cuidadosamente, além das indicações de cursos de capacitação na área. Depois, tive a oportunidade de conhecer outros professores, que se tornaram referências para mim, como Marcílio Vasconcelos, Albery, que tantas vezes citarei neste memorial.

Em 2006, iniciei minha atuação na esfera pública estadual em Ipecaetá - Bahia, no Colégio Estadual Áureo Filho. Nessa instituição, lecionei os componentes disciplinares Metodologia da Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado, no antigo curso de Magistério. As disciplinas, que têm como finalidade contribuir com a formação do futuro professor, se constituíram em espaço-tempo importante para refletir com os estudantes sobre a Educação Inclusiva e a necessidade de atenção para esses estudantes, para que não fossem invisibilizados nas salas de aula.

Foi desafiador ministrar em turmas com mais de cinquenta alunos, sendo que alguns deles demonstraram dificuldades na leitura, uma vez que um dos objetivos das disciplinas era buscar procedimentos metodológicos para o ensino da Língua Portuguesa, que contemplasse alunos da educação do campo, alguns deles com diagnósticos de comprometimentos cognitivos e intelectuais. Entretanto, o desafio me incentivou a levar primeiramente para sala de aula, de forma prática, uma maneira significativa de trabalhar a leitura.

Primeiramente, foi necessário conhecer os alunos que faziam parte da classe: a cultura local (música, o modo de falar daquele grupo), em seguida, agendamos visitas nas escolas nas áreas rurais para que eu e os estagiários percebêssemos a realidade dos estudantes que seriam

⁷ Xuxa Meneghel (1963) é apresentadora de TV, cantora e empresária brasileira. É umas das apresentadoras de televisão mais longevas e bem sucedidas do Brasil. Disponível em: https://www.ebiografia.com/xuxa_meneghel/. Acesso em: 1 abr. 2024.

observados e, depois, elaborei um projeto de leitura, com pequenas ações na sala de aula, para os alunos utilizarem durante o período de regência no estágio supervisionado.

Posteriormente, em 2007, no Colégio Municipal Joselito Amorim, conhecido como “Colégio Municipal”, agora já em Feira de Santana, iniciei minha atuação de maneira mais formal na Educação Inclusiva, *a priori*, em turmas que, em sua maioria, possuíam alunos ouvintes e poucos alunos com necessidades educacionais específicas, dentre elas, a surdez. Sentia-me angustiada com a situação das crianças, dos adolescentes e dos jovens Surdos que frequentavam a sala de aula, mas não conseguiam interagir com os professores e os colegas, além de pouco compreenderem os conteúdos ministrados em classe.

Logo, despertou em mim um incômodo profundo, pois tudo parecia estar em descompasso com os princípios fundamentais da inclusão preconizados por Freire (1983, p. 30), mencionados a seguir, os quais serviam de guia para minha atuação docente:

[...] quando um homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.

Ao visualizar e vivenciar a situação de exclusão pela qual passavam os alunos Surdos, ampliei minhas reflexões sobre a situação apresentada e decidi realizar ações concretas naquele espaço escolar. Assim, implementei práticas de ensino em Libras, introduzindo a língua de sinais no cotidiano escolar, o que contribuiu para a interação entre Surdos e ouvintes em vários espaços escolares. Além disso, desenvolvi atividades com projetos de leituras envolvendo o teatro, a poesia, as narrativas e até a música, aproximando as culturas ouvintista e surda.

O primeiro projeto foi com a História de Chapeuzinho Vermelho, cuja culminância foi uma apresentação do teatrinho musical, todo em Libras. Os alunos ouvintes do 2º ano apresentaram para as turmas de estudantes Surdos. Essa e outras atividades realizadas na escola e fora dela causaram um verdadeiro “burburinho” na escola, mas de forma muito positiva. Devido a isso, em 2008, recebi um presente desafiador da coordenação: uma turma do 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em que os alunos eram Surdos; alguns deles, também, apresentavam outras especificidades, tais como baixa visão, paralisia cerebral, mobilidade reduzida e deficiência física.

Continuei a trabalhar com a proposta de projetos de leitura em Libras como L1 e Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como L2. O primeiro projeto teve como tema “Planeta terra” e o segundo “Os Saltimbancos” (Chico Buarque). Os dois projetos tiveram a culminância com os alunos apresentando as atividades na língua de Sinais e em Língua Portuguesa, por meio

de cartazes produzidos por eles em classe.

Para contribuir com o trabalho na turma e fortalecer a construção identitária dos estudantes, contei com uma professora estagiária Surda, Elaine Figueredo, estudante do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com a qual tive muita interação e ampliação da rede de aprendizagem. Entretanto, apesar de realizar esse trabalho com os alunos Surdos, meu conhecimento em Libras ainda era relativamente básico. Precisei buscar outras formações na área para melhorar a comunicação com os alunos e a professora estagiária Surda para, portanto, dar mais sentido à minha prática pedagógica.

Todas essas experiências me proporcionaram a imersão na comunidade e na língua dos Surdos, o que se tornou, para mim, uma experiência educativa e pessoal transformadora. Neste mesmo ano, realizei a primeira tradução de Língua Portuguesa para Libras, que foi o relatório de estágio supervisionado de Elaine e, posteriormente, traduzi o meu Trabalho de Conclusão de Curso, tanto da graduação, quanto da pós-graduação. Elaine me batizou com o sinal pessoal⁸⁹, dando-me um sinal, que se tornou a minha identificação, em Libras. Além disso, o contato com ela me oportunizou a realização de serviços (voluntários) de interpretação para várias situações, a exemplo: dar entrada em processos dos proclamas no cartório, sendo essa minha primeira atuação fora do ambiente religioso como intérprete de Libras, na mediação entre paciente e médico em consultas e em outros momentos em que a pessoa Surda tinha necessidade de utilizar serviços públicos e privados.

A partir dessas atuações, como voluntária, iniciei minha participação em reuniões das Associação de Surdos de Feira de Santana (ASFS/BA), por volta de 2008, também como intérprete de Libras e, às vezes, como mediadora em questões administrativa (produção e encaminhamentos de ofícios e certificados de curso ou eventos promovidos pela Associação). A figura 3 apresenta uma de minhas participações na ASFS.

⁸ O batismo do sinal pessoal é um ritual que acontece quando um Surdo ou ouvinte entra na Comunidade Surda. Essa definição está ancorada em Quadros e Pimenta (2007). A pessoa Surda identifica, através de uma análise visual, alguma característica específica na outra e lhe atribui um sinal em Libras.

Figura 3 – Participação na manifestação cultural junto com a Associação de Surdos de Feira de Santana (BA), em comemoração ao Dia Nacional do Surdo



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora (2008)

Entretanto, embora já tivesse realizado ações de inclusão na escola, ainda tinha muitos desafios a superar. Dentre eles, destaco a promoção da alfabetização em Língua Portuguesa dos alunos Surdos, como forma de contribuir para o desenvolvimento integral desses alunos. Dessa forma, o trabalho com práticas de leitura e de escrita se tornou um dos compromissos pedagógicos de minha ação docente. No entanto, não planejava práticas que desenvolvessem apenas a decodificação ou a codificação de textos, mas percebia que o grande desafio era a construção de sentido aos textos, tendo em vista que alguns gêneros textuais se apresentam de forma metafórica ou com vocabulário não vivenciado pelo Surdo em Libras, o que dificultava a sua compreensão daquele artefato cultural.

Uma das ações (extraclasse) que considero positiva foram os encontros formativos que comecei a realizar com as mães dos alunos, que, por muitas vezes, não sabiam como se comunicar com seus filhos em Libras e, assim, apoiá-los nas atividades escolares ou domésticas. Esses encontros aconteciam mensalmente, em espaços abertos ou nas casas dos próprios alunos. Discutíamos sobre as especificidades da pessoa Surda, dificuldades e avanços, assim como a constituição linguística dos estudantes. As mães sempre foram muito receptivas e colaborativas. Inclusive, uma delas me inspirou naquela época e continua sendo motivação para a produção desta pesquisa: Tânia de Jesus Venas, mãe dedicada, que buscou formação acadêmica para contribuir com a educação da filha. Essa mãe tornou-se especialista na área da surdez, realizando atualmente um excelente trabalho como Intérprete de Libras em escolas públicas.

Retornando ao processo de tentar fazer e o aprender a fazer, encontrei outra pessoa que foi e é, dentre todos, o meu maior motivador para que eu contribuísse com a educação de Surdos: Albery França, antes um amigo, instrutor⁹ Surdo, que me apoiou quando precisei compreender como os Surdos atribuíam sentido ao texto em Língua Portuguesa. A aproximação com Albery promoveu outras interações, além de contribuir para minha compreensão da cultura Surda. Em 2015, tornou-se meu esposo, companheiro de jornada, professor especialista em Libras, parceiro de estudos e de trabalho; agora, em 2025, concluiu o mestrado em Educação Inclusiva, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Juntos, realizamos ações sociais, tais como: ensinar Libras aos Surdos que não tinham acesso à educação formal (por meio de mini-oficinas ou encontros informais em nossa casa, por exemplo), acompanhando-os, sempre que necessário, em consultas médicas, audiências judiciais, cartórios, reuniões familiares ou religiosas, entre outras atividades, seja atuando como intérpretes ou professores. Foi através de e com Albery que foi possível aprender sobre o mundo dos Surdos, que não é silencioso, como muitas pessoas ouvintes imaginam que seja. Pelo contrário, compreendi a forma como o Surdo lida com sons, tais como o toque do atabaque e do berimbau, tocados por ele, e os cantos da capoeira, além de outros ritmos, a exemplo do forró, samba, pagode e reggae gospel.

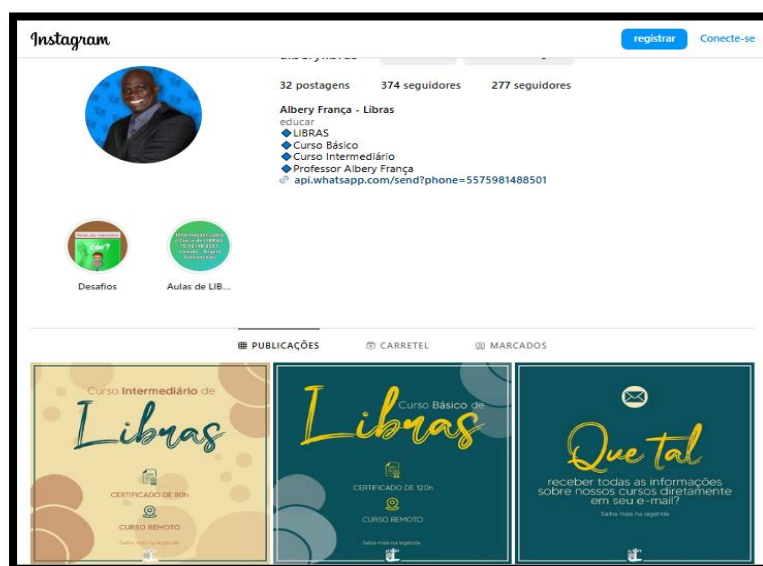
Reafirmo que o desenvolvimento dessas atividades e as experiências vivenciadas me serviram de incentivo para a realização de outras atividades com os Surdos. Dessa forma, ampliei a minha formação e, ao ser aprovada no Exame Nacional de Certificação em Proficiência para o uso e ensino de Libras para o nível superior (PROLIBRAS), em 2010, dediquei-me como formadora. Esse exame afirmou minha fluência como intérprete de Libras. Ambos, somado às outras formações, deram-me a base para atuar como apoio em salas multifuncionais (em escolas básicas municipais e estaduais). Promovi pequenos grupos de estudos de Língua Portuguesa como L2 para Surdos; realizei diversas formações em Libras em empresas e em espaços religiosos situados em Feira de Santana, além de, juntamente com Albery, fundarmos o curso de Libras inclusivo, que tem o desafio de garantir o uso da Língua de Sinais como o meio principal de comunicação, durante as aulas, garantindo a acessibilidade linguística tanto para os participantes Surdos, quanto para os ouvintes, no mesmo espaço.

Esses cursos eram desenvolvidos na PIBFS, em outras instituições religiosas

⁹ O termo Instrutor é utilizado à pessoa Surda que possui a formação técnica e ministra aulas de Libras para estudantes Surdos, validando o respeito pelos aspectos essenciais que constituem as identidades Surdas. Esta atuação tem respaldo legal no Decreto de nº 5.626 de 2005, em seu capítulo III, que dispõe sobre a formação do professor e Instrutor de Libras. Aqui reconheceremos este profissional como agente Surdo sob a ótica dos letramentos.

(voluntariamente), em indústrias ou em ambiente particular. Inclusive, durante o período pandêmico, entre 2020 a 2022, as aulas foram realizadas remotamente, dando origem ao empreendimento chamado de “Aprenda Libras”. Para desenvolver essa ação, construímos uma página na rede social Instagram, denominada “Albery Libras”, apresentada na figura 4, na qual eram realizadas lives para divulgação do nosso trabalho e interação com o público interessado pelas temáticas propostas. Os cursos ofertados eram online, nas modalidades básica, intermediária e avançada. Eu coordenava as ações e as aulas teóricas; Albery ministrava as aulas práticas.

Figura 4 – Print da página na rede social Instagram, denominada “Albery Libras”



Fonte – Instagram da pesquisadora (2020)

No percurso da formação acadêmica, cursei a primeira graduação em Letras Vernáculas, na Universidade de Santo Amaro. Nessa ocasião, defendi o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “O ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para surdos”. A pesquisa, embora tenha sido um embrião inicial de minha formação como pesquisadora da área, motivou-me a ampliar os estudos acadêmicos, iniciando a segunda graduação em Letras Libras, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e finalizando no Centro Universitário ETEP.

Também, realizei estudos sobre a temática em cursos de Especialização sobre Língua Brasileira de Sinais, Educação Inclusiva, Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Especial, e Atendimento Educacional Especializado, sempre problematizando a inclusão do Surdo na educação escolar, a partir de vários enfoques epistemológicos.

Esses caminhos abriram novos horizontes para o exercício da docência no magistério superior. Minha primeira experiência nessa fase de ensino ocorreu na Faculdade de Tecnologia

e Ciências (FTC), em 2010, como professora tutora bilíngue em uma turma do curso de licenciatura em Pedagogia. Nessa turma, tínhamos sete estudantes Surdas. Em 2017, atuei como Tutora presencial no curso de Letras Libras, no Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), que tinha, naquela época, quatorze estudantes Surdos e 30 ouvintes na turma. A figura 5 evidencia um dos momentos em que os espaços da instituição estão sendo sinalizados com cartazes apresentados em LP e em Libras, parte do projeto de Inclusão.

Figura 5 – Estudante e intérprete sinalizando o espaço escolar - Sala de reuniões



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora (2018)

Após alguns anos de experiência na docência da Educação Básica e dessa primeira atuação na Educação Superior, submeti-me, em 2017, à seleção para professor substituto na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), espaço-tempo em que atuei por seis anos, no campus de Alagoinhas, com os componentes: Língua Brasileira de Sinais, Educação Inclusiva, Educação Especial com Ênfase em Libras; Psicologia da Aprendizagem e Tópicos Especiais de Educação na Contemporaneidade.

Nesses componentes, tive a oportunidade de refletir, junto aos estudantes dos cursos de Licenciatura em Letras (Português, Francês, Espanhol), Educação Física, Matemática, Biologia, Pedagogia, História e Bacharel em Fonoaudiologia sobre a necessidade de um novo olhar sobre a Educação Inclusiva em nosso sistema educativo, que valorize as identidades dos estudantes, compreendendo-as como marcadas pela diferença (Woodward, 2000).

Além das atividades docentes, na UNEB, encontrei um espaço para expandir meu papel como professora-formadora, pesquisadora e atuante no movimento Surdo. Nesse sentido, atuei

em projetos de pesquisa, coordenei eventos acadêmicos, como “Libras em Pauta”, em quatro edições e em Campi diferentes (Alagoinhas, Conceição do Coité e outros dos 27 campi da UNEB), a webconferência: Fala Surdas em Movimento ao lado das professoras Juciara Rios e Jusceli Cardoso, realizado durante a Pandemia do Covid-19, pelo canal do YouTube (UNEB/Serrinha Campus XI), em 27 de setembro de 2021, conforme apresentado na figura 6. Em todos os eventos, contei com a participação de convidados Surdos especialistas, mestres e doutores.

Figura 6: Conferência em comemoração ao Setembro Surdo: Fala Surdas em Movimento



Fonte – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7C52agTQ4t0>. Acesso em: 1 jan. 2025

Eram momentos de troca em que a Comunidade Surda e a Comunidade acadêmica se encontravam para compartilhar experiências visuais, linguísticas e culturais dentro da academia, e também de forma virtual, como ocorreu nos anos de 2020 a 2022. Nesses processos, orientei Trabalhos de Conclusão de Curso, realizei projetos de monitoria de ensino, eventos culturais voltados para a diversidade linguística da Libras/Português e das outras Línguas de Sinais (francesa e inglesa, atendendo aos cursos de línguas estrangeiras); dentre outras ações acadêmicas, que versavam sobre a Educação Inclusiva, Educação Especial, Psicologia Educacional e Aprendizagem, sempre com ênfase na valorização da pessoa Surda.

Durante esse percurso e com a finalidade de ampliar as discussões sobre a área, integrei-me ao Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Diversidade (GEEDI), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), coordenado pela Professora Dra. Suzana Pimentel. Os encontros do grupo contribuíram com as minhas aprendizagens e ampliaram as

problematizações sobre temáticas em relação à língua e à surdez.

Em março de 2023, ingressei no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), ao ser aprovada como aluna regular do Programa. No PPGEL, desenvolvo a pesquisa objeto desta dissertação, tendo o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também, integro o Grupo de Estudos e Pesquisas em (Multi)letramentos, Educação e Tecnologias (GEPLET UEFS), coordenado pelas professoras Dra. Úrsula Cunha Anecleto (uma das maiores incentivadoras e inspiradoras para realização deste estudo e de outros) e Dra. Fabíola Oliveira Vilas Boas. As leituras e os estudos realizados no grupo, os diálogos tecidos com os colegas, professores e pesquisadores e, principalmente, com a minha orientadora, as reflexões apresentadas pela banca examinadora, professora Dra. Midian Jesus Souza Marins e professor Dr. Alex Sandro Beckhauser, durante o exame de qualificação, têm contribuído, de forma significativa, para minha trajetória profissional.

Em março de 2024, retornei da licença do município de Feira de Santana e fui lotada no Centro Municipal Integrado de Educação Inclusiva para contribuir com a equipe gestora, junto com a coordenação do Núcleo de Surdez, assumindo a coordenação dos Intérpretes da rede. Abaixo, segue a imagem da fachada do espaço e o seu sinal em Libras, apresentada na figura 7. Além, dessa atribuição, no Centro desenvolvo atividades, tais como: formações em Libras para professores, gestores e servidores da rede que atendam a estudantes Surdos, familiares e Intérpretes de Libras ativos nas escolas.

Figura 7 – Fachada do Centro Municipal Integrado de Educação Inclusiva e a representação visual (sinal) em Libras



Fonte – Foto do acervo pessoal da pesquisadora (2024)

O Centro foi fundado em 09 de outubro de 2015 e tem como objetivo atender a estudantes da rede Municipal, regularmente matriculados e com frequência ativa, que tenham o diagnóstico de dificuldade de aprendizagem e limitações em diversos níveis e especificidades (TDAH e TEA), cegueira, deficiências múltiplas, entre outros), conforme dados do regimento

interno da Instituição, que se encontra em processo de atualização.

A área da Surdez, na qual atuo, oferece o apoio psicopedagógico específico em Libras e, a depender da necessidade do estudante, pode também ser atendido por profissionais de psicologia, artes, música e psicomotricidade. Também, é responsável pelo acompanhamento dos 37 estudantes Surdos da rede municipal e pelos 16 intérpretes de Libras que trabalham com esses alunos, distribuídos nas 13 escolas que disponibilizam desse profissional.

Como foi apresentado, foram e são muitos os caminhos que me levaram ao engajamento com a comunidade Surda, principalmente, a que constitui o Grupo MALP da PIBFS, micro-agência onde foi realizada esta pesquisa. O ministério possui uma equipe, que realiza o trabalho de forma voluntária e colaborativa. São esses os integrantes da equipe: meu esposo, Albery França, que foi o maior idealizador e criador do MALP Daniela Moraes; Daniela Moreno, Ellen Silva, Lidineia Cerqueira, Marina Cerqueira, Kauã Carvalho, que atuam como intérpretes de Libras.

Existem outros colaboradores do grupo, que apoiam nas programações desenvolvidas, com suporte materiais e financeiros, participando das ações do MALP etc Todas as nossas vivências me oportunizaram valorizar, no âmbito acadêmico, as práticas de leitura em Língua Portuguesa realizadas nesse espaço que, para além de um *locus* religioso, se constitui como um espaço para o empoderamento e para a formação integral da pessoa Surda.

1.2 BUSCANDO “REDES”, FORTALECENDO OS ESTUDOS ATRAVÉS DA REVISÃO DE LITERATURA

“Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdos [...] Várias
vezes sinalizei as minhas necessidades [...] Ser Surdo de
Direito é ser “ouvido”[...]
é quando levanto a minha mão e
você me permite mostrar o melhor caminho dentro
de minhas necessidades.
Se você Ouvinte me representa, leve
os meus ensejos [...] como eu
almejo [...] No meu direito de escolha,
pulsa dentro de mim:
Vida, Língua, Educação, Cultura e um Direito de ser Surdo.”

Shirley Vilhalva

O movimento da revisão de literatura (RL) pode ser comparado a um mergulho profundo no oceano do conhecimento em busca daquilo que foi dito e já estudado por outras

pessoas. Nesse sentido, compreendemos a importância da RL por oportunizar que o pesquisador, ao ter contato com outras pesquisas já realizadas anteriormente, estabeleça um inicial estado da arte sobre a temática discutida. Portanto, a RL nos permite ressignificar esses registros e apresentá-los sob novas perspectivas científicas, a fim de mapear os passos daqueles que vieram antes de nós, além de contribuir para a qualificação de outros estudos a serem realizados.

Para desenvolvermos a RL, escolhemos a Revisão Narrativa de Literatura (RNL). A RNL tem como finalidade explorar e apresentar outros trabalhos relevantes em relação à temática de pesquisa, a partir de aspectos teóricos, metodológicos e contextuais do estudo. Dessa forma, é importante conhecer as contribuições deixadas por outros pesquisadores, no sentido de reforçar e fortalecer as redes de conhecimento que se constroem por meio dos estudos acadêmicos. Além disso, deixa-nos a oportunidade de também contribuir com as pesquisas que realizamos para ampliarmos a compreensão de determinados assuntos, a exemplo do proposto neste estudo: letramentos religiosos em LP para a pessoa Surda.

No processo de construção da RNL, escolhemos pesquisas que dialogassem com a temática proposta neste estudo, ao delimitar as categorias-chave para a busca: eventos de letramentos religiosos e atividades de leitura por pessoas Surdas, tendo como espaço-tempo preferencial as instituições religiosas evangélicas. Essa etapa inicial possibilitou a ampliação da visão sobre as categorias apresentadas, através de pesquisas semelhantes que contribuíram para a delimitação do objeto de pesquisa desta dissertação.

Depois das definições das categorias (ainda que provisórias), as buscas por outras pesquisas foram realizadas no período de 30 de agosto a 17 de setembro de 2023, priorizando os repositórios digitais de Teses e de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL UEFS), o portal de Teses e Dissertações da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O período escolhido para a pesquisa foi de 2010 a 2023, por compreendermos que se tornou a época em que os estudos de letramentos ampliaram sua vertente social, principalmente pela publicação, em 2004, da obra “Os significados do letramento”, de Angela Kleiman, e, em 2014, a tradução para Língua Portuguesa da obra “Letramentos Sociais”, de Brian Street.

Iniciamos as navegações primeiramente no repositório do PPGEL e não foram encontrados trabalhos relacionados às categorias-chave desta pesquisa. Em seguida, realizamos as buscas nos repositórios da CAPES e da BDTD, utilizando as palavras-chave e o operador booleano AND: eventos de letramentos religiosos AND atividades de leitura AND pessoa Surda. Não foram encontradas pesquisas que atendessem a esses descritores.

No dia seguinte, 31 de agosto de 2023, retomamos as navegações pelos bancos de dados da CAPES, utilizando a principal palavra-chave teórica, a saber: eventos de letramentos religiosos. Também, para esse registro, não encontramos nenhuma dissertação. Para ampliarmos a pesquisa, optamos por apresentar a palavra-chave anterior, agora grafada de forma mais geral – letramentos religiosos –, mas, mesmo assim, não foram revelados trabalhos realizados sobre essa temática que fossem significativos para esta pesquisa.

Ainda pesquisamos nos diretórios supracitados as seguintes palavras-chave: letramentos religiosos AND atividades de leitura AND pessoas Surdas. A partir dessa nova configuração, encontramos 31 dissertações, porém, com várias situações que não tinham relação com este estudo, tendo em vista que alguns trabalhos tinham como área a Educação Escolar e outros tiveram como *locus* os letramentos religiosos desenvolvidos em unidades escolares.

Observamos, também, que as pesquisas encontradas abordaram diferentes aspectos: enquanto algumas se concentram na relação entre práticas religiosas e transformações sociais, outras exploraram as implicações das práticas de letramento em comunidades específicas, como instituição católica. Em contrapartida, analisamos pesquisas que investigaram o letramento em contextos educacionais não formais, como organizações sociais que atendem a adolescentes em situações de vulnerabilidade social. No entanto, a maioria dos estudos identificados está direcionado a pessoas ouvintes.

As demais pesquisas que se relacionam com o campo da surdez analisam a produção escrita de jovens Surdos, visando compreender suas subjetividades na aprendizagem da Língua Portuguesa. Entretanto, nenhum estudo foi desenvolvido no espaço específico de uma igreja evangélica, com participantes Surdos. Isso nos revela que esta pesquisa apresenta um certo ineditismo ao acionar a atividade de leitura em LP na agência religiosa evangélica como meio para ampliação dos letramentos da pessoa Surda.

No entanto, como forma de perceber como as atividades de leitura são realizadas no meio religioso, mesmo não tendo como participante a pessoa Surda, selecionamos duas pesquisas que dialogam com este estudo por levar em conta a agência religiosa evangélica como espaço para ampliação dos letramentos. Destacamos que as pesquisas a serem apresentadas no quadro 1, por certo, contribuíram para a ampliação dos aportes teóricos que compõem esta dissertação.

Quadro 1 - Dissertações encontradas no repositório da CAPES, a partir das palavras-chave eventos de letramentos religiosos AND atividades de leitura

IES/PROGRAMA	AUTOR (A)	TÍTULO DA PESQUISA	ANO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Mestrado em Estudos da Linguagem	Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme	Letramento Religioso: Um Olhar Sobre os Eventos de Letramento da Organização Mensageiras do Rei	2019
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Mestrado em Linguística Aplicada	Deisi Flesch Pupo	A Santa Ceia como evento de letramento em uma Igreja protestante da região metropolitana de Porto Alegre	2022

Fonte: Diretório de Tese e Dissertações da CAPES

A dissertação intitulada “Letramento Religioso: Um Olhar Sobre os Eventos de Letramento da Organização Mensageiras do Rei”, escrita por Rosineide Tertulino de Medeiros Guilherme, do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, defendida em 2019, tem como objeto de pesquisa eventos de letramentos na organização evangélica Mensageiras do Rei¹⁰. Apresentou como objetivo identificar essa organização como agência de letramento e também evidenciar como o exercício da leitura e da escrita, na vida da mensageira do Rei, é influenciado pela prática do letramento religioso.

Para isso, realizou uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfico, ancorada na Linguística Aplicada, tendo como participantes crianças e adolescentes meninas que fazem parte da organização evangélica. Como fundamentação dos Estudos de Letramento, a autora ancorou-se em Kleiman (2005), Baynham (1995) e Oliveira (2010); nos estudos do Letramento Crítico a partir de Fajardo (2015), Vasquez (2016) e Freire (1979); e no letramento Religioso: Coulmas (2014), Lopes (2006), Weber (2004) e Montezano (2006). Como resultados, a pesquisa destaca que as práticas de leitura proporcionadas pela organização contribuem para a ampliação da compreensão textual, além de influenciar para a formação das meninas como agentes catalisadoras de mudanças sociais.

¹⁰ Mensageiras do Rei é uma organização missionária para meninas de 9 a 16 anos. Por ter um caráter missionário, primeiramente, a organização se propõe a oferecer condições para que suas sócias cresçam no conhecimento de missões, orem por missões, contribuam para missões e assumam sua responsabilidade de testemunhar de Jesus Cristo. Além disso, oferece educação cristã, formação e oportunidades de serviço social cristão, tendo em vista o desenvolvimento da personalidade total da menina e sua integração nas atividades da igreja e da denominação. Disponível em: <https://www.ufmmb.org.br/mensageiras-do-rei-1>. Acesso em: 13 nov. 2023.

A dissertação de Guilherme (2019) se aproxima da proposta deste estudo, pois aborda alguns aspectos em comum no quesito teórico-metodológico, tais como a relevância dos eventos de letramentos religiosos que ocorrem em igrejas evangélicas para a ampliação das atividades de leitura dos participantes; a contribuição da leitura da diversidade de gêneros textuais que circulam na agência igreja para a formação/ampliação linguística, vocabular, semântica e repertório cultural de seus participantes. Além disso, ambas as pesquisas baseiam-se na etnografia, evidenciando a vivência dos pesquisadores no *locus* de estudo.

A segunda dissertação encontrada foi a intitulada “A Santa Ceia como evento de letramento em uma Igreja protestante da região metropolitana de Porto Alegre”, escrita por Deisi Flesch Pupo, do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, defendida em 2022. Essa pesquisa teve como objetivo investigar como se configura o evento de letramento Santa Ceia de uma igreja protestante na região metropolitana de Porto Alegre.

Metodologicamente, apresentou-se como uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico e teve como dispositivos para a construção de informações entrevistas semiestruturadas, anotação em diário de campo, gravação de eventos de letramento e aplicação de questionários com os participantes, membros da igreja supracitada. Teoricamente, a pesquisa se ancorou nos estudos sobre letramento religioso com os autores Kleiman (2005), Street (2014), Ivanič (1998), Multimodalidade com Pahl; Rowsell (2010), Silva, (2015), Lemke, (2010), Van Leeuwen (2005) e performatividade com Austin (1990).

Como achados da pesquisa, Pupo (2022) constatou que a multimodalidade conjuntamente com atos performativos baseados nos textos bíblicos constitui um arranjo disposicional para a construção do significado do evento de letramento Santa Ceia. Além disso, contribuiu para compreender como se constroem as práticas de letramento religioso. A pesquisa de Pupo (2022) apresenta convergências com a desenvolvida por este trabalho, principalmente por situar-se em um espaço religioso, vendo-o como uma agência de letramento. Ademais, parte das atividades de leitura multimodais como meios para a formação reflexiva dos leitores e para a ampliação do contato com uma diversidade de textos que circulam na instituição, além de aspectos metodológicos, tais como a etnografia e o diário de campo.

Ao finalizar a etapa da navegação pelo oceano do conhecimento, transitando por diversos mares virtuais, reafirmamos que não encontramos pesquisas abordando os eventos de letramentos religiosos (específicos em agências igrejas evangélicas) e atividades de leitura em Língua Portuguesa por pessoas Surdas dentro dessas agências. Assim, sustentamos a afirmação da necessidade de ampliação dessas discussões nas academias, o que poderá trazer visibilidade

e empoderamento à comunidade Surda e não surda, doravante ouvinte, com vistas às atividades de leitura mais inclusivas e dialógicas.

2 CONCEPÇÕES E TÁTICAS DE LEITURA: DIÁLOGOS ENTRE A LINGUÍSTICA APLICADA E OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

11



Na atualidade, compreendemos a leitura como uma prática de linguagem que oportuniza a construção de sentido sobre o mundo (Cunha, 2014), ao promover o acesso das pessoas a informações, a fatos, a conhecimentos, por meio de múltiplas linguagens presentes tanto na agência escolar quanto em outros espaços sociais. Dessa forma, a leitura possibilita a interação do leitor através do contato com diversas formas de texto, que ampliam as possibilidades verbais para outras também verbo-visuais. Como nos apresenta Koch (2008), a leitura é uma atividade interativa altamente complexa, na qual os sujeitos devem participar como autores e construtores sociais de sentidos.

Nessa perspectiva, refletiremos, nesta seção, sobre a concepção de leitura que ancora esta pesquisa, tendo como pressupostos epistemológicos a Linguística Textual (LT) e os Novos Estudos de Letramento (NEL). Afirmamos que, embora a LT e os NEL tenham alguns pontos de partida diferentes para apresentar a leitura, é possível intercambiar essas duas áreas, pois compreendemos que são aspectos que se complementam na compreensão de texto e da interação da pessoa com esse artefato cultural.

Isso porque, para a atividade de leitura, é necessário levar em conta as diversas maneiras como o texto pode se manifestar nas esferas da sociedade. Desde 1990, depois de sofrer tantas mudanças decorrentes às influências midiáticas, o texto passou a incorporar outras formas de linguagem, tais como “imagens estáticas ou em movimentos, sons, músicas, vídeos de performances, danças, texto escrito e oral” (Rojo; Moura, 2019, p. 9). Com isso, a concepção de texto foi ampliada, caracterizando-se para além de artefatos linguísticos.

¹¹ Concepções de leitura, em Libras, traduzido pelo aplicativo *Hand Talk*, na primeira figura, e traduzido pela pesquisadora, no QR. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias.

Dessa forma, compreendemos que os textos se tornaram multimodais e multissemióticos, ao dialogar com uma diversidade de linguagens e de modos de comunicação, ou seja, os textos apresentam modos linguísticos, que podem ser orais ou escritos; visual, no campo das imagens, da fotografia; sinestésico, a exemplo do balançar a cabeça, entre outros. No entanto, como apresenta Rojo (2009), a multimodalidade não se resume a uma soma de linguagens, mas sim ao modo como essas linguagens oportunizam uma experiência interacional com o texto, por meio de sua materialidade linguística e elementos extralinguísticos.

Para tanto, iniciaremos a discussão pela LT para, em seguida, apresentá-la pelas lentes dos NEL. Por fim, para finalizar esta seção, teceremos relações entre as concepções de leitura apresentadas por essas duas bases epistemológicas, como forma de confluir para uma construção de uma abordagem que ratifique a atividade de leitura no campo de Libras, uma língua gestual-visual.

2.1 LEITURA COMO INTERAÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO: DIÁLOGOS COM A LINGUÍSTICA TEXTUAL E OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

Nesta seção, apresentamos a concepção de leitura que adotamos na pesquisa, a partir de uma interligação entre duas áreas de estudos da linguagem: Linguística Textual e Novos Estudos dos Letramentos. A LT é uma subárea da Linguística, que tem como objeto de estudo o texto e a sua materialidade linguístico-contextual. Entendido por diversas abordagens conceituais ao longo da historização desse campo, na atualidade, o texto, como nos apresenta Koch (2009, p. 33), é compreendido como espaço de interação entre os interlocutores, que se constituem como “[...] sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos”.

Assim, o texto é resultado da produção da linguagem que se constitui como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido e se realiza por meio de elementos linguísticos que estão presentes na superfície textual, da própria forma de organização composicional e de aspectos contextuais, levados em conta pelo sujeito para a produção de sentido.

Para a produção de sentido do texto, portanto, apresentamos a concepção dialógica de leitura, que tem como enfoque a promoção da interação entre autor, texto e leitor (Koch, 2023) e contexto. Tendo em vista que o sentido de um texto é construído na interação textos-leitores-contexto, a leitura é considerada, como ainda evidencia Koch (2023, p. 11),

uma atividade complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Assim, o leitor, ao interagir com o texto, constrói o sentido, considerando não apenas as informações explícitas a ele, mas o que está implicitamente sugerido em sua estruturação. Ou seja: a leitura é uma atividade que deve levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, ela exige desse leitor que reconheça não apenas os conhecimentos linguísticos evidenciados na superfície do texto.

Portanto, como assegura Antunes (2003, p. 67), “o leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor”. Ao abordamos a leitura como produção de sentido, resultado da interação autor, texto, leitor e contexto, inferimos que, para a realização dessa atividade, também pela pessoa Surda, participante desta pesquisa, é necessária a utilização de certas táticas, que se agrupam em tipos de conhecimento leitor, tais como descritos na figura 8:

Figura 8 – Táticas para a leitura como produção de sentido



Fonte – Criado pela pesquisadora deste projeto, inspirada em Koch (2023)

O conhecimento linguístico abrange tanto aspectos da vertente gramatical quanto da lexical. Nesse sentido, torna-se importante ao leitor o reconhecimento da organização material linguística da superfície do texto, o uso de elementos coesivos para efetuar a retomada ou a sequenciação textual, além da seleção lexical adequada ao tema e aos modelos cognitivos

ativados pela leitura do texto. Nesse sentido, devido a Libras apresentar uma organização linguística própria, em muitos momentos, a pessoa Surda, ao ler textos em LP, promoverá táticas que rompam com elementos linguísticos já estabelecidos *a priori*. Dessa forma, para além de elementos linguísticos, tais como a utilização de verbos, pronomes, advérbios, dentre outros, torna-se necessário levar em consideração uma organização espacial que acompanha os signos linguísticos.

Quanto ao conhecimento enciclopédico ou de mundo, refere-se ao capital cultural acumulado ao transitarmos por diversos espaços sociais, assim como tem relação com as vivências pessoais e os eventos espaço-temporalmente situados. Nesse sentido, para a leitura, é necessário ativar, de forma subjetiva, esses conhecimentos para a interação com o texto e o autor. Sobre isso, é possível que a pessoa Surda ative suas experiências culturais leituras a partir da percepção visual, a partir da influência das Libras.

Por fim, tem-se como tática de leitura o conhecimento interacional, que diz respeito às formas como o leitor dialoga com o texto, a partir dos conhecimentos ilocucional (reconhecimento dos objetivos do texto), comunicacional (reconhecimento das informações, da variação linguística e da adequação do gênero textual à situação de comunicação), metacomunicativo (compreensão e aceitação do texto pelo leitor) e superestrutural (identificação do gênero textual como adequado para os eventos da vida social).

Por essa perspectiva, compreendemos que os leitores, tanto Surdos quanto ouvintes, são construtores sociais dos sentidos do texto, atuando como sujeitos ativos que, ao mesmo tempo que atribuem sentido a ele, também se constroem por meio dele. Dessa forma, afirmamos que um texto não existe *a priori*, mas é construído na interação com os leitores por meio de contextos sociolinguísticos e sociais que, por certo, contribuem para o preenchimento de certas lacunas do texto.

Ampliando a concepção de leitura apresentada pela LT, neste estudo, apoiamo-nos também nos NEL. Os Novos Estudos de Letramento correspondem aos estudos sobre as práticas de linguagem realizadas em diversos contextos sociais. Além disso, partem de uma vertente de estudos críticos ao levar em consideração questões de identidade e de poder que estão inseridas nas diversas atividades de linguagem.

Nesse sentido, Street (2014), um dos principais teóricos dos NEL, nos apresenta a necessidade de a sociedade desenvolver abordagens alternativas para os estudos de letramentos que, até o início da década de 80, estavam centrados em um modelo denominado de autônomo, que defende o letramento como uma habilidade neutra e técnica, sendo sua aquisição ligada, principalmente, às capacidades intelectuais e cognitivas. Em contrapartida, Street (2014)

apresenta um outro modelo de letramento, denominado de ideológico, que atrela às práticas de linguagem desenvolvidas pelas comunidades aos seus contextos sócio-históricos. Dessa forma, compreendemos que as práticas letradas, manifestadas por meio de textos, são produto da linguagem, da cultura e da história das pessoas.

Assim sendo, concordamos com Kleiman (2000) quando apresenta que os letramentos representam uma prática social em que o texto é utilizado para atingir um determinado fim, que vai além da aprendizagem dos aspectos formais que o constitui. O letramento, então, surge como uma maneira de explicar o efeito do texto nas esferas sociais que existem, além da escola (Kleiman, 2008).

Essa concepção apresenta uma enorme relevância no que se refere à reflexão sobre o uso da língua/linguagem nos diversos contextos sociais, dentre eles, as instituições religiosas, que apresentam diversas práticas de letramento, cotidianamente. As práticas de letramento são momentos em que as atividades de linguagem são acionadas para a construção de sentido dos textos (Street, 2012) e “[...] apresentam consequências sociais e culturais que são coletivas” (Anecleto, 2018, p. 114). Dessa forma, as práticas de letramento são um conjunto de atividades em que os textos fazem sentido para as interações sociais.

Para Kleiman (2005), as práticas de letramento são realizadas em diversos espaços da sociedade, para além do escolar. Somando a essa afirmação, Street (2014) fortalece a concepção de que essas práticas estão presentes em diversas agências sociais, independentes dos contextos. Ancoradas em Kleiman (2016, p. 13), afirmamos que a prática de letramento deve ser

realizada em um contexto físico específico de uma determinada esfera de ação, com participantes singulares engajados em atividades que os motivam, as quais estes realizam mobilizando práticas de letramento para lidar com o texto escrito e outros artefatos culturais [...] e fazer sentido da situação, na qual o texto escrito circula ou está como pano de fundo, subentendido.

Por isso, surgem diversificados modos de interação com os textos, que são denominados de eventos de letramento. Partimos da concepção de eventos de letramento como “[...] qualquer ocasião em que um fragmento de escrita é integral à natureza das interações entre os participantes e de seus processos interpretativos” (Heath, 1982, p. 93 apud Street, 2012, p. 74). Como apresentado por Bazerman (2007), os eventos de letramento, além de envolverem as pessoas com as práticas de leitura, também podem promover o desenvolvimento interacional e cognitivo dos sujeitos.

Dessa forma, os eventos de letramento são atividades “fotografáveis”, como

apresentado por Street (2012), tais como a participação de uma pessoa em uma palestra no ambiente escolar ou a leitura de um texto bíblico em um espaço religioso. Portanto, os usos da leitura, como um evento de letramento,

[...] estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social (Kleiman, 2004, p. 14).

Compreendemos a leitura como um evento de letramento interacional subjetivo. Como prática interacional, consideramos a leitura como um encontro entre o leitor, o texto e o contexto. Para tanto, como assevera Cosson (2012, p. 40),

O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social. O significado deixa de ser uma questão que diz respeito apenas ao leitor e ao texto para ser controlado pela sociedade. A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.

Ratificando a concepção de leitura como prática social e interacional, afirmamos que essa prática de linguagem proporciona a realização de diversos eventos de letramento nas mais variadas agências presentes na sociedade. Por isso, inferimos a necessidade de construção de táticas de leitura pelos interagentes, que podem levar em conta modos de compreensão da leitura, tais como os apresentados na figura 9:

Figura 9 – Táticas para a leitura como processo interacional



Fonte – Criado pela pesquisadora deste projeto, inspirada em Cosson (2012)

A antecipação consiste nas operações realizadas pelo leitor antes de aprofundar-se no texto em si. Ao promover essa tática, o leitor procura aspectos linguísticos e de linguagem

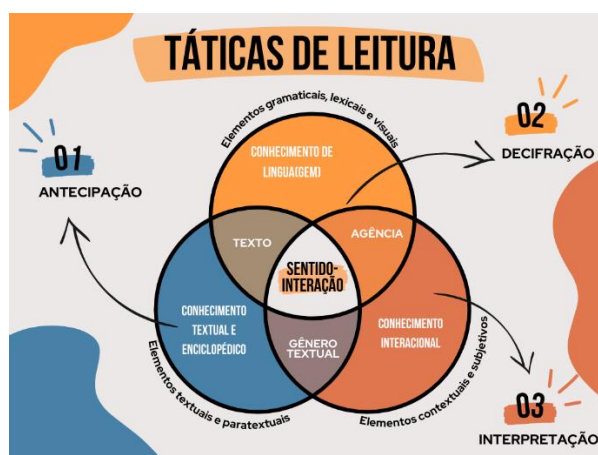
relevantes no texto para a construção de seus objetivos de leitura. Assim, é possível ao leitor interagir com o texto e com os elementos de sua materialidade, tais como título, imagens, capa, número de páginas, dentre outros.

Já a tática da decifração diz respeito ao processo de decodificação dos elementos presentes no texto. Essa etapa, como destaca Cosson (2012), amplia a significação do texto para além de sua materialidade ao levar em conta elementos contextuais a ele, tais como época de produção do texto, espaço de circulação, conhecimentos prévios e aspectos subjetivos do leitor, dentre outros fatores. Por fim, apresentamos a tática da interpretação, compreendida aqui como as relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto. Nesse momento, cabe ao leitor inferir sobre o texto, a partir de seu conhecimento de mundo, conhecimento linguístico e objetivos de leitura.

Apresentados os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa, temos a intenção de aproximar as táticas de leitura proporcionadas pela LT às dos NEL para oportunizar a discussão sobre a organização de táticas leitoras pela pessoa Surda ao interagir com textos em LP, tendo em vista que essa língua se torna, por vezes, pouco apropriada por algumas dessas pessoas, que utilizam Libras como língua de comunicação, interação e formação.

Para isso, a partir dos pressupostos teóricos da LT e dos NEL, entendemos que as práticas de leitura na micro-agência de letramento MALP devem oportunizar à pessoa Surda (e a ouvinte) movimentos de 1) antecipação, 2) decifração e 3) interpretação, conforme apresentados na figura 10.

Figura 10 - Táticas de leitura como produção de sentido e processo de interação



Fonte – Criado pela pesquisadora deste projeto, inspirada em Koch (2023) e Cosson (2012)

A antecipação diz respeito a uma tática de pré-leitura do texto, quando o leitor aciona seu conhecimento textual, tais como conhecimento do gênero textual e do suporte de circulação,

conhecimentos linguísticos (vocabulário, estruturas gramaticais, língua em que o texto foi apresentado, dentre outros), conhecimento enciclopédico ou capital cultural que ajuda o leitor no processo de compreensão e de interpretação do objeto cultural.

Como apresentam Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017, p. 89), “um leitor procura produzir sentidos co(n)textualmente, isto é, por meio de análises do material textual em si e das relações que ele possa estabelecer com o mundo real e concreto das coisas ou mesmo com outros materiais de leitura”. Para esta pesquisa, a antecipação de leitura levou em conta qual o conhecimento da pessoa Surda, integrante do MALP, em relação aos gêneros textuais que fazem parte dos eventos de letramento da igreja evangélica, tais como a Bíblia Sagrada, o Cantor Cristão¹², o boletim dominical (programação do culto), a revista da Escola Bíblica Dominical, dentre outros.

Nesse sentido, apresentamos, na seção de resultados da pesquisa, o conhecimento que o participante tem sobre a estrutura material desses textos (formato, suporte, momento de circulação), além do conhecimento enciclopédico sobre as temáticas trabalhadas nesses materiais. Quanto à decifração na leitura foi analisada a partir da constituição de sentido aos textos que fazem parte da liturgia dos eventos de letramento realizados pelo MALP, micro-agência de letramento, por se apresentar como um espaço reflexivo e de valorização sociocultural das pessoas que participam do ministério. Para tanto, foram identificados os conhecimentos de língua(gem) dos participantes, tanto em relação a elementos gramaticais da LP, necessários ao entendimento dos textos, assim como aspectos lexicais e visuais presentes nos gêneros textuais que circulam na PIBFS. Essas informações serão apresentadas na seção resultados da pesquisa.

Por fim, apresentamos como última tática de interesse desta pesquisa a interpretação dos textos, quando os leitores se valem dos conhecimentos interacionais que interrelacionam elementos do contexto das igrejas evangélicas e a forma que cada pessoa Surda compreende os textos e os contextos, ou seja, as subjetividades. Nesse ínterim, partimos da concepção de contexto como experiências únicas vivenciadas pelas pessoas, embora tenha sua base nas construções sociais compartilhadas (Bazerman, 2015). Por isso, não representam situações

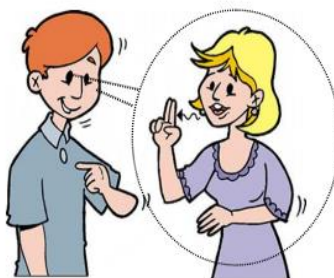
¹² O Cantor Cristão foi o primeiro hinário oficial das igrejas batistas do Brasil. A sua primeira versão, de iniciativa de Salomão Luiz Ginsburg, foi publicada em 1891 e continha apenas 16 hinos. Dentre os hinários dos cristãos protestantes brasileiros, o Cantor Cristão foi o terceiro a ser publicado (o primeiro foi o Salmos e Hinos, lançado em 1861 e o segundo, o Hinos e Cânticos, em 1876). Em 1914, foi anunciada a impressão do Cantor Cristão com Música, a ser lançado na Assembleia da Convenção Batista Brasileira de 1915, mas a eclosão da Primeira Guerra Mundial prejudicou os planos de Ginsburg. Apenas em 1924 é que foi lançada a primeira versão com música, que contou com a colaboração de Ricardo Pitrowsky. Ao longo do séc. XX, foram feitas várias tiragens e lançadas várias edições. O hinário passou por diversas revisões e foram acrescentados novos hinos. A última versão, a 37ª edição, contém 581 hinos. Disponível em: <https://www.hinologia.org/cantor-cristao-cc/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

sociais ou comunicativas completas.

Associado a essas táticas, também elegemos parâmetros que são levados em conta pela pessoa Surda para a leitura de um texto sinalizado. Os parâmetros Fonológicos, ou seja, unidades mínimas (fonemas) que, combinadas entre si, constituem os sinais e que, isoladamente, não fazem sentido algum. Diante disso, refletiremos, na próxima seção primária, a respeito de parâmetros conceituais e linguísticos de Libras, importantes para a atribuição de sentido ao texto que fazem parte do MALP.

A figura 11 apresenta os requisitos utilizados para a produção e a recepção de uma informação em Libras.

Figura 11: Requisitos utilizados para a produção e a recepção de uma informação em Libras: a visão, os movimentos das mãos, e as expressões faciais e corporais



Fonte: Instituto Federal de Santa Catarina¹³. Disponível em: https://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-libras-basico/Apostila_Libras_Basico_IFSC-Palhoca-Bilingue.pdf. Acesso: 12 nov. 2024.

Como já citado ao longo deste estudo, a Língua Brasileira de Sinais é visual-gestual que se utiliza dos movimentos das mãos, das expressões do corpo, de espaços e da visão para produzir e perceber informações. Assim sendo, as palavras, que são denominadas de sinais em Libras, são produzidas através da combinação dos seguintes requisitos: a visão, os movimentos das mãos, as expressões faciais e corporais, dentro de um espaço sempre à frente da pessoa sinalizante que se utilizará de composições de unidades mínimas ('fonemas'), combinadas entre elas, atribuindo sentido e significado às informações emitidas ou recebidas (Quadros, 2019).

¹³ Imagem retirada do material online do Instituto Federal de Santa Catarina.

3 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS: A CONSTITUIÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO E A FORMAÇÃO DOS SINAIS

14



Entendemos que os fonemas são as unidades mínimas de uma língua, seja oral ou sinalizada (Quadros, 2019). Entretanto, no contexto da Língua de Sinais, eles não estão relacionados ao som, e sim aos diversos formatos das mãos, movimentos que são utilizados para a formação dos sinais, assim como o local que será o espaço de sinalização (elementos considerados parâmetros primários supracitados no parágrafo anterior).

Quadros (2019, p. 25), em seu livro “Linguística para o Ensino Superior”, define Libras como “uma língua dotada de todos os níveis de análise linguística: unidades mínimas (‘fonemas’); padrões pródigos; combinação das palavras para formar enunciados; possibilidade de analisar os enunciados sob o ponto de vista semântico e pragmático; o uso das proposições que abordam aspectos da sociolinguística. Essas características são apresentadas na figura 12.

Figura 12: Características linguísticas que definem a Libras como uma língua completa



Fonte: Criado pela pesquisadora dessa dissertação, inspirada em Quadros (2019)

¹⁴ Aspectos linguísticos da Libras, em Língua Brasileira de Sinais, traduzido pelo aplicativo *Hand Talk*, na primeira figura, e traduzido pela pesquisadora, no QR. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias.

Os estudos linguísticos comprovaram a legitimidade das LS, como línguas, dirimindo o equívoco comum de que essas línguas seriam universais devido aos seus gestos corporais. Os linguistas comprovaram que esse entendimento desconsiderava a complexidade e a especificidade cultural de cada língua de sinais. As pesquisas referentes às diversificadas línguas de sinais existentes no mundo apontam para as especificidades de cada uma delas e de seu país, “identificando inclusive sua autonomia diante das línguas nacionalmente faladas” (Quadros, 2019, p. 26). Sendo assim, tanto a Libras quanto a Língua Americana de Sinais (ASL), Língua de Sinais Francesa (LSF), a Língua Gestual Portuguesa (LGP), a Língua de Sinais Sueca (STS) e tantas outras línguas manifestam aspectos linguísticos que indicam seu status de língua. Além disso, diferenciam-se entre si e das línguas orais.

Por exemplo: Libras, que se originou de LSF e Língua Gestual Portuguesa, teve origem da STS. Embora aqui no Brasil a língua oral seja denominada Portuguesa), essas LS apresentam características específicas e absolutamente diferentes, uma vez que as suas estruturas diferem e ambas são constituídas por um conjunto de fonemas peculiares, o que especificam as suas palavras (os seus sinais) distintos.

Além dos estudos linguísticos que deram à Libras o status de Língua, a Lei de número 10.436, sancionada em 24 de abril de 2002, reconhecem-na não somente como língua, mas, principalmente, como meio legal de comunicação e expressão, conceituando-a em seu parágrafo único como:

[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico¹⁸ de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002, p.01)

A distinta Lei, também conhecida como Lei de Libras, contribuiu para reafirmar o conceito da Língua Brasileira de Sinais e consolidar a sua valorização enquanto língua brasileira (Quadro, 2019). Com o reconhecimento linguístico e jurídico, o passo seguinte dos linguistas foi esclarecer os fenômenos linguísticos peculiares das LS, por se tratarem especificamente de línguas de modalidade visual-espaciais, não identificadas nas línguas orais.

As Línguas de Sinais, assim como as Línguas orais, são vivas e mudam constantemente, atualizadas sempre que um novo sinal (para as LS) ou palavra (para as Línguas orais) é criado(a) ou um(a) antigo(a) é reformulado(a) (Honora, 2014).

Entretanto, entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, embora sejam brasileiras, como já foi mencionado anteriormente, existem diferenças nas modalidades e nas

¹⁸ Ao utilizar esta palavra, manteve-se a ortografia vigente à época.

estruturas, conforme apresentado na figura 13:

Figura 13: Contrastes entre a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	LÍNGUA PORTUGUESA
Ausência de conjugação verbal. A marca temporal é demonstrada através dos advérbios de tempo: passado, presente e futuro.	Presença de conjugação verbal
A concordância de gênero está definida em sinais de homem e mulher	Possui concordância de gênero
Ausência de conectivos nas construções sintáticas	Utiliza-se de artigos e preposições
Possui alfabeto manual (conjunto de configurações que representam as letras do alfabeto da L.Portuguesa).	Possui alfabeto fonêmico
Usa Datilologia	Usa a soletração

Fonte: Criado pela pesquisadora desta pesquisa, inspirada em Honora (2014)

Esses aspectos que promovem diferenças entre a LS e a LP denotam uma autonomia entre ambas, o que também é mencionado na Lei de número 10.436/2002, em seu parágrafo único, no qual determina que: “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.” (Brasil, 2002, p.1). Entretanto, a Lei Brasileira de Inclusão e a Lei que legitima o ensino Bilíngue das pessoas Surdas no Brasil garantem o uso da Libras como primeira língua da Comunidade Surda brasileira e a Língua Portuguesa como segunda Língua, na modalidade escrita. Ou seja, uma não se sobrepõe à outra, porém ambas são garantidas como meios comunicativos do povo Surdo brasileiro.



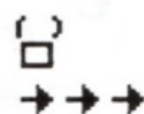
Além disso, Libras possui um alfabeto manual, que já foi apresentado na seção “1.1 Implicações com a Pesquisa: caminhos que me justificam” deste estudo, constituído por configuração de mãos (forma assumida pelas mãos) e representa as letras do alfabeto da Língua Portuguesa (como um empréstimo Linguístico, fenômeno que também ocorre nas línguas orais). O alfabeto serve para realizar a datilologia, que é o ato de digitar palavras no espaço, com a mão, como, por exemplo, nomes próprios, endereços, rótulos, palavras desconhecidas ou estrangeiras (caso não se saiba o sinal).

Ferreira-Brito (2010, p. 29 *apud* Costa, 2012, p. 79) conceitua a datilologia como um “recurso” utilizado pelas pessoas sinalizantes nos “casos de empréstimos vindos das línguas orais, constituindo-se de um alfabeto manual criado a partir de algumas configurações de mão(s) constituintes dos verdadeiros sinais”. É importante esclarecer que a datilologia, em si,

não se constitui nos itens lexicais das LS, pois é especificamente a representação digital das letras das línguas orais. Os sinais, sim, são elementos lexicais das Línguas de Sinais. Nesse sentido, “o léxico na língua de sinais, assim como em qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a incorporação de novos sinais ” (Honora; Frinzaco, 2010, p.16).

Na figura 14, é possível perceber a diferença lexical da Libras e da Língua Portuguesa:

Figura 14: Exemplo da diferença lexical entre Libras e a Língua Portuguesa

DATILOGIA	SOLETRAÇÃO	PALAVRA ESCRITA
	P-A-L-A-V-R-A	PALAVRA
SINAL EM LIBRAS		ESCRITA DE SINAIS
		

Fonte: Criado pela pesquisadora desta dissertação, inspirada em Honora e Frizanco (2010); Capovilla e Raphael (2008)

Como já discutido nesta dissertação, as outras línguas de sinais, a exemplo de Libras, possuem seu alfabeto específico, conforme apresentado na figura 15:

Figura 15: Alfabeto Manual da Língua Brasileira de Sinais (Libras)



Fonte: Honora (2014, p.70)

Assim como nas línguas orais, os alfabetos manuais de países diferentes são distintos, e eles não são os sinais, propriamente, e sim representações das letras ou empréstimos linguísticos das línguas orais, que constituem a datilologia, ou seja, palavras digitadas manualmente em um ritmo moderado, de forma “unimanual” (uma única mão). Na seção a seguir, apresentamos a discussão sobre a organização fonológica das LS e de Libras.

3.1 REFLEXÃO SOBRE A ORGANIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS E DA LIBRAS

O termo “fonologia de línguas de sinais” pode causar um desconforto para alguns, por conta da terminologia. Além disso, os estudos a respeito desse tema ainda são recentes. No entanto, em 1960, através de William Stokoe, foi proposta uma análise do modelo fonológico das LS, a partir do estudo da Língua de Sinais Americana. *A priori*, Stokoe propôs uma nova terminologia, a quirologia, para se referir à fonologia das Línguas de Sinais, e quiremas para os fonemas. Porém, outros linguistas das Línguas de Sinais, como Crasborn, (2012); Sandler e Lillo-Martin, (2006); Battison, entre outros, preferem utilizar os termos ‘fonéticas e fonemas’ por acreditarem se tratar de termos que se referem à “ [...] área de estudos da Linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significados autônomos” (Quadros, 2019, p.50).

Sendo assim, é interessante compreender, de maneira geral, a origem e o significado desses termos. As duas terminologias, fonéticas e fonologia, se fundem no sentido de que ambas se referem ao estudo do som. No entanto, a palavra fonologia deriva do grego, pela combinação dos termos *phonos* (φωνή - *phōnē*), que significa som ou voz, e *logos* (λόγος), que significa palavra ou verbo. Com base nessa origem, o entendimento tradicional associa à fonologia “o estudo do som” (Costa, 2013, p. 30).

A partir deste ponto, será adotada uma perspectiva clássica como base para refletir sobre o conceito de fonologia, com o intuito de ampliar a compreensão em relação aos estudos das Línguas de Sinais na perspectiva de análise linguística das línguas viso-gestuais. Independente da modalidade da língua, é importante entender que

[...] a **fonologia** deve ser conceituada em termos de **ciência da linguagem humana que se ocupa do estudo das unidades mínimas que estão no primeiro nível de análise linguística**. Sabe-se que as unidades mínimas, isoladamente, não têm significado, mas se coadunam para formar as sílabas e os morfemas e/ou itens lexicais de

um determinado sistema linguístico. Essa releitura ou revisão conceitual contribui para a inserção dos estudos em língua de sinais no domínio das pesquisas linguísticas em fonologia e, além disso, minimiza a distância entre a fonologia das línguas orais/faladas e das línguas sinalizadas. (Costa, 2013, p. 33, destaques do autor)

Ainda que alguns linguistas, ao “discursarem sobre a língua americana de sinais, tais como Bellugi e colaboradores (2002 apud Costa, 2013), ventilarem a possibilidade da existência de um nível fonológico para a língua de sinais – a denominada “fonologia” sem som”, compreendemos que ela está pautada, na LS, em uma modalidade visual-espacial, apresentando uma estrutura fonética e fonológica, com base na articulação dos sinais, utilizando os braços, as mãos, os dedos, o tronco e a face (Quadros, 2019).

Quadros (2019, p. 49) afirma que a fonética das LS integra “todas as unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não manuais manifestadas de forma gradiente na sua expressão”. Já a fonologia da Língua de Sinais tem o objetivo de “identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios” (Karnopp, 1999, p. 28). Sendo assim, é da responsabilidade da fonologia da LS: “(1) determinar quais são os elementos recorrentes; (2) estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação; e (3) investigar as diferenças (variação) permitidas/possíveis que dependam do ambiente fonológico” (Costa, 2013, p. 32). A principal diferença entre as línguas sinais está na modalidade implicada nas formas fonética visuais-manuais, totalmente diferentes das formas acústicas das faladas.

Sobre isso, Quadros e Karnopp (2004, p; 48) apresentam:

Apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, no que concerne à modalidade de percepção e produção, o termo ‘fonologia’ tem sido usado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais.

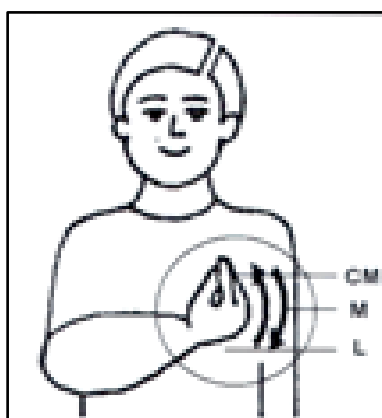
Ampliando essa discussão, nos ancoramos em Stokoe (1960), quando apresentou um estudo das unidades de configuração de mãos (forma das mãos), levando em conta a Locação (localização ou o local onde serão realizados os sinais) e o movimento (deslocamento da(s) mão(s)). Sobre isso, Quadros (2019, p. 50) sugere que esses elementos sejam como “fonemas usados para compor sinais”. O linguista Battison (1978 apud Quadros 2019, p.50) acrescenta a importância da “[...] orientação da palma da mão como unidade distintiva na Língua Americana de Sinais - ASL”.

O primeiro parâmetro é a configuração de mão (CM): a forma que a mão assume para realizar o sinal. O segundo, conforme Gesser (2012), é o ponto de articulação (PA) ou locação

(L): refere-se ao local onde o sinal será executado, podendo ser realizado numa zona de contato (no corpo) – na cabeça, nos ombros, na mão, no tronco ou em um espaço neutro. O terceiro é o movimento (M): deslocamento das mãos ao realizar o sinal (movimento reto, helicoidal, sinuoso, circular, semicircular dentre outros).

Alguns pesquisadores afirmam que o movimento é um “parâmetro complexo”, diverso em suas formas e direções, podendo iniciar a partir dos movimentos internos da mão, do pulso, dos direcionais (no espaço), como definem Klima e Bellugi (1979 apud Quadros; Karnopp, 2004). Esses parâmetros descritos por Stokoe (1960) fundamentam e legitimam linguisticamente as LS e dão um direcionamento quanto à classificação desses elementos, conforme o sinal de presença, presente ou vida representado na figura 16:

Figura 16: Representação em Libras do sinal de sinal de presença, presente ou vida, enfatizando os 03 parâmetros primários: (CM); (L);(M)

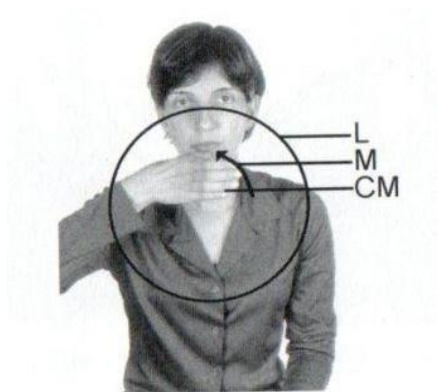


Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 1077 apud Gesser, 2012)

Posteriormente, outros estudiosos da área de surdez, como Battison (1974, 1978 apud Quadros; Karnopp, 2004), analisando as unidades que formam os sinais, sugeriram a adição de mais dois parâmetros, conhecidos como secundários: a orientação da palma da mão (O): direção que a palma da mão se apresenta durante a produção do sinal (para cima, baixo, esquerda, direita ou na frente do corpo e as Expressões não manuais (ENM): são expressões faciais e corporais que demonstram tanto aspectos gramaticais (intensidade, entonação, tipos de frases, entre outros), como conceitos abstratos ou afetivos. A figura 17 ilustra os parâmetros primários das línguas de Sinais¹⁹.

¹⁹ Os parâmetros fonológicos são aspectos incomum entre a Língua Brasileira de Sinais, as outras línguas sinalizadas de outros locais ou países.

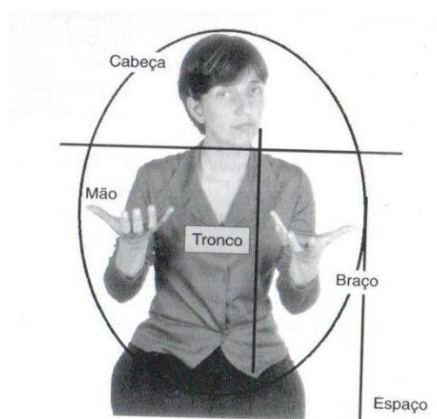
Figura 17 – Parâmetros primários da Língua Brasileira de Sinais com base nos estudos de Ferreira-Brito (1990)



Fonte – Quadros e Karnopp (2004.p. 51)

Dentro do espaço de realização de sinais, existe a possibilidade limitada de locações, como a ponta do nariz ou na frente do tórax. Entretanto, é um espaço “ideal” de sinalização, conforme apresentam Quadros e Karnopp (2004). A figura 18 representa o espaço de sinalização das Línguas de Sinais.

Figura 18 – Espaço de sinalização e principais áreas de articulação dos sinais com base nos estudos de Battison (1978)



Fonte – Quadros e Karnopp (2004.p. 57)

Na descrição de Ferreira-Brito (1995), uma das pesquisadoras precursoras na análise dos aspectos estruturais da Libras, a linguista enfatizou aspectos morfológicos e fonológicos da Libras, partindo dos princípios teóricos dos estudos linguísticos da ASL. Assim, analisou tanto os parâmetros primários da Libras quanto os secundários, que incluem a região de contato, a orientação das mãos, assim como a disposição das mesmas. Para a configuração de mãos,

além de Ferreira-Brito (1995), outros estudos iniciais apresentam a descrição fonológica na Libras: Quadros e Karnopp (2004); Xavier (2006). A figura 19 apresenta um conjunto de configurações de mãos (CM) da Libras, extraído dos estudos do Grupo de Pesquisa do Curso de Letras Libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos – (INES).

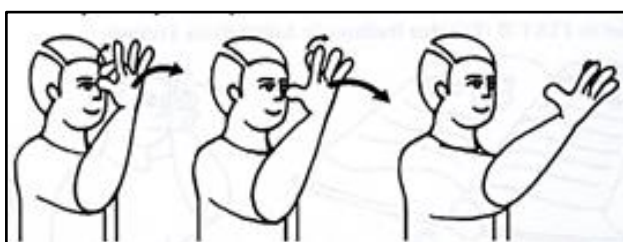
Figura 19: Conjunto de configurações de mãos (CM) da Libras, extraído dos estudos do Grupo de Pesquisa do Curso de Letras Libras do INES



Fonte: Quadros (2019)

Sobre as configurações de mãos, “são formas que as mãos assumem na produção dos sinais, que podem ser da datilologia ou outros formatos feitos pela mão dominante (mão direta para os destros) ou pelas duas mãos (Pereira *et al.*, 2011). O exemplo da figura 20 exemplifica algumas configurações.

Figura 20: Sinal de “fácil” em Libras



Fonte: Capovilla e Raphael (2008)

No exemplo apresentado na figura 20, é possível identificar os parâmetros através da sua descrição: Configuração de Mãos (CM), sendo a mão dominante (direita ou esquerda) aberta, dedo médio flexionado para baixo; Locação (L) dedo médio encostado no meio da testa; Orientação (O) palmas para dentro; Movimento: semicircular (representado pela seta), mover a mão para frente, estendendo o dedo médio. Os traços não manuais da Libras envolvem as expressões corporal, facial e o olhar. Esses servem para demonstrar aspectos gramaticais (marcando intensidade, tipos de frases, conceitos abstratos ou uma pessoa dentro de um discurso, por exemplo) e afetivos, como sentimentos.

Quanto aos aspectos morfológicos, assim como na Língua Portuguesa, Libras também é composta de um conjunto de léxico com elementos que possibilitam a criação de novos vocábulos. Sinais derivados de outros, por exemplo, de alguns verbos que são derivados de substantivos, como o sinal de “cadeira” e “sentar”, conforme apresentado na figura 21. É possível encontrar, em Libras, sinais compostos, ou seja, dois sinais com um único significado, como “igreja”, que é realizado com o sinal de CASA + CRUZ.

Figura 21: Sinal de “igreja”



Fonte: Capovilla e Raphael (2008)

Dessa forma, destacamos a iconicidade e a arbitrariedade da Língua Brasileira de Sinais. Como já foi mencionado anteriormente, Libras é uma Língua complexa e não uma mistura de gestos, portanto, nessa língua, pode-se encontrar sinais icônicos (elementos linguísticos que fazem referência ao enunciado), como telefone, borboleta, e sinais arbitrários, usado na maioria das vezes sem ter semelhança com os seus referentes.

Visto isto, é possível compreender que, para o Surdo realizar a Leitura da LP, é necessário que o conhecimento da Língua de Sinais (que é visual-espacial) esteja garantido para que a sua compreensão textual amplie o significado e sentido. Esse processo se dá na seguinte sequência: entendimento da imagem, atribuição do sentido através da Libras e a relação com a Língua Portuguesa escrita. Essa construção de sentidos perpassa primeiramente pelo processo

de formação de sinais (fonologia e fonética, a construção sintática, semântica e pragmática da Libras) para, posteriormente, estabelecer interrelações com o LP, considerando também as diferenças sintáticas das duas línguas.

4 PESSOAS E IDENTIDADES SURDAS: LEITURA E SENTIDO-INTERAÇÃO



Pensando na diversidade dos modos de ler, somos convidados a refletir sobre os diferentes tipos de pessoas. Chamaremos a atenção para aquelas que apreendem o mundo e interagem com ele de maneira visual, por possuírem uma língua que se materializa pela visualidade: são as pessoas Surdas. As pessoas Surdas possuem “uma história de vida peculiar e diferença linguística” (Ribeiro, 2021, p. 18) por perceberem o mundo e interagem com ele por meio de experiências visuais.

Na legislação brasileira, a partir do decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, encontramos a definição de pessoa Surda como:

Art. 2º [...] aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (Brasil, 2023, online).

Além desse conceito de pessoa Surda, definido pelo decreto 5.626/2005, também dialogamos com o apresentado pela autora Surda, Karen Strobel (2008), que utiliza a nomenclatura povo Surdo. Para a autora, povo Surdo são pessoas que, mesmo não habitando nos mesmos espaços, “estão ligadas por uma origem, por um código ético de formação visual” (Strobel, 2008, p. 29).

Na próxima seção, apresentamos, de forma concisa, marcos históricos que valorizam a identidade da pessoa Surda.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO PARA A CONCEPÇÃO DE PESSOAS SURDAS

²⁰ Tradução, em Libras, pelo aplicativo *Hand Talk*, na primeira figura, e pela pesquisadora, no QR. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias. O sinal de identidade está traduzido de maneira literal (automático, sem contextualizar) considerando que se trata de um intérprete virtual.

A Língua de Sinais, a pessoa Surda e sua trajetória (social, política e educacional) estão intrinsecamente ligadas aos enredos de exclusões e inclusões ocorridos dentro das diversas agências de letramentos. Nesse sentido, a formação da identidade Surda, como é própria da concepção de identidade na pós-modernidade, é produzida por fatores históricos, pela linguagem e pela cultura (Hall, 2000).

Por essa abordagem, nesta seção, discutimos sobre a formação identitária, mesmo reconhecendo a questão da fluidez e das múltiplas facetas interligadas que dependem do contexto e das vivências do indivíduo no processo de formação identitária. Para isso, apresentamos uma breve historização sobre a Língua de Sinais, a Libras e a pessoa Surda. Com efeito, os estudos sobre a pessoa Surda e a sua língua são recentes. Sá (1999, p.71), inclusive, menciona que as discussões sobre essa temática, inicialmente, começam de forma “muda, apagada e triste, semelhantemente à história”.

Desse modo, apresentamos alguns marcos históricos que contribuíram com a caminhada para o reconhecimento da pessoa Surda. Iniciamos pela antiguidade, período conhecido pelas maiores atrocidades acometidas não somente contra as pessoas Surdas, mas a todas as outras que apresentavam algum tipo de anormalidade, descrita pela sociedade. O primeiro registro histórico foi por volta do século XII (Honora, 2014) referindo-se aos Gregos e Romanos que consideravam as pessoas Surdas como não humanas, pela ausência da oralidade. Até a família dessas pessoas poderia sofrer penalidades caso não fosse conivente com a crueldade social aplicada ao Surdo. Naquela época, *“era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar”* (Berthier, 1984, apud Luchese, 2017, p. 10, destaque do autor).

Seguindo o contexto daquela época, esse grupo de pessoas era privado de seus direitos legais, como estudar, constituir família e receber heranças. Na China e em outros países, eram considerados seres amaldiçoados ou enfeitiçados e, por isso, eram lançados do alto de rochedos ou no mar; na Europa eram colocados em fogueiras. Em outras localidades, a exemplo do Egito e da Pérsia, a pessoa Surda possui outra forma de tratamento. Ela era adorada e protegida como um deus. Isso porque a sociedade acreditava que a pessoa Surda mediava a comunicação com os deuses, através do silêncio.

Até Aristóteles, filósofo pertencente à Grécia antiga, a sociedade acreditava que, para obter sucesso na escolarização, os estudantes deveriam ouvir, porque, para ele, quem não ouvia era incapaz de pensar, pois acreditava que a condição humana se dava em detrimento ao uso da linguagem oralizada. Neste sentido, o pensador afirmava que, “[...] de todas as sensações, é a audição que contribuiu mais para a inteligência e o conhecimento [...], portanto, os nascidos surdos-mudos se tornam insensatos e naturalmente incapazes de razão” (Strobel, 2009, p. 18).

No entanto, em contrapartida ao pensamento de Aristóteles, surgem outras reflexões a respeito da pessoa Surda, enquanto seres humanos, assim como a maneira visual com a qual eles poderiam se comunicar. Sócrates também apresenta discussão sobre a temática, quando questionou o seu discípulo Hermógenes:

Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo? Hermógenes respondeu: Como poderia ser de outra maneira, Sócrates? (Veloso; Filho, 2009 apud Luchese, 2017, p. 7).

Na idade média, poucos registros foram encontrados sobre a pessoa Surda. Entretanto, a pesquisadora Surda Karen Strobel (2009) apresenta que esse período remeteu a uma mudança no que se refere à exclusão total do Surdo, tendo em vista que ele era considerado inadequado para a vida em sociedade (Luchese, 2017). No entanto, as pessoas Surdas nascidas em famílias nobres eram favorecidas pela igreja católica em relação aos seus direitos, entretanto, os pertencentes a classes menos prestigiadas ficavam impedidos de confessar seus pecados, casar-se e receberem a comunhão. Legalmente, também estavam impedidos de receber heranças e votar.

Nesse mesmo período, na Itália, conforme Strobel (2009), as agências religiosas começaram a prestar mais atenção à comunicação sinalizada, através dos monges beneditinos, que tentavam buscar a interação com o divino e a formação religiosa sem quebrar os votos de silêncio. Em relação às pessoas Surdas, na época, as concepções sobre elas e a surdez permaneciam diversas e, majoritariamente, pejorativas. Mantinham a ideia de que a pessoa Surda também era muda. Nesse período, surgiu a concepção surdo-mudo, ou seja, como não oralizam/verbalizam, certamente, eram incapazes de expressar o pensamento. Essa é uma terminologia (surdo-mudo) incoerente, que vigorou até grande parte do século XX.

Na modernidade, surgiram novos cenários para a tentativa de estabelecer a comunicação com algumas pessoas Surdas (Luchese, 2017), com maior ênfase na Europa, região onde está concentrada grande parte dos registros e dos estudos, especialmente, na área médica. Entretanto, ainda nesse contexto, em alguns períodos, as pessoas Surdas eram marginalizadas, consideradas inferiores, incapazes de estudar e de se desenvolver intelectualmente.

Nesse processo de tentativa de comunicação com as pessoas Surdas, surgiu o primeiro livro que descreve e ilustra o alfabeto manual utilizado naquela época, intitulado de “*Refugion Infirmorum*”, produzido pelo Monge Franciscano Yebra, de Madrid (Veloso; Filho 2009 apud Luchese, 2017). O objetivo do livro foi promover e facilitar a compreensão comunicativa entre as pessoas, conforme está ilustrado na figura 22, constituindo, assim, o que nesta pesquisa

consideramos um evento de letramento na esfera religiosa.

Figura 22 - Alfabeto Manual



Fonte: (Veloso; Filho 2009 apud Luchese 2017. p. 15)

A obra do Monge Franciscano Yebra, ao apresentar o alfabeto sinalizado, é muito significativa, pois demonstra que, desde aquela época, no século XVII, existia, através das tentativas de comunicação, a utilização das atividades de leitura nos eventos religiosos católicos, o que deixou um marco positivo na trajetória histórica e da constituição linguística do povo Surdo.

Além de educadores e filósofos do século XVI, profissionais da saúde também demonstraram interesse pelas pessoas Surdas, como o médico Girolamo Cardano, que afirmava que a Surdez não era empecilho para desenvolver a aprendizagem. Através de suas pesquisas, com base na representação dos sons através da escrita (Honora, 2010), ensinava aos Surdos utilizando a Língua de Sinais e escrita (Luchese, 2017). Já o padre espanhol Juan Pablo Bonet escreveu o primeiro livro sobre a educação dos Surdos na Espanha, intitulado “*Reducción de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*” (Honora, 2010).

Apesar de o Livro expor uma prática de letramento oral (chamado naquela época de método oral, onde as pessoas eram expostas a treinamentos vocais) está sendo mencionado aqui por ser o primeiro registro que descreve o alfabeto manual, apresentado nas figuras 23 e 24. Ainda assim, mesmo com a existência desses alfabetos, nesse período, era necessário soletrar as palavras, o que exigia da pessoa Surda, de certa maneira, a necessidade de reconhecer a escrita ou leitura para o processo de aprendizagem e de desenvolvimento de comunicação com

peessoas não Surdas (ouvintes).

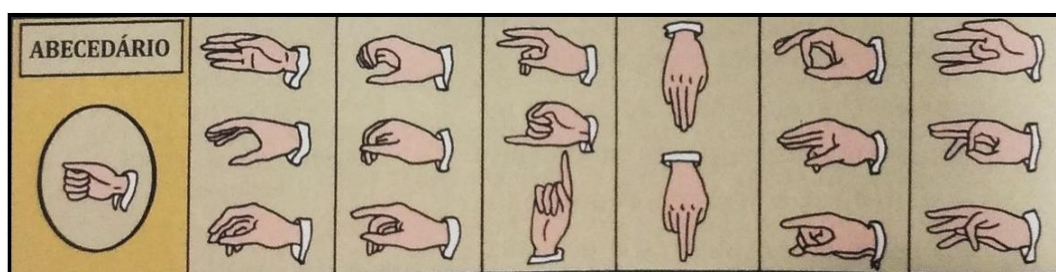
Figura 23 - Alfabeto Manual descrito no livro “*Reducción de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*” de Juan Pablo Bonet, século XVII



Fonte: (Lane 1992, p. 58 apud Luchese, 2017, p. 18)

Com a intenção de compreender com mais nitidez as configurações de mãos da imagem original anteriormente apresentada, mostraremos a seguir uma representação mais recente do Alfabeto Manual da Língua Brasileira de Sinais o século XVII, publicada por Honora (2014), através da figura 24.

Figura 24 - Representação mais recente do Alfabeto Manual, descrito no livro “*Reducción de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos*” de Juan Pablo Bonet, século XVII



Fonte: Honora (2014, p,52)

Ponce Leon, mesmo utilizando diferentes táticas para desenvolver a comunicação e o aprendizado com as pessoas Surdas, as suas pesquisas influenciaram na percepção da constituição da pessoa Surda, da Surdez e da necessidade do uso da língua de Sinais como meio de comunicação e de aprendizagem. Isso, sem dúvida, tornou-se arcabouços teóricos fundamentais para a validação da língua de sinais em todo mundo.

Subsequente aos estudos pioneiros sobre a comunicação sinalizada, citamos o autor John Bulwer (1644), que publicou obras que destacam a importância da língua de sinais. Em seu trabalho “*Chirologia e Natural Language of the Hand*”, Bulwer defendeu a utilização do alfabeto manual, da língua de sinais e da leitura labial como formas de comunicação eficaz.

Essa ideia, mais tarde, foi sustentada por George Dalgarno, que também via essas formas de comunicação como essenciais para os Surdos.

Perlin e Strobel (2008 apud Luchese, 2017) concordam que Bulwer (1644) acreditava que a língua de sinais era universal e que seus elementos eram constituídos de maneira icônica, ou seja, representavam diretamente aquilo que significavam. Além disso, Bulwer publicou “Philocopus”, obra em que reforçou sua visão de que a língua de sinais poderia expressar conceitos complexos e de maneira completa, assim como as línguas orais, destacando a potencialidade comunicativa das mãos para transmitir sentidos e significados.

O termo *Chirologia*, citado diversas vezes no livro Bulwer (1644), significa quirologia, palavra que vem do Grego Quiro = mão e logia = estudo; expressa o sentido de estudos ou conhecimentos adquiridos pelas mãos (Campello, 2011). Esse termo foi muito mencionado nas pesquisas de Bulwer por considerar que os sinais eram importantes para as pessoas Surdas e o meio de comunicação entre elas. Assim, os sinais eram a necessidade natural dos homens Surdos que, por meio deles, podiam “discutir, mostrar, sinalizar” (Bulwer, 1644, p. 5 apud Campello, 2011, p.13).

A quirologia era um dicionário de gestos manuais, fundamentado por amplas fontes literárias, religiosas e médicas (Campello, 2011). Foi apresentado também outro termo: quirema, que dizia respeito a um manual para uso efetivo da datilologia em si, ou seja, a maneira de falar utilizando as mãos. Posteriormente, o linguista inglês Stokoe (1960) definiu o termo como unidades formacionais dos sinais (Configuração de mão, Localização e Movimento) e o estudo de suas combinações.

Retornando um pouco ao século XVIII, apresentaremos uma das personalidades que mais se destacaram na história da constituição da pessoa Surda e de sua língua materna: o Abade Charles Michel de L’Épée, considerado o “Pai dos Surdos”, defensor da Língua de Sinais, que construiu com recursos próprios a primeira agência educacional pública para Surdos (Honora, 2014), denominada de Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris.

L’Épée, em 1776, publicou o livro “A verdadeira maneira de instruir os Surdos-Mudos”. Nesse material, o Abade publicou seus sinais metódicos, que consistiam na combinação das regras sintáticas da língua francesa com o alfabeto criado por Pablo Bonnet. A obra foi completada posteriormente pela teoria do abade Roch-Ambrois e Sicard. A figura 25 apresenta foto do Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris.

Figura 25 - Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, fundada pelo Abade Charles-Michel de l'Épée em 1760, em Paris, França



Fonte: Fontainha (2010)

A ação de L'Épée de constituir uma escola motivou outros professores do mundo a fundarem suas próprias escolas. Como apresenta Luchese (2017, p. 23), “em poucos anos foram criadas mais de vinte e uma agências de letramentos escolares para Surdos na Europa”, decorrendo no final do século XVIII. No entanto, o que mais motivou L'Épée a se dedicar aos estudos da Língua de Sinais foi o contato que teve com duas irmãs Surdas, que se comunicavam por sinais (não convencionais), as quais se tornaram suas alunas. Por intermédio das vivências com elas, o abade desenvolveu os sinais metódicos, defendendo sempre o uso da sinalização como o meio de comunicação natural das pessoas Surdas.

O abade contribuiu para o avanço histórico e linguístico das pessoas Surdas com o intuito de vê-las envolvidas em eventos de letramento religiosos daquela época. Para isso, ele se dedicou a aprender a língua dos “pupilos” (Luchese, 2017, p. 23), termo pelo qual L'Épée se referia aos seus alunos Surdos naquela época. Seu empenho com o processo de letramentos inferia a relação entre sinais, imagens e palavras escritas, acreditando que esse processo possibilitaria aos estudantes o desenvolvimento da leitura e da escrita, a partir da atribuição de sentidos, por meio dos sinais.

Entretanto, todas as práticas de letramentos desenvolvidas pelo abade necessitavam de apoio financeiro das famílias e da sociedade. No entanto, alguns estudiosos e familiares discordavam das práticas de letramento de L'Épée e desejavam retomar à antiga tentativa de recuperação vocal das pessoas Surdas, dando início a um movimento contra a utilização da Língua de Sinais, comprometendo as práticas iniciadas por Michel de L'Épée.

No século XIX, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet, de Hartford, Estados Unidos,

se sensibilizou com uma criança Surda, de nome Alice. Ela estava perto, porém, excluída de outras que brincavam no jardim da Gallaudet. O reverendo, percebendo o seu afastamento das outras crianças, identificou a surdez. Tentou ensiná-la, *a posteriori*, juntamente com o pai dela, que era médico, cujo nome era Dr. Masson Fitch Cogswell. Juntos tiveram a intenção de fundar a primeira escola para Surdos (Campello; Quadros, 2010).

Com esse propósito, Gallaudet viaja até a Europa para conhecer as escolas que existiam naquela época e as atividades desenvolvidas para pessoas Surdas. Apesar de ir a outros lugares, foi na França que se admirou com as práticas de escolares em Língua de Sinais utilizadas pelo abade Sicard. Quando retorna à América, traz a experiência de ter aprendido a Língua de Sinais com um professor Surdo, Laurent Clerc, que, por sua vez, aprendeu com Gallaudet a Língua Inglesa.

Em parceria, fundaram, em 15 de abril de 1817, a primeira escola para Surdos nos Estados Unidos, denominado “Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas”. Conforme apresentam Campello e Quadros (2010), a comunicação era por meio da Língua de Sinais entre professores e estudantes, assim como alguns que lá ensinavam eram pessoas Surdas.

Muitas outras escolas em Língua de Sinais surgiram, inclusive a primeira universidade nacional para pessoas Surdas (“Universidade Gallaudet”), em Washington, nos Estados Unidos, em 1864, tornando-se a primeira universidade do país a ter os programas desenvolvidos especificamente para pessoas Surdas que utilizavam como língua oficial a *American Sign Language* (ASL) e a Língua Inglesa como Língua de Sinais usada nos Estados Unidos como segunda língua.

Nesse contexto de expansão linguística, inicia-se no Brasil o movimento de inclusão da Língua de Sinais nas comunidades brasileiras, por intermédio do professor Surdo francês, Eduart Huet, que tinha “experiência de mestrado” e cursos em Paris (Honora, 2014). Huet chegou ao Brasil sob a anuência do imperador D. Pedro II, que se preocupou com a educação de um membro da família Surdo e convidou o professor Huet com a intenção de fundar, em território brasileiro, a primeira escola para pessoas Surdas, em 1º de janeiro de 1856, tornando-se um marco inicial dos primeiros indícios do uso da Língua de Sinais no Brasil, assim como da educação através dela.

A agência, naquela época, foi fundada com o nome de “Instituto de Surdos Mudos no Rio de Janeiro”, através da Lei nº 939 de 26 de setembro de 1857, posteriormente, chamado de

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)²¹, órgão governamental, situado em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, apresentado na figura 26. Tornou-se um centro de referência na área da Surdez. A data rememora até os dias atuais a criação do INES como as conquistas linguísticas e culturais do Povo Surdo, sendo intitulada como “O dia nacional do Surdo”, em todo o país.

Figura 26 – Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)



Fonte: Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/747-instituto-dos-surdos-mudos>. Acesso em: 28 out. 2024.

Nesse momento, as Comunidades Surdas – acadêmicos, pesquisadores, educadores, associações de Surdos, familiares – reúnem-se entre si com outras áreas de conhecimento em um movimento de ações coletivas que promovem discussões a respeito da consolidação do uso e da difusão da Língua Brasileira de Sinais e, sobretudo, da participação respeitosa e ativa do povo Surdo nos diversos espaços sociais.

A presença do professor Huet, a utilização do alfabeto manual em Língua Francesa e o contato com a sinalização de pessoas Surdas brasileiras originaram a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que só parou de ser utilizada no período quando houve a determinação do Congresso de Milão, em 1880²².

²¹ Site oficial do INES. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br>. Acesso em: 20 out. 2024.

²² O Congresso de Milão foi uma conferência internacional de educadores de Surdos, que ocorreu no dia 6 de setembro de 1880, na cidade de Milão, Itália à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados pelo Método Oralismo. A Língua de Sinais, proibida nas escolas durante quase 100 anos, tanto no Brasil, quanto em outros países. Entretanto, é importante considerar que neste mesmo período foram criadas mais de 180 Associações de Surdos, além da Federação Desportiva, Confederação Brasileira de Desporto e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS –, que se preocuparam com a preservação da Língua de Sinais levantavam discussões sobre os direitos essenciais do ser Surdo. Acontecerá em 2025, também em Milão a conferência internacional com a finalidade de levantar novas discussões sob uma nova perspectiva e com a participação da Comunidade Surda.

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)²³ oferta cursos em todos os níveis de ensino, inclusive graduação e pós-graduação. Mantém um site com informações gerais (cultura, esporte, lazer, política) e específicas da área da Surdez, com vídeos educativos, programas de TV, Literatura Surda, curso de Libras, Jornalismo, seminário, todo material acessível para a Comunidade Surda e a comunidade ouvinte. Além do INES, outras agências de letramento foram fundadas no Brasil, posteriormente: o Instituto de Santa Terezinha, em 1929, e o Instituto Educacional São Paulo (IESP), em 1974. Esse último foi cedido para a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) (Honora, 2014).

Entretanto, somente no século XXI que a Língua Brasileira de Sinais ganhou reconhecimento nacionalmente como a língua materna utilizada pelas Comunidades Surdas do Brasil, através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002, online).

Além da lei 10.436/2002, foi sancionado o decreto de número 5.626, em 22 de dezembro de 2005, que orienta sobre o uso e a difusão da Língua Brasileira de Sinais em todas as instâncias e as agências da sociedade, educação, jurídica e administrativa. Em 2010, foi sancionada a Lei de número 12.319 de 1º de Setembro, que regulamenta a profissão do Tradutor e Intérprete de Libras, profissional capacitado para realizar a mediação linguística entre as pessoas Surdas e ouvintes.

No ano de 2015 foi sancionada a Nova Lei de Inclusão nº. 13.141 de 06 de julho de 2015, que reforça a necessidade imprescindível sobre o uso da Libras como meio de comunicação, interação, expressão e aprendizagem. *A posteriori*, em 2021, foi sancionada a Lei nº 14.191/21, em 3 de agosto de 2021, que teve como objetivo reestruturar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, garantindo o ensino Bilíngue na Educação Básica e o atendimento bilíngue nos curso de graduação e pós-graduação. Na seção a seguir, discutimos sobre as pessoas e as identidades Surdas.

4.2 PESSOAS, LÍNGUA E IDENTIDADES SURDAS: ALGUMAS DISCUSSÕES

²³ Links que direcionam às páginas do INES. Exemplo: informações sobre a educação Básica que é ofertado e demais serviços: <https://debasi.ines.gov.br/p%C3%A1gina-inicial>; Cursos: <https://www.gov.br/ines/pt-br/assuntos/libras>; Instagram: <https://www.instagram.com/ines.ddhct/>.

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdos. (Basilier, 1993 apud Gesser, 2009, p. 81).

É primordial que, antes de imergir no espaço da pessoa Surda, conheçamos os sujeitos e o contexto no qual o Surdo encontra-se inserido e que faz sentido para ele. A professora surda Ana Campello (2007), em sua pesquisa para tese de doutorado, defende a necessidade e a importância de conhecermos a pessoa Surda, seu contexto histórico, sua maneira de comunicação, sua língua, seus artefatos culturais e traços identitários para uma interação respeitosa com esse grupo que apreende e compreende o mundo de maneira totalmente visual.

Já Perlin e Miranda (2003), pesquisadores Surdos que são mencionados nos estudos de Karin Strobel (2008), abordam sobre a experiência visual como sendo o uso da visão, como canal de comunicação, em substituição absoluta da audição. É por essa perspectiva que surge a concepção da “Cultura Surda representada pela Língua de Sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico” (Pereira *et al.* 2011, p.29), adotada nesta pesquisa.

Em se tratando especificamente da pessoa Surda, a Língua de Sinais é considerada o artefato visual da comunidade surda²⁴, por meio da qual todas as expressões são garantidas. A língua(gem) constitui-se um dos principais fatores pelo qual um indivíduo assume um lugar na sociedade. Nesse sentido, para Fiorin (2000), ela contém uma visão de mundo que, muitas vezes, determina a maneira como vemos e concebemos a realidade que nos é apresentada.

Como principal meio para a interação, a língua(gem), enquanto fator dinâmico e heterogêneo, evidencia fatores identitários das pessoas, marcados pela diferença. É por esse contexto que compreendemos o encontro entre língua(gem), identidades e comunidades surdas. No contexto das comunidades Surdas, ocorre a representatividade das identidades Surdas, também construídas por intermédio do uso da língua de sinais e das vivências coletivas entre os Surdos. Da mesma maneira que as andorinhas voam em bandos, as pessoas Surdas precisam conviver com os seus pares, pois é através das trocas linguísticas e culturais que as relações identitárias e de pertencimento são constituídas. Nesse contexto, os Surdos (crianças ou adultos) experimentam aprendizagens a partir da interação nos momentos de encontro entre eles.

²⁴ Comunidade Surda, termo utilizado por Karen Strobel (2008), se referindo a todas as pessoas surdas e não surdas (pais, filhos, professores, amigos) que participam dos movimentos surdos e compartilham dos interesses em comum

Partimos da concepção de identidade como um constructo múltiplo, heterogêneo, que leva em consideração a diferença (Hall, 2006) e se constitui por perspectiva histórica, de língua(gem) e da cultural. Portanto, as identidades são construídas dentro das culturas, isto é: “[...] um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pelas imposições de seus significados à sociedade mais ampla” (Silva, 2003, p. 134).

Dessa forma, o sentido das identidades se constroi a partir das língua(gens) e dos sistemas simbólicos que as constituem. Por essa perspectiva, as identidades são “celebração móvel” (Hall, 2006), pois são formadas e transformadas de forma contínua em relação às formas pelas quais somos representados nos espaços culturais. Assim, as identidades Surdas

Estão presentes no grupo onde entram os surdos que fazem uso da experiência visual propriamente dita. [...] Desse modo, a(s) cultura(s) surda(s) constituem significados na vida em comunidade(s), onde a presencialidade, o uso da língua de sinais e a troca de experiências visuais ganham vida (Müller, 2012, p. 105).

As identidades sustentam a ideia de pertencimento e podem ser desenvolvidas através das trocas e das convivências coletivas entre os grupos Surdos. Por sua vez, a língua constitui o sujeito e a sua identidade. Entretanto, ainda que a Língua de Sinais seja natural do povo Surdo, nem toda população Surda se comunica através dela. Isso se configura nas multifaces encontradas nesse grupo, que caracterizam as diferenças identitárias mencionadas por Gladis Perlin, primeira Surda a conquistar o título de doutora no Brasil, tornando-se referência para a comunidade Surda brasileira. A autora classifica as diferenças como Identidades Surdas.

No entanto, existem muitas discussões a respeito dessa temática, porém, no que se refere aos tipos, mencionaremos, apenas, as sete destacadas por Perlin (2008) para o embasamento desta dissertação. Ressaltamos que, apesar de estarem destacadas, as identidades não são isoladas ou únicas, se movimentam numa construção coletiva, pois os Surdos e a Comunidade Surda são “plurais como o é todo agrupamento humano, toda a identidade é dinâmica e transformada continuamente”(Sá, 2010, p.127) através da convivência entre os pares Surdo-Surdo.

Uma identidade pode transitar sobre a outra a depender do cotenxto de cada pessoa Surda e de suas experiências visuais em interação com o o(s)outro(s). Deste modo, toda identidade é “construída com o outro e a partir do outro” (Sá, 2010, p.123), através da interação dialógica entre eles, os quais se diferem a partir do pertencimento ao grupo Surdo utilizando a Língua de Sinais, definindo, inclusive as suas Identidades Surdas (Novaes, 2010).

As identidades que serão apresentadas foram inicialmente descritas por Perlin (2008), entretanto, com base no que discutiremos acima, é inviável afirmar que a pessoa Surda se define assim (no singular) ou possui esta ou aquela identidade, pois a construção identitária ocorre pelas experiências visuais, histórias e familiares, sendo dinâmica e coletiva. Ainda assim, neste estudo, tivemos a intenção de retomar essa discussão com a finalidade de também ressignificá-las: 1) Identidade Surda Política: diz respeito àquela pessoa que se reconhece enquanto um ser cultural, político, multifacetado, linguisticamente diferente, participa da comunidade Surda, de associações, movimentos Surdos e utiliza a Língua de Sinais como meio de comunicação. Também, aceita a mediação do Intérprete de Libras; 2) Identidade Surda Híbrida: pessoas que ficaram ensurdecidas por sequelas de doenças ou alguma causa, porém, se reconhecem como sujeitos diferentes linguisticamente; usam a Língua de Sinais e a oralidade para se comunicar; 3) Identidade Surda de Transição: corresponde à condição da pessoa que conviveu com ouvintes e teve o contato tardio com a comunidade Surda; passa pela transição do uso da comunicação visual e oral para a visual e sinalizada; 4) Identidade Surda Intermediária ou Incompleta: embora sejam Surdos, essas pessoas não se identificam como sujeitos culturais/políticos Surdos; valorizam a perspectiva clínica, considerando os graus e tipos de surdez; não aceitam a Língua de Sinais nem o apoio do intérprete de Libras; 5) Identidade Surda flutuante: a pessoa com surdez não tem contato com a comunidade Surda; tenta reproduzir o modo ouvinte de se comunicar e aceita o uso de aparelhos auditivos como meio de reabilitação; 6) Identidade Surda embaçada: pessoas surdas que não compreendem nem a fala oral nem a sinalizada; desconhecem a surdez como diferença cultural e linguística e são consideradas surdos classificados sob a visão clínica; 7) Identidade Surda de diáspora: Surdos que mudam de localidade ou grupo de convivência, seja em relação à cidade, ao estado ou ao país.

As identidades Surdas, que não são representadas nesta pesquisa de forma taxonômica, são constituídas, portanto, por aspectos históricos, políticos e culturais, permitindo à pessoa Surda novas e outras representações, significações e pertencimentos sociais. Sendo assim, reafirmamos que as identidades e a cultura se desenvolvem mutuamente através das partilhas entre sujeitos que dividem os mesmos espaços e ambientes, utilizando-se das experiências de língua(gem), inclusive para as atividades de leitura.

A questão da(s) identidade(s) Surda(s) está relacionada à maneira como a pessoa Surda se autodefine cultural e linguisticamente diferente e que está intrinsecamente ligado às experiências visuais e ao uso da Língua de Sinais como meio principal de comunicação e expressão para interagir com o mundo. Outras discussões inclinam-se para a valorização da diferença, visto que tratando-se de uma identidade cultural e linguística, como no caso da pessoa

Surda, só poderá ser compreendida através conexão da produção da diferença que, por sua vez, é um processo social discursivo. Sendo assim, a “identidade e a diferença são dois aspectos relacionados na análise da experiência da surdez” (Sá, 2010, p 121).

Nessa perspectiva, não podemos pensar na(s) identidade(s) Surda(s) com singularidade, haja vista que existem diversas definições e ambiguidades existentes no próprio termo identidade. Em relação a pessoas Surdas, essas constituições de identidade não acontecem do vazio e sim como resultados dos encontros entre os pares linguísticos e a partir do confronto com novos ambientes discursivos. Nesses encontros, as pessoas Surdas “*começam a narrar-se, e de forma diferente daquela através da qual são narrados pelos não Surdos*”. Começam a desenvolver identidades Surdas fundamentadas na diferença” (Sá, 2010, p 124, destaque do autor). Através do contato e das trocas que ocorrem entre si nas diferentes representações, a(s) identidade(s) Surda(s) se constroem, possibilitando também as autoproduções que atribuem sentidos e significados às informações artísticas, políticas, intelectuais, religiosas, técnicas, jurídicas, esportivas que transitam na sociedade.

Nesse contexto, podemos observar que nos encontros entre os participantes Surdos do Grupo MALP, constituído por diferentes representações identitárias, por trocas durante os encontros presenciais ou nos diálogos do grupo através das redes sociais, ocorre a socialização de aspectos culturais e linguísticos do povo Surdo, o que contribui para a formação identitária de cada participante do ministério.

Além disso, ao promover a interação por meio da Língua Brasileira de Sinais assim como a leitura de textos em Língua Portuguesa, através da partilha da construção de significados aos textos, as identidades dos participantes sendo (re)construídas e (re)valorizadas.

Ou seja: nas práticas e nos eventos de letramento que são realizados no MALP, as identidades são sempre construídas pela interrelação da pessoa Surda com os textos, tanto em Língua Sinais como em Língua Portuguesa, esse último objeto desta pesquisa. No entanto, percebemos, devido à nossa participação no grupo, que para o surdo que frequenta a micro-agência de letramento MALP, realizar atividades de leitura com textos em LP, que apresentam outra constituição linguística, multimodal e multissemiótica diferente da Língua de Sinais, representa, em muitos momentos, um desafio. No entanto, a pesquisa nos revelou que, para além do desafio, também promove a ampliação de identidades, por essas serem constructos dinâmicos e flexíveis.

Na seção a seguir, apresentamos os constructos metodológicos que embasaram esta pesquisa.

5 METODOLOGIA



Compreendendo a relevância da pesquisa e de suas contribuições para o desenvolvimento cultural, social e acadêmico, assim como para a construção de conhecimentos e a difusão de informações, este estudo estrutura-se a partir de uma abordagem qualitativa e tipo de pesquisa participante. Assumimos a abordagem qualitativa, pois, como nos apresenta Flick (2009, p. 24), ela é concebida como um tipo de “[...] diálogo, em que a sondagem, novos aspectos e suas próprias estimativas encontram o seu lugar”. Também, caracterizamos esta pesquisa como qualitativa, por permitir à pesquisadora um olhar sensível no campo de pesquisa, levando em conta a pluralização das esferas de vida (Flick, 2009) dos participantes.

Nesse sentido, a pesquisa estudou o significado das vidas dos participantes (pessoas Surdas) nas condições em que elas se movimentam de forma cotidiana (a micro-agência de letramento MALP, situada na PIBFS); representou as perspectivas desses participantes, a partir de suas próprias falas (realização de entrevistas semiestruturadas durante as sessões de observação participante nos encontros formativos na Escola Bíblica Dominical²⁶, realizada pelo MALP); conheceu as condições contextuais em que vivem esses participantes, em espaços exteriores ao MALP; e contribuiu com a revelação de concepções sobre a formação leitora em LP dos participantes que ajudaram a explicar a compreensão deles das atividades textuais no ambiente religioso (Yin, 2016).

Dessa forma, neste estudo, rompemos com as grandes narrativas que subalternizam o

²⁵ Metodologia, em Libras, traduzido pelo aplicativo *Hand Talk*, na primeira figura, e pela pesquisadora, no QR.. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias.

²⁶ A Escola Bíblica Dominical (EBD) é um processo de educação não escolarizado realizado pelas igrejas evangélicas, com a finalidade de promover o conhecimento sobre os dogmas religiosos e o crescimento espiritual dos membros da igreja.

lugar da pessoa Surda, excluindo-o, muitas vezes, das práticas culturais letradas da sociedade. Assim, ao valorizar as atividades de leitura do Surdo, em LP, que tem como L1 Libras, mas frequenta a agência de letramento religioso em que as práticas textuais são disponibilizadas, em geral, em LP, promovemos a inclusão dessas pessoas no contexto social do qual participa, por certo, por um olhar sensível ao campo.

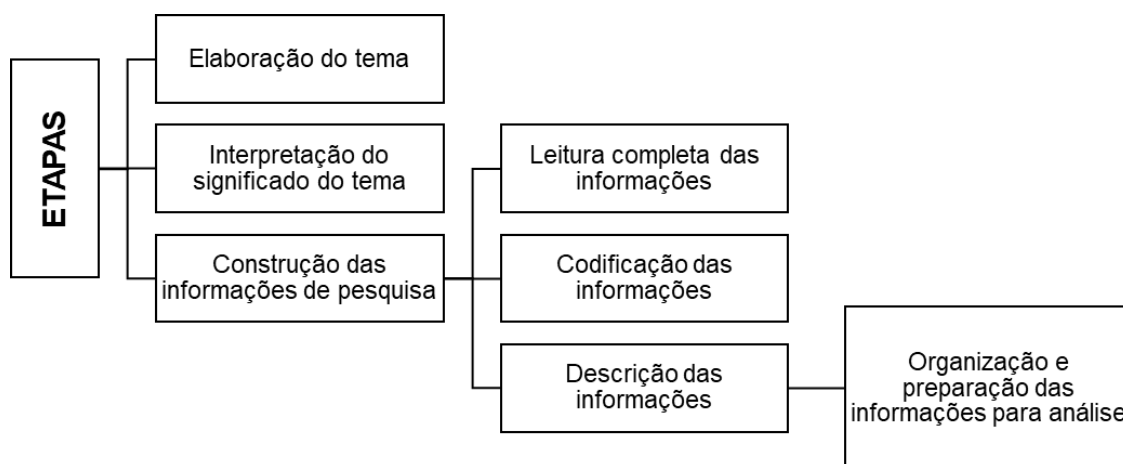
Nesta seção metodológica, apresentamos os aportes que contribuíram para a realização da pesquisa, atentando-nos para o tipo, etnográfica e método interpretativista, aos dispositivos (observação participante e entrevista semiestrutura, realizadas em Libras, e diário de campo da pesquisadora), *locus* (MALP como um ministério da PIBFS), participantes (pessoas Surdas que frequentam o MALP) e procedimentos éticos da pesquisa.

5.1 TIPO DE PESQUISA: ETNOGRÁFICA

Esta pesquisa insere-se no tipo etnográfico. A pesquisa etnográfica consiste em uma descrição dos eventos que ocorrem na vida de um determinado grupo, levando em conta aspectos sociais, culturais e interacionais dos participantes do grupo com o pesquisador. Como a pesquisa foi realizada no espaço-tempo em que as ações sociais ocorreram, “[...] a etnografia estabelece(u) relações que possibilita(ra)m compreender melhor a complexidade de determinados fenômenos sociais” (Andion; Serva, 2006, p. 153).

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica “[...] estabelece relações que possibilitam compreender melhor a complexidade de determinados fenômenos sociais” (Andion; Maurício, 2006, p. 53). Como apontado por López (1999), a pesquisa etnográfica apresenta em sua natureza o caráter holístico (a descrição do fenômeno de maneira global e em seu contexto de acontecimento), condição naturalista (o estudo dos participantes da pesquisa em seu caráter natural), contextualização das informações construídas em campo e não emissão de juízo de valor pelo pesquisador. Para este estudo, a etnografia tornou-se ideal tendo em vista tanto a minha ambiência da pesquisadora quanto a dos participantes da pesquisa no *locus* (o MALP um ministério da PIBFS).

Como pesquisadora, tenho implicação com o contexto social de pesquisa, tendo em vista que frequento a instituição religiosa há mais de 10 anos, atuando no trabalho com os Surdos. Esse contato rotineiro com os participantes resultou na construção de laços de confiança e de afeto, o que, por certo, facilitou a entrada em campo. Para a realização da pesquisa etnográfica, foram realizadas as etapas descritas na figura 27:

Figura 27 – Etapas da pesquisa etnográfica

Fonte – Criado pela pesquisadora desta dissertação, inspirada Creswell (2010)

A primeira etapa, elaboração do tema, resultou da escolha e do delineamento do tema: práticas de leitura em LP pela pessoa Surda que frequenta o MALP. Essa etapa ocorreu no primeiro semestre do curso de Pós-graduação, em 2023.1, no processo de reelaboração do projeto de pesquisa, apresentado no Seminário de Projetos do PPGEL. Em seguida, na segunda etapa, procedemos à interpretação do significado do tema, a partir do diálogo com os aportes teóricos. A pesquisa do referencial teórico contribuiu para a ampliação do conhecimento sobre as categorias-chave deste estudo (letramentos, leitura, pessoa Surda), que contribuíram para a interpretação dos achados da pesquisa.

Na terceira etapa, construção das informações de pesquisa, representou o momento de entrada no campo: micro-agência de letramento MALP, situada na PIBFS, em 16 de junho de 2024. Para a realização dessa etapa, *a priori*, foi expedido pelo primeiro presidente da PIBFS, Pr. Jamir Sbrana, uma carta de anuência para a realização desta pesquisa, além de ciência quanto ao teor e às implicações que o estudo poderia reverberar na instituição.

A terceira etapa apresentou subetapas: a) leitura completa das informações, momento em que se interagiu com o conteúdo das intervenções em campo. b) codificação das informações construídas em campo. A leitura das informações ajudou a seleção das informações que foram descritas e analisadas no processo de pesquisa, apresentadas na seção dos resultados, e as que foram descartadas por não apresentarem relevância para o estudo; b) codificação das informações, quando os achados da pesquisa foram categorizados e interpretados. Nesse processo, foram geradas unidades de registro para a análise, a saber: i) leitura como processo de decodificação do texto em LP e ii) leitura como atribuição de sentidos ao texto em LP: c)

descrição e problematização das informações. Nessa última subetapa, também realizamos a organização e a preparação das informações para a análise, levando em conta a categorização e as unidades de registro já geradas.

5.2 DISPOSITIVOS DE PESQUISA: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA E DIÁRIO DE CAMPO

Os dispositivos que subsidiaram esta pesquisa foram a observação participante, a entrevista semiestruturada e as anotações no diário de campo da pesquisadora. A observação participante é definida como “[...] uma estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação diretas e introspecção [...]” (Denzí. 1989, p. 157-158 apud Flick, 2009, p. 207). A escolha pela observação participante se deu por ser integrante do MALP e atuar na coordenação do grupo, o que tornou natural observar e conversar com os participantes sobre as práticas de leitura dos gêneros textuais religiosos em LP como produção de sentido e de interação.

Para a realização da observação participante, levamos em conta alguns princípios, tais como: a) realização da interação com os participantes de forma respeitosa e horizontalizada, sendo a comunicação realizada em Libras, considerada L1 da pessoa Surda; b) promoção dos encontros no espaço já habitual dos participantes (sala do MALP na PIBFS), no horário comum à realização das atividades religiosas (aos domingos, no turno matutino) e com duração do tempo da EBD (a classe tem duração de uma hora); c) utilização de gêneros textuais tradicionais no contextos religioso evangélico, tais como leitura de versículo bíblico, de letra de corinho, da lição da EBD, que apresenta tanto a LP quanto Libras, de avisos que são afixados nas paredes da sala, entre outros textos.

Afirmamos que a observação participante se revelou como um processo importante na atividade de pesquisa, por isso, ela foi realizada em cinco encontros do MALP, aos domingos. Assim, desenhamos a organização desse dispositivo em três etapas, tais como identificadas na figura 28:

Figura 28 – Etapas da observação participante

Fonte – Criado pela pesquisadora deste projeto, inspirada em Flick (2009)

A observação descritiva foi realizada em todos os encontros, quando foram descritos os modos de interação da pessoa Surda com a leitura dos textos, tanto pela percepção da pesquisadora quanto pela própria fala do participante. Nessa etapa, verificamos quais gêneros textuais eram utilizados, geralmente, nos encontros da EBD, quais os que os participantes mais liam e os que mais apresentavam dificuldade de compreensão e de interpretação, dentre outros aspectos. Com essa etapa, atingimos o primeiro objetivo específico desta dissertação, a saber: mapear as atividades de leitura de textos religiosos em Língua Portuguesa realizadas pelos surdos no MALP. Os resultados dessa etapa foram apresentados na seção 6 desta dissertação.

Já a observação focalizada teve como objetivo a observação de problemáticas específicas quanto ao campo de pesquisa. Nesse momento, tivemos como intenção ampliar nosso foco de estudo para a interação dos participantes com os gêneros textuais que, segundo eles, ofereceram maior dificuldade para o processo de leitura como construção de sentido e de interação, com a finalidade de compreender o motivo dessa dificuldade e quais as táticas de leitura utilizadas por eles para a superação desses entraves. Aqui, atingimos o segundo objetivo específico desta dissertação: identificar quais táticas de leitura são as mais acionadas pelos Surdos para a atribuição de sentido aos textos religiosos em Língua Portuguesa.

Por fim, apresentamos a terceira e última etapa da observação participante: observação seletiva. Essa etapa foi realizada na finalização da itinerância em campo, com a finalidade de encontrar outros indícios que contribuíssem para a análise interpretativa das informações construídas. Assim, nessa etapa, tivemos como enfoque a seleção de eventos de letramentos realizados no MALP que apresentaram a ampliação das práticas de leitura em LP dos participantes. Por certo, atendemos ao terceiro objetivo específico: analisar como ocorre a atribuição de sentido aos textos em LP pelas pessoa Surda a partir do movimento interpretativo da pesquisadora e das táticas leitoras identificadas no campo da pesquisa.

A entrevista semiestruturada foi realizada no mesmo período e tempo da observação participante. Para tanto, como parte de uma abordagem de pesquisa qualitativa, essa etapa

seguir um modo conversacional devido à aproximação da pesquisadora aos participantes da pesquisa. No entanto, mesmo com essa ligação afetiva com eles, foram seguidos critérios da pesquisa científica, o que nos permitiu proximidade, mas também certa objetividade para a escuta e a seleção das informações a serem analisadas.

A realização da entrevista semiestruturada, disponível no Apêndice 2, ocorreu por momentos em que as interações foram bidirecionais, em que o próprio participante fez perguntas à pesquisadora para melhor compreensão das questões propostas. Por isso, em alguns momentos, perguntas foram reestruturadas e outras foram acrescentadas durante o curso da interação, tais como: a questão “ Para você, a leitura em Português é fácil ou difícil? Por quê?” foi reestruturada para “ Nas leituras dos textos em Português existe a necessidade constante do Tradutor/Intérprete de Libras? Por quê?”. Durante o campo, foi acrescentado na entrevista: “Qual o gênero textual usado com mais frequência pelo MALP?”

A entrevista foi realizada em grupo e atendeu ao cronograma apresentado na figura 29.

Figura 29 – Cronograma de atividades de pesquisa - observação participante e entrevista semiestruturada



Fonte – Criado pela pesquisadora desta dissertação

Para os registros das informações de pesquisa foi utilizado o diário descritivo-analítico de campo, por meio de um caderno de notas. O diário de campo, também denominado de diário de bordo, é uma interface para registro das informações visualizadas no campo, a partir de outros dispositivos. Como enfatiza Brasileiro (2021), esse tipo de dispositivo torna-se relevante para a pesquisa etnográfica, por proporcionar ao pesquisador o registro cronológico dos fatos vivenciados no *locus* e as respectivas observações do pesquisador. Como os registros no diário foram realizados no momento em que ocorriam as etapas de pesquisa, não se tornou necessário outro tipo de interface, a exemplo de gravações em vídeo.

5.3 LOCUS DA PESQUISA

O *locus* da pesquisa foi a instituição evangélica denominada Primeira Igreja Batista, aqui considerada como uma agência de letramento. A PIBFS está situada na rua Visconde do Rio Branco, 518, bairro Centro, em Feira de Santana, Bahia. Foi fundada como instituição independente em 02 de março de 1947 e, em 1955, iniciou as atividades no templo religioso próprio, apresentado na figura 30.

Figura 30 – Fachada atual da PIBFS

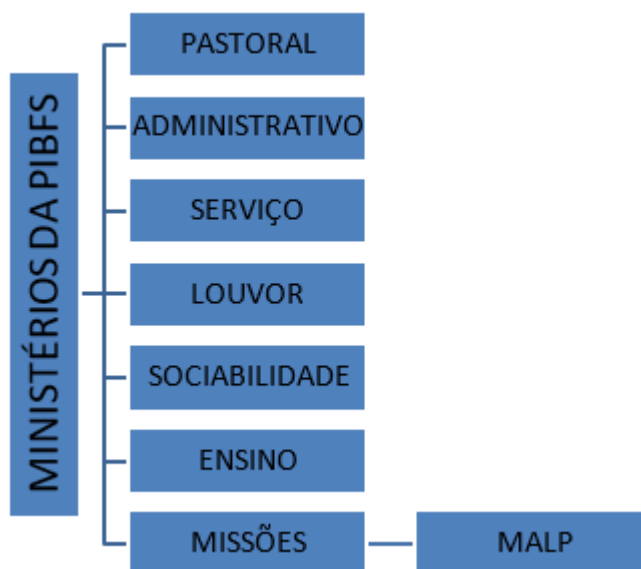


Fonte – Arquivo pessoal de um dos participantes da pesquisa (2024)

A PIBFS, na atualidade, possui cerca de 300 pessoas que frequentam a instituição, entre membros (pessoas que foram batizadas na igreja ou transferida de outra instituição religiosa para a PIBFS e, por isso, tornaram-se ativas nas atividades religiosas) e congregados (pessoas que visitam, de forma regular, a instituição). No entanto, em 2024, a presidência da PIBFS está realizando um recenseamento, que permitirá saber, de forma mais exata, a quantidade de pessoas que fazem parte da instituição. O resultado do recenseamento será divulgado no mês de março de 2025, período posterior à entrega da dissertação para a banca.

Em sua estrutura física, a igreja possui um templo amplo, com espaço para acolher 500 pessoas, de forma confortável, um auditório e diversas salas de aulas (incluindo a do grupo que participa desta pesquisa), um gabinete para atendimento pastoral, banheiros, um berçário, uma área social para eventos, estacionamento e cantina. Quanto à sua organização, está dividida em sete ministérios, tais como apresentados na figura 31.

Figura 31– Ministérios da PIBFS



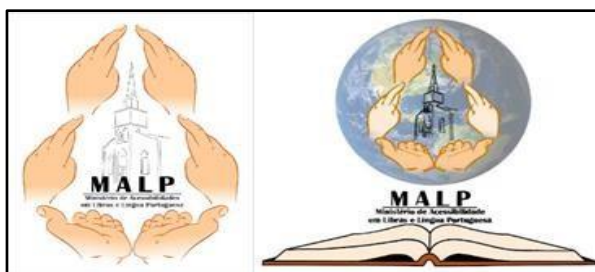
Fonte – Adaptado pela pesquisadora desta dissertação com base no estatuto da PIBFS

O ministério pastoral, que tem como líder o presidente da PIBFS, Pr. Jamir Sbrana, tem como função gerir os outros ministérios e a organização geral da igreja, tanto no aspecto espiritual quanto materiais e físicos. Para auxiliar na gestão da igreja, o presidente conta com os ministérios de administração, que contribui com a gestão do patrimônio da igreja, as relações trabalhistas e a aquisição de materiais a serem utilizados pelos membros da instituição, e com o ministério de serviço, que contribui com a conservação do patrimônio da igreja e a utilização dos meios tecnológicos.

Outros ministérios presentes na igreja são: louvor, responsável pela parte musical da PIBFS, em vários âmbitos; sociabilidade, que promove eventos sociais entre os membros da instituição, ampliando as relações interpessoais entre eles, além de contribuir com pessoas internas ou externas à igreja, que estão em situação de vulnerabilidade econômica; ensino, responsável por promover a educação religiosa na instituição; missões, responsável pelo processo de evangelização. O MALP está agregado a esse último ministério.

O grupo MALP é um ministério que oferece acessibilidade linguística em Libras e em Língua Portuguesa para pessoas Surdas e ouvintes, atuando na promoção da comunicação entre sinalizantes e não sinalizantes da Libras. É composto por oito participantes Surdos, sendo que, cinco são membros da igreja, três frequentam a instituição, mas ainda não se tornaram membros. Desses que frequentam a instituição, seis Surdos participam das atividades presencialmente, no templo da PIBFS, e dois Surdos se integram ao grupo, de forma virtual, por meio das redes sociais da PIBFS (canal do YouTube), do Instagram do MALP e WhatsApp. Na figura 32 apresentamos a primeira logomarca do grupo e a que está sendo utilizada na atualidade.

Figura 32 – Logomarca do Grupo MALP e a representação do seu sinal em Libras - Imagem 01 (primeira versão) e Imagem 02 (versão atual)



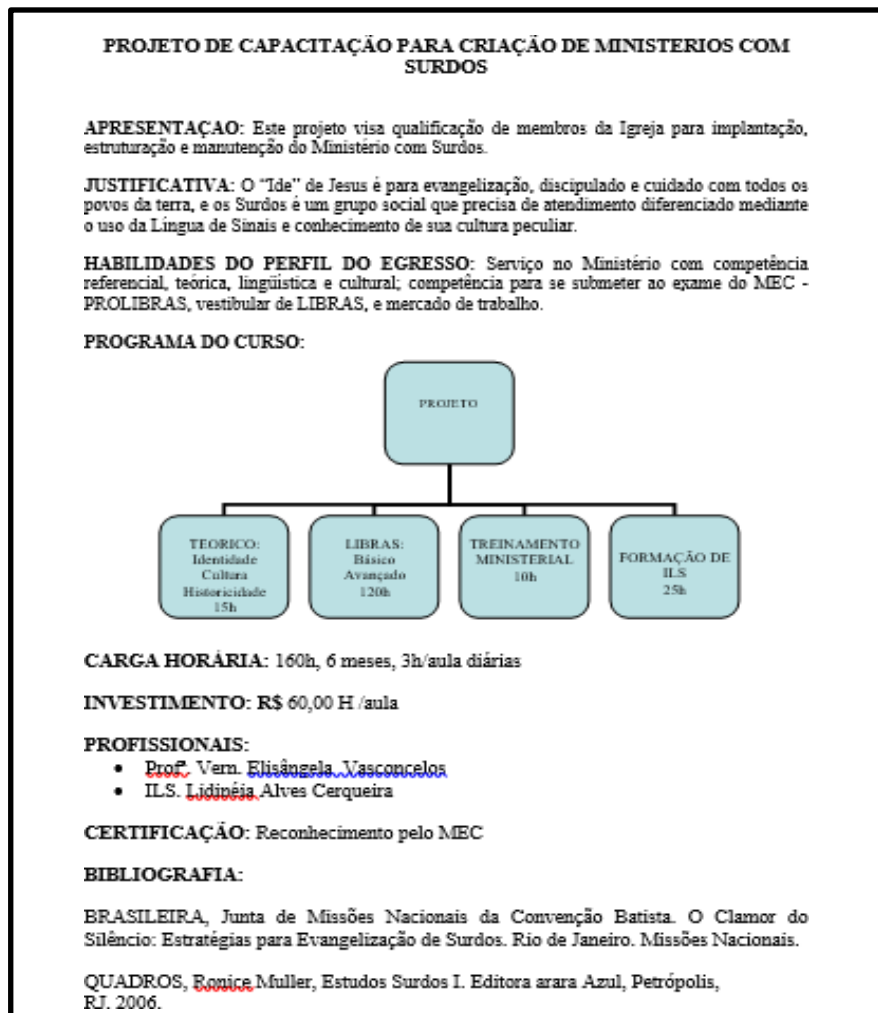
Fonte – Arquivo pessoal de um dos participantes da pesquisa (2024)

O grupo nasceu oficialmente com o nome MALP em 2014, quando o primeiro integrante Surdo chegou à PIBFS e surgiu a necessidade de realização das interpretações dos cultos. Assim, produzimos o primeiro projeto para a reativação do Ministério com Surdos na PIBFS que, anteriormente, existia, mas sem um nome e uma regulamentação específicos. No entanto, já tínhamos, anteriormente ao surgimento oficial do MALP, quatro intérpretes de Libras voluntárias e o apoio do então presidente da PIBFS, Pr. Mirivaldo Ribeiro Pinheiro, e do vice-presidente, Pr. Abinezes Reis, para a realização das atividades no ministério de Surdos.

Como forma de continuar a ampliação da formação dos integrantes do grupo e de

conquistar novos integrantes ao MALP, promovemos de forma conjunta, alguns cursos formativos sobre Libras, conforme apresentado na figura 33.

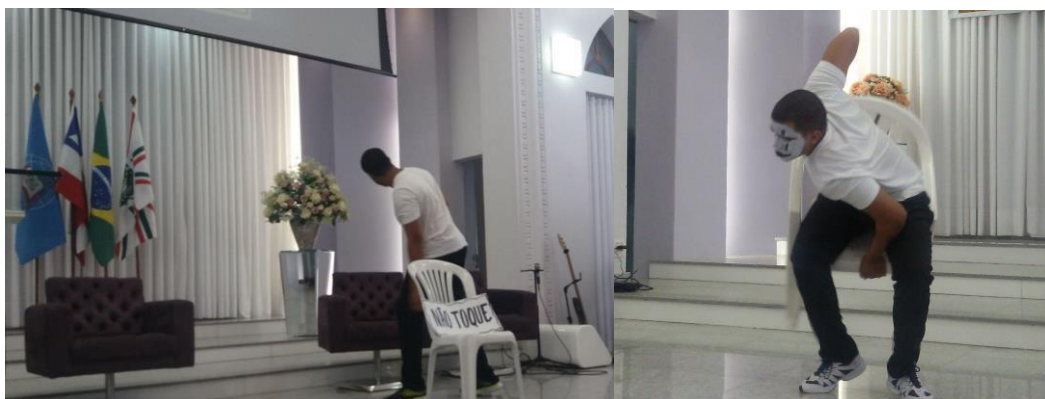
Figura 33 – Projeto de formação continuada para atuação no MALP da PIBFS



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora desta dissertação

As principais atividades desenvolvidas pelo MALP são de cunho religioso e social, a exemplo da realização de estudos bíblicos, aos domingos, na EBD, e o desenvolvimento de grupos de oração, tanto na sede do grupo quanto na casa de seus membros; traduções de Libras para LP de textos para entendimento da pessoa Surda ou acompanhamento dessa pessoa em atividades na igreja e em outros espaços sociais, quando necessária a presença de intérprete; realização de oficina de teatro com pessoas Surdas e ouvintes; realização do curso de Libras para o Surdo e seus familiares, além dos integrantes da PIBFS; atividades sociais para ampliação das relações interpessoais entre Surdos e ouvintes, dentre outras atividades. Na figura 34, apresentamos uma foto da realização do teatro Surdo, realizado no Setembro Surdo, em 2016.

Figura 34 - Teatro Surdo, realizado como comemoração do Setembro Surdo em 2016



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora desta dissertação (2016)

É importante ressaltar que, embora não sejam participantes da pesquisa, o MALP, na atualidade, ainda conta com a participação de seis intérpretes de Libras e, aproximadamente, vinte pessoas ouvintes, que são voluntárias na atuação do grupo, apoiando-o de diversas formas, tais como contribuindo em oração, de forma financeira ou com participação nas atividades do grupo. Na seção secundária a seguir, apresentaremos os participantes desta pesquisa.

5.4 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa são cinco integrantes Surdos do MALP, sendo um homem e quatro mulheres. A escolha por esses participantes se deu por serem membros e congregados atuantes na PIBFS, participantes ativos do grupo, e por serem os que se disponibilizaram livremente a colaborar com este estudo. No primeiro encontro com os participantes, realizado em 16 de junho de 2024, durante a EBD, foi apresentada, em Libras, a pesquisa, com uma breve explanação do conceito de pesquisa científica, apresentação do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da UEFS, além dos objetivos do estudo. Essas ações tornaram-se importantes, pois, para alguns Surdos, o contexto acadêmico é pouco familiar a eles.

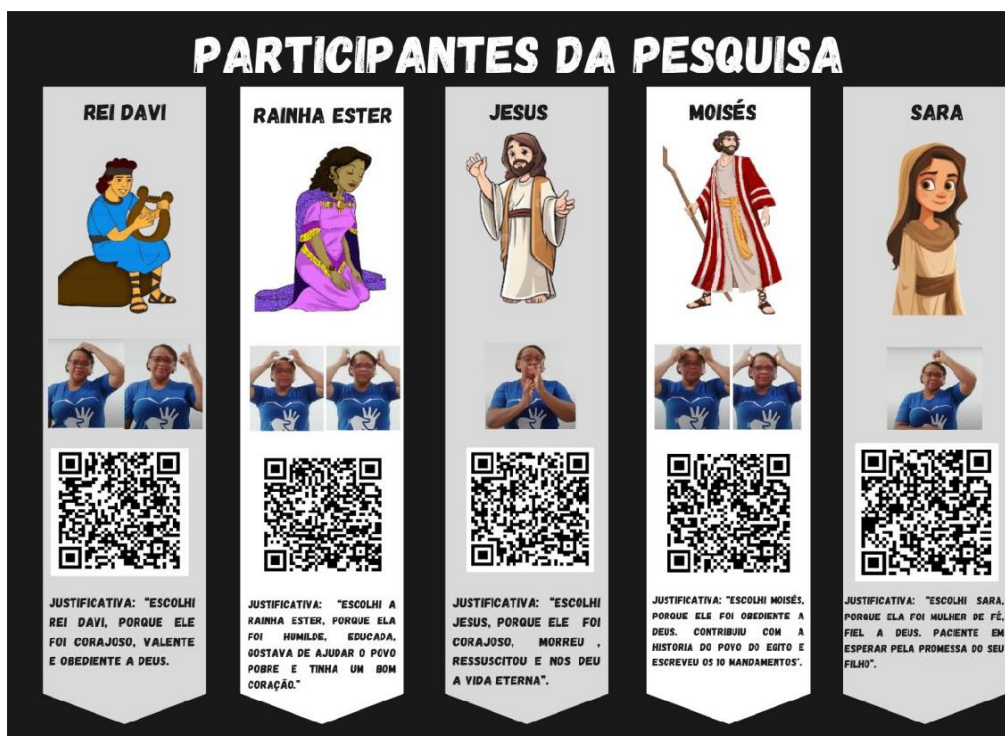
Nesse encontro, entregamos para todos os presentes uma cópia do projeto de pesquisa na versão impressa e escrita em LP, para que fosse visualizado por eles, como forma, também, de ampliar o conhecimento desses participantes sobre o gênero textual em questão. Também, gravamos um vídeo, em Libras e exibimos para eles, no qual explicamos cada seção do projeto, tais como o tema, nome da orientadora, título da pesquisa, justificativa, objetivos, metodologia, aspectos teóricos, considerações éticas da pesquisa, além dos Anexos (declaração de anuência do Pr. Jamir Sbrana para a realização da pesquisa no *locus* indicado).

Nesse primeiro momento, estiveram presentes oito Surdos, sendo quatro mulheres e quatro homens, além da professora orientadora desta pesquisa, Dra. Úrsula Cunha Anecleto. Entretanto, desses presentes, somente seis atendiam aos critérios de inclusão nesta pesquisa, a saber: ser uma pessoa Surda, membro da Primeira Igreja de Feira de Santana, aluno(a) matriculado(a) da Escola Bíblica Dominical, ser maior de idade, frequentar assiduamente os encontros dominicais realizados pelo MALP, ter disponibilidade para os encontros. No entanto, um dos presentes, mesmo atendendo aos requisitos de inclusão, não demonstrou interesse em continuar no processo de estudo, sendo, assim, excluído da pesquisa.

No segundo encontro, realizado no dia 30 de junho de 2024, iniciado na sala de reuniões do grupo MALP, mas continuado pelo grupo de WhatsApp, que criamos especificamente para finalizar a entrevista durante a semana, através de uma chamada de vídeo, desenvolvemos a primeira entrevista semiestruturada, com o objetivo de que os participantes escolhessem os nomes pelos quais seriam tratados na pesquisa e explicassem o motivo da escolha. Para essa escolha, os participantes elegeram para si nomes de personagens bíblicos com os quais se identificavam. A figura 35 apresenta essas características.

Na entrevista, os participantes também informaram alguns aspectos como tipo e grau de surdez e formação escolar. Todos são oriundos de escolas públicas, alguns não tiveram o apoio do profissional Interpretador de Libras durante o período de escolarização, outros sim, os que concluíram o Ensino Médio relataram não ter participado de salas de recursos multifuncionais, entretanto, os que continuam na escola básica, atualmente, já receberam algum apoio do professor ou de outro profissional nas salas de recursos.

Figura 35 – Identificação e características dos participantes da pesquisa em LP e em Libras



Fonte – Criado pela pesquisadora desta dissertação, com base na entrevista semiestruturada

O primeiro participante escolheu o codinome Rei Davi, pois, para ele, tratou-se de um rei que foi um homem muito corajoso, destemido e, acima de tudo, obediente a Deus. Com 51 anos de idade, o participante é estudante de mestrado em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), especialista em Libras e em Formação para Professores do Letras Libras, graduado em licenciatura em Letras Libras e Bacharel em Serviço Social, além de formação técnica em Teologia.

Profissionalmente, atua como servidor público universitário e como fotógrafo. Fluente em Libras e em Língua Portuguesa (modalidade escrita), é um Surdo oralizado²⁷ (com surdez bilateral severa e profunda²⁸). Porém, prefere se comunicar através da Libras, usa a oralização somente na comunicação com pessoas ouvintes que desconhecem a Língua Brasileira de Sinais. Durante a entrevista, informou que frequenta o MALP entre 12 a 15 anos e é membro batizado da PIBFS, porém, já tinha frequentado outras igrejas anteriormente que tinham Intérprete de

²⁷ O termo oralizado refere-se a Surdos que utilizam a leitura labial e a articulação da voz para se comunicar com pessoas ouvintes que não sabem a Língua de Sinais.

²⁸ Surdez bilateral profunda é uma nomenclatura clínica que classifica a intensidade da Surdez patologicamente nos dois ouvidos. É o grau de surdez mais intenso e é diagnosticado através de um exame chamado audiometria. Alguns Surdos com esse grau de Surdez percebem sons graves como o de um estrondo, por exemplo, mas é indiferente à voz humana ou sons agudos, como os de vidros se quebrando.

Libras.

Nasceu ouvinte, entretanto, aos 11 meses de idade perdeu a audição por consequência de uma infecção não identificada. Teve o primeiro contato com a Língua Portuguesa escrita na fase adulta, com auxílio e incentivo da família, através de jornais, comprados por seus pais, bilhetes que o mandavam entregar nas bancas de revistas, por exemplo, as leituras das atividades escolares orientadas pelo seu irmão mais velho. Quando percebeu a importância da LP como L2, o Rei Davi começou a pesquisar palavras dessa língua, através dos sinais de Libras, em dicionários e em revistas. Considera-se, portanto, fluente nas duas línguas.

Como atividades, costuma realizar, no grupo, traduções e interpretações na interlíngua, nos cultos e nos eventos da igreja. Entretanto, para algumas leituras de textos do contexto religioso, em LP, principalmente dos textos utilizados nos cultos, apresenta a necessidade de acessibilidade por meio do intérprete e do tradutor de Libras para ampliar a compreensão da pessoa Surda.

O segundo participante escolheu o codinome Rainha Ester, por essa personagem, ao seu ver, ter sido uma rainha justa, humilde e caridosa, sempre atenta às necessidades do seu povo. Essa participante tem 33 anos de idade, possui graduação em Licenciatura em Letras Libras e é empreendedora de um curso de Libras virtual, no qual ministra aulas online para pessoas ouvintes. Nasceu Surda, com surdez bilateral profunda. É fluente na Libras e na Língua Portuguesa (modalidade escrita) e é uma Surda sinalizada.

Por questões identitárias, prefere se comunicar exclusivamente através de Libras. Escreve poesias e gosta do visual vernacular²⁹. Na entrevista, informou que frequenta o MALP há oito anos, iniciou sua vida cristã e se batizou na PIBFS, nesse mesmo período. Não informou quando foi o primeiro contato com a leitura de textos em LP. Considera-se pouco fluente em LP e muito fluente em Libras.

A terceira participante escolheu o codinome Jesus, pela coragem de morrer na cruz, pela ressurreição e pela vida eterna proporcionada por Ele. Tem 38 anos de idade e possui o Ensino Médio completo. Trabalha em uma indústria de sua cidade. Considera-se fluente em Libras, no entanto, diz ter pouca fluência na Língua Portuguesa (modalidade escrita). Nasceu Surda, com surdez bilateral profunda somente em um dos ouvidos; possui resíduo auditivo no outro e utiliza aparelho auditivo para ampliação sonora. É uma Surda oralizada e comunica-se tanto através

²⁹ O visual vernacular é um termo especializado da área da literatura surda que representa a arte sistematizada, uma criação visual estética das línguas de sinais. Disponível em: [https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=112#:~:text=O%20visual%20vernacular%20\(VV\)%20\(C3%A9,est%20C3%A9tica%20das%20C3%ADnguas%20de%20sinais.](https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/revista-reproducao/ver-noticia.php?id=112#:~:text=O%20visual%20vernacular%20(VV)%20(C3%A9,est%20C3%A9tica%20das%20C3%ADnguas%20de%20sinais.) Acesso em: 4 jul. 2024.

da leitura labial quanto por Libras, a depender da situação e da necessidade enfrentada. Na entrevista, informou que frequenta o MALP há 10 anos. O primeiro contato com textos em LP foi na escola onde estudou, embora a escola não tivesse acessibilidade linguística.

A quarta participante escolheu o codinome Moisés, porque ele foi obediente a Deus, ajudou na libertação do povo do Egito e escreveu os dez mandamentos ordenados por Deus. Tem 28 anos, possui Ensino Médio completo, fez o curso técnico em logística e atua em uma empresa de alimentos, na sua área de formação. Nasceu Surda, com surdez bilateral profunda. É fluente em Libras e em Língua Portuguesa (escrita). Prefere se comunicar unicamente através de Libras, embora saiba fazer a leitura labial. Iniciou no MALP há cinco anos. Era membro de outra igreja evangélica e se transferiu para PIBFS, por conta da acessibilidade linguística. Contou com o auxílio da sua mãe, que aprendeu Libras, para apoiar nos estudos de LP e do conhecimento da Bíblia. Considera-se muito fluente em LP e em Libras, inclusive ela realiza traduções e interpretações na interlíngua no grupo, nos cultos e nos eventos da igreja.

A quinta participante escolheu o codinome Sara, pela sua fidelidade a Deus, obediência e paciência em pedir a Deus que lhe ajudasse a engravidar e esperar para realizar o seu sonho de ser mãe. Tem 27 anos de idade, nasceu Surda, com surdez bilateral profunda. Possui um leve resíduo auditivo. Prefere não utilizar aparelho auditivo. Está cursando o 3º ano do Ensino Médio, em escola pública, tem pouca fluência em Libras e em Língua Portuguesa. No entanto, prefere se comunicar através de Libras. Na entrevista, informou que frequenta o MALP há oito anos.

5.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Como apresenta Creswell (2010), as práticas éticas em pesquisa envolvem mais do que diretrizes pré-elaboradas a serem seguidas pelo pesquisador, durante a trajetória em campo e a escrita do relatório de pesquisa, nesta etapa de estudo, a dissertação. Dessa forma, para esta pesquisa, levamos em conta questões éticas desde a escolha temática e a elaboração do problema de pesquisa até a inserção em campo.

Para tanto, os participantes desta pesquisa (pessoas Surdas) foram preservados em diversos aspectos identitários, a exemplo do nome, local de moradia, espaço de trabalho, dentre outros, como meio de não os constranger durante o processo de pesquisa, embora tenha sido apresentado o espaço religioso que frequenta, mas mantida a identidade deles. Em primeira instância, como já informado nesta dissertação, foi apresentado ao presidente da PIBFS, Pr. Jamir Sbrama, o projeto que subsidiou esta pesquisa, com ênfase aos objetivos da pesquisa e às

atividades realizadas com os participantes.

Também, reiteramos o compromisso de socialização dos resultados desta pesquisa, em um evento a ser realizado na PIBFS, com a participação de Surdos e de ouvintes, após a defesa desta dissertação, com a finalidade de contribuir com o processo de ampliação de letramento em LP da pessoa Surda no espaço religioso o que, por certo, trará grandes contribuições para a compreensão dessas pessoas dos gêneros textuais que circulam em outros ambientes da PIBFS, a exemplo dos cultos realizados no tempo da igreja.

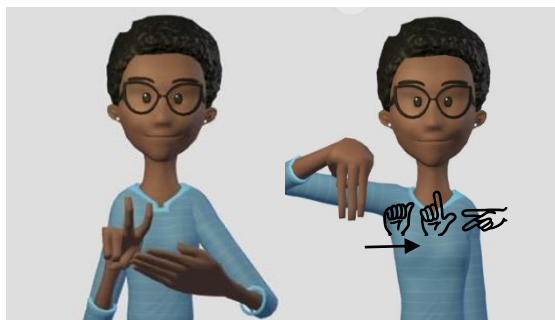
Após as explicações, recebemos do pastor a carta de anuência assinada, que foi anexada ao processo de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), subscrito no CAAE: 80524823.5.0000.0053, já aprovado pelo CEP. Quanto aos participantes, no primeiro encontro do MALP para fins desta pesquisa, realizado em 16 de junho de 2024, informamos sobre a finalidade da pesquisa, a importância da participação nesse processo e a forma como as atividades seriam conduzidas sem, contudo, promover grandes modificações à própria dinâmica de reuniões do grupo.

Nesse encontro, também informamos sobre a questão do anonimato dos participantes da pesquisa, a liberdade do participante de continuar ou de ausentar-se do estudo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo de qualquer espécie para ele, além do estabelecimento do cronograma de pesquisa, já apresentado na subseção anterior. No encontro, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no Apêndice 1, esclarecemos as dúvidas e solicitamos a assinatura dos que se interessassem em participar da pesquisa.

Para a análise e a interpretação das informações construídas em campo, também foram levados em conta padrões éticos em pesquisa. Assim, nos comprometemos em guardar as informações oriundas da observação participante e dos registros do diário de campo de forma segura e por um período considerado razoável para, caso necessário, apresentar aos participantes da pesquisa, de forma individual. Outro compromisso apresentado aos participantes foi a apresentação das informações analisadas a eles, antes da defesa desta dissertação, com vistas à percepção dos entendimentos da pesquisa e se ocorreu alguma interpretação equivocada durante o processo de análise.

Por fim, destacamos que questões éticas também atravessam a escrita desta dissertação. Assim, tivemos o cuidado com as supressões e os recortes de informações construídas em campo para evitar descontextualizá-las, o que, por certo, geraria equívocos de interpretação e abalaria a confiança dos participantes nas ações da pesquisadora.

6 AS ATIVIDADES DE LEITURA NO MALP



30

A prática de leitura de textos de diversos gêneros também faz parte das atividades da esfera religiosa. Nesse sentido, o texto, conforme apresenta Antunes (2017), constitui-se em um evento comunicativo, que se apresenta por diversidade de formas, suportes, gêneros, a depender de aspectos composicionais, linguísticos, semântico-pragmáticos, dentre outros.

Por certo, para a atribuição de sentidos aos textos da esfera religiosa, é necessário, também para a pessoa Surda, levar em conta aspectos linguísticos em LP, elementos multissemióticos, contextos de produção e os modos de circulação desses textos. Assim, os gêneros textuais que são acionados na micro-agência de letramento MALP devem ser reconhecidos pelo conteúdo temático (ao apresentar assuntos que dizem respeito a questões da religião evangélica), estilo (ao evidenciar aspectos linguísticos e semânticos naturais a temáticas religiosas) e forma composicional (ao expor características dos textos que representam elementos litúrgicos religiosos).

Como apresenta Miller (2012), a escolha de um gênero textual deve atender a situacionalidades comunicativas. Isso porque a escolha de um gênero deve adequar-se ao contexto de uso, ao levar em conta, para seu uso, aspectos como o tempo, a cultura, o lugar enunciativo, a intencionalidade, dentre outros. Esses fatores foram importantes aspectos considerados nesta pesquisa ao desenvolver os objetivos específicos, a saber: a) mapear as atividades de leitura de textos religiosos em Língua Portuguesa realizadas pelos surdos no MALP; b) identificar quais táticas de leitura são as mais acionadas pelos Surdos para a atribuição de sentido aos textos religiosos em Língua Portuguesa e c) analisar como ocorre a atribuição de sentido aos textos em LP pela pessoa Surda a partir do movimento interpretativo

³⁰ Análise da Pesquisa, em Libras, traduzido pelo aplicativo *Hand Talk*, e pelo Qr code pela pesquisadora. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias.

da pesquisadora e das táticas leitoras identificadas no campo da pesquisa.

Ao realizar a observação participante na aula da EBD do MALP, no dia 16 de junho de 2024, pela manhã, dentre outras ações já relatadas na seção da metodologia (participantes da pesquisa), tivemos como ação de pesquisa conhecer quais gêneros textuais da esfera religiosa fazem parte das práticas de leitura em LP do grupo (objetivo específico a). O interesse por essa questão se evidenciou por desejarmos perceber como os Surdos, participantes desta pesquisa, realizam as atividades de 1) antecipação, 2) decifração e 3) interpretação desses textos, no intuito de verificarmos as táticas de leitura produzidas por eles (objetivo específico b) e analisar como ocorre a atribuição de sentidos aos textos em LP pessoa Surda (objetivo específico c).

6.1 GÊNEROS TEXTUAIS³¹ ACIONADOS NA EBD DO MALP: PERSPECTIVA MULTISSEMIÓTICA DO TEXTO

Os estudos sobre gênero textual apresentam contribuições significativas no campo da Linguística Textual. Marcuschi (2008), compreende os gêneros textuais como formas de ação social, historicamente situadas e culturalmente moldadas. Os gêneros textuais emergem da interação cotidiana, sendo utilizados para atender às necessidades de comunicação específicas dentro de determinadas comunidades. Nessa perspectiva, os gêneros podem ser dinâmicos, adaptáveis às mudanças sociais, e não como estruturas fixas. Assim, cada gênero possui características funcionais, formais e temáticas que o diferenciam, mas que também estão sujeitas a variações contextuais, reforçando seu caráter situacional e pragmático.

Por sua vez, Koch (2018) destaca que os gêneros textuais exercem um papel central na construção do sentido em interações discursivas. Para Koch (2018), a compreensão de um gênero exige atenção não apenas aos aspectos linguísticos, mas também aos elementos sociocognitivos que orientam a produção, a circulação e a recepção dos textos. Dessa forma, ao se pensar em gêneros textuais, reconhecemos a sua ligação intrínseca com os contextos de uso, considerando fatores como intencionalidade, propósito comunicativo e estratégias retóricas.

Ao entrarmos na sala onde é realizada a EBD, notamos que o ambiente já era povoado por textos de diversos gêneros, tanto em LP quanto em Libras, o que já se constituiu em ação

³¹ Como já apresentado nesta dissertação, para os NEL, as práticas de linguagem se ancoram na perspectiva dos gêneros textuais ou gêneros discursivos, em detrimento da concepção de tipos de texto. Por isso, nesta dissertação, elegemos apenas a categoria gênero textuais como objeto de análise. Além disso, ampliamos a significações das materialidades textuais a serem apresentadas nesta seção, considerando-as como gêneros e não suportes, a partir dos estudos do NEL.

motivadora para a prática de leitura dos integrantes do MALP. Assim, de forma gráfica, descrevemos na figura 36, como etapa inicial da observação participante (observação descritiva), conforme apresentada por Flick (2009) e descrita na seção metodológica, os gêneros textuais que fizeram parte da dinâmica da aula observada.

Figura 36 – Gêneros textuais presentes na EBD



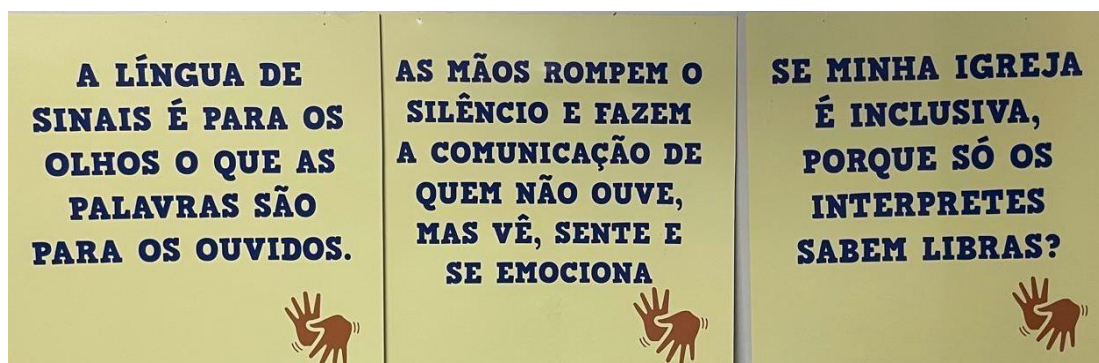
Fonte – Criado pela pesquisadora deste projeto

Um dos gêneros disponibilizados na classe do MALP foi o cartaz informativo. Compreendemos o gênero supracitado como um texto, “relativamente estável” (Bakhtin, 1997), que apresenta informações pontuais sobre uma determinada temática. Conforme apresentado por Lima (2022, p. 54- 55),

o cartaz sofre por diversas reestruturações quanto à estrutura composicional (impresso, virtual, estático, em movimento etc.), estilo (aspectos linguísticos, visuais, a depender da temática acionada) e esfera de circulação (em ambientes físicos ou virtuais).

O gênero cartaz, neste estudo na vertente informativa e na modalidade impressa, conforme apresentado a seguir na figura 37, para Moles (2004), desempenha algumas funções sociocomunicativas, tais como: informar, educar, promover ambiência com os espaços, apresentar-se como elemento estético e criativo, dentre outros. Portanto, torna-se um gênero engajado com uma função social de leitura.

Figura 37 – Cartaz informativo disponibilizado na classe da EBD do MALP



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora

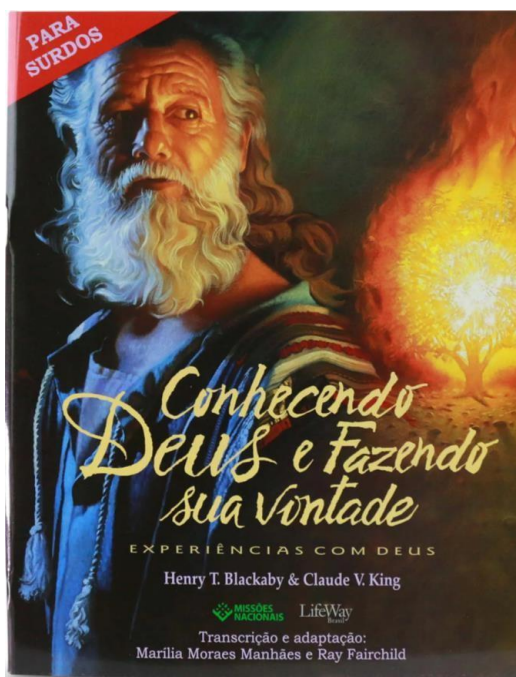
O cartaz disponibilizado ao grupo tem a função de promover a informatividade do leitor sobre Libras, a língua utilizada pelas pessoas Surdas participantes desta pesquisa, com a finalidade de levá-las a refletir, assim como as pessoas ouvintes que frequentam a classe, sobre a necessidade de aprendizagem dessa língua por toda a comunidade religiosa.

A informatividade, conforme Koch e Travaglia (2011, p. 81), “[...] exerce, assim, importante papel de seleção e arranjo de alternativas no texto, podendo facilitar ou dificultar o estabelecimento de coerência”. Nesse sentido, a coerência do texto se estabelece tanto de forma explícita no próprio texto, a partir de conexões de palavras (a escrita da estrutura em LP, a partir da ordem dessa própria língua), de conexão conceitual (caracterização das Libras com elementos representativos da LP, no sentido de estabelecer a ideia de que não existem “diferenças” de valor linguístico, mas sim de sua materialização) e do contexto dos interlocutores: pessoas Surdas e ouvintes, possivelmente, compreendem a finalidade argumentativa do cartaz: a necessidade de os membros da PIBFS aprenderem Libras para, de fato, se tornar uma igreja inclusiva.

Como forma de ampliar a multimodalidade do texto, o cartaz apresenta diferentes linguagens, tais como a visual, com o sinal que representa Libras, e a verbal, marcada pela representação escrita. Ancoradas em Rojo (2009), compreendemos a multimodalidade dos textos como a interação dos modos de linguagem, que oportunizam experiências de leitura, de modo reflexivo. A multimodalidade também é representada por elementos semióticos, tais como a cor escolhida para o sinal de Libras, que pode gerar um fator de identificação por membros do grupo, de etnia negra; o movimento, abaixo da imagem, apresentado para o sinal Libras, que simboliza a língua gesto-visual; as letras escritas em caixa alta, recurso que demonstra a importância da mensagem ou a necessidade de chamar a atenção para ela.

Outro gênero textual presente na aula da EBD do MALP, visualizado no dia da observação participante, foi a revista³² para estudo bíblico, intitulada “Conhecendo Deus e fazendo sua vontade: experiências com Deus”, dos autores Henry T. Blackaby e Claude V. King, tradução e adaptação de Marília Moraes Manhães e Ray Fairchild. A revista, conforme apresentada a capa na figura 38, foi produzida pela Junta de Missões Nacionais³³, em 2011, e é apresentada de forma bilíngue: em LP e em Libras. A distribuição da revista para os integrantes do grupo ocorre de forma gratuita.

Figura 38 – Capa da revista utilizada na EBD do MALP



Fonte – Livraria Missões Nacionais. Disponível em: <https://www.livrariamissoesnacionais.org.br/conhecendo-deus-e-fazendo-a-sua-vontade-aluno-pr-48-342435.htm>. Acesso em: 2 jul. 2024.

Tradicionalmente utilizada como material didático para a EBD, a revista evangélica adotada para a classe do MALP é composta por (sub)gêneros textuais, naturais ao gênero global, a saber: capa e segunda capa, folha de rosto, minibiografia dos autores, apresentação, prefácio, sumário (índice) e unidades/capítulos/lições. O (sub)gênero capa de revista, conforme Calazans (2006), constitui-se como um texto informativo-publicitário, cuja finalidade é contribuir com a ampliação de conhecimento do leitor sobre o conteúdo da revista, além de potencializar a formação de sua opinião sobre a temática desenvolvida.

³² A revista supracitada foi uma adaptação do livro de mesmo título.

³³ A Junta de Missões Nacionais (JMN), criada em 1907, é uma agência missionária da Convenção Batista Brasileira, que tem por missão multiplicar discípulos de Jesus em solo brasileiro. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

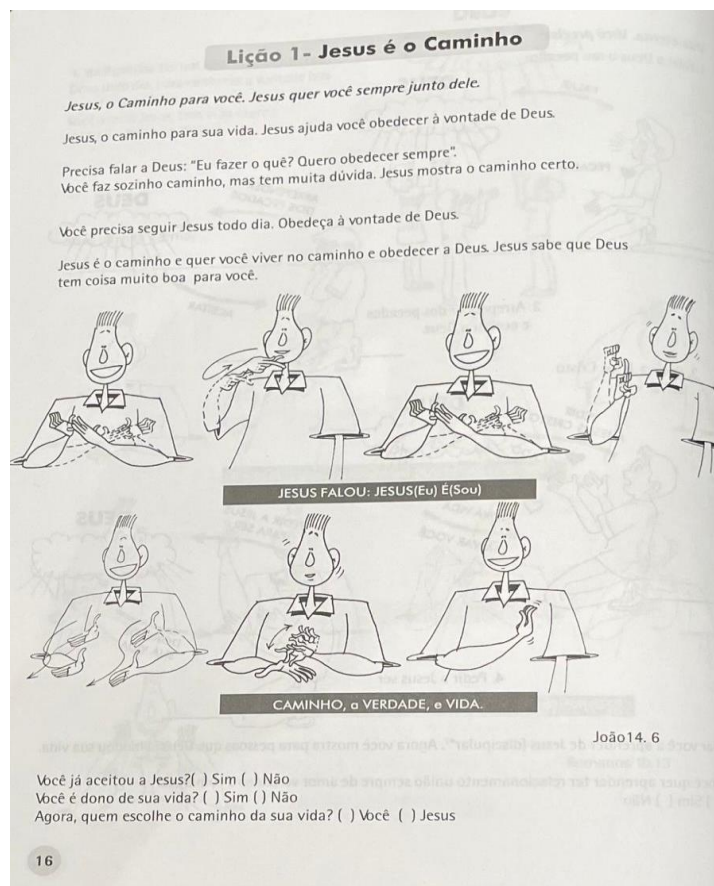
Na capa apresentada, é possível notar elementos multissemióticos que se constituem em primeira leitura dos estudantes Surdos quanto às temáticas a serem desenvolvidas: uma foto que simboliza o personagem bíblico Moisés, considerado pelos cristão como o “pai da fé”, devido a sua íntima relação com Deus; uma árvore em chamas, que representa um episódio bíblico envolvendo Moisés, descrito na bíblia no livro de Êxodo, capítulo 3; a identificação, na parte superior da capa, de que a revista é destinada para a pessoa Surda; o título da revista, em letras maiores e cor vibrante, e o subtítulo em letra de tamanho menor, mas na formatação maiúscula; apresentação da autoria e da tradução para LP e para Libras, bem como a editora de publicação.

Na folha de rosto, considerada um elemento pré-textual, constam informações mais detalhadas sobre a revista, aspectos editoriais, identificação de membros da JMN, demais participantes do processo de elaboração da revista e dos elementos gráficos, dentre outros. Também, na seção IDEALIZADORES, é apresentada a minibiografia dos autores da revista. A revista foi escrita pela missionária evangélica, Marília Moraes Manhães, e pelo pastor aposentado, Ruy Fairchild.

Na seção APRESENTAÇÃO, escrita por Manhães, são apresentados, de forma escrita, o objetivo geral da revista (promover o conhecimento bíblico e um profundo relacionamento com Deus) para os leitores, além de destacar as adaptações realizadas na tradução da revista para LP e para Libras, com vista a atender especificidades da pessoa Surda. Quanto ao PREFÁCIO, escrito pelo Pr. Fairchild, destaca, de forma mais pontual, o trabalho realizado por ele e pela JMN com Surdos, no âmbito das igrejas evangélicas, de denominação Batista, nos últimos anos.

O SUMÁRIO, denominado na revista de ÍNDICE, são apresentadas as seções que compõem a revista, com ênfase aos capítulos de estudo. A revista é composta por três unidades de estudos, totalizando nove lições, além das seções CONCLUSÃO, COMPROMISSO DO GRUPO e ANEXOS. Para fins de pesquisa, descreveremos, de forma resumida, aspectos da Lição 1 - Jesus é o Caminho, conforme figura 39, que apresenta a primeira página do estudo.

Figura 39 – Página inicial da Lição 1, I Unidade

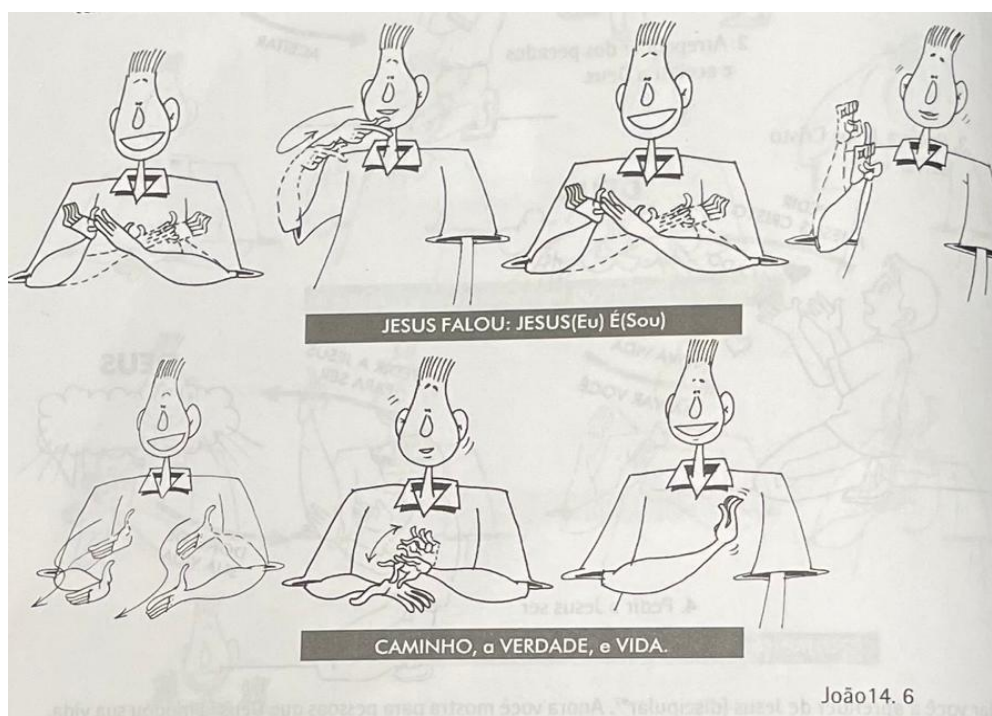


Fonte: Manhães e Fairchild (2011, p. 16)

A lição apresenta a escrita de texto em LP com a mesma estrutura sintático-gramatical de Libras, a exemplo:

Jesus, o Caminho para você. Jesus quer você sempre junto dele. Jesus, o caminho para sua vida. Jesus ajuda você obedecer à vontade de Deus. Precisa falar a Deus: “Eu fazer o quê? Quero obedecer sempre. Você faz sozinho caminho, mas tem muita dúvida. Jesus mostra o caminho certo. Você precisa seguir Jesus todo dia. Obedeça à vontade de Deus. Jesus é o caminho e quer você viver no caminho e obedecer a Deus. Jesus sabe que Deus tem coisa muito boa para você. (Manhães; Fairchild, 2011, p. 16).

Esse tipo de material didático, por certo, tem como objetivo aproximar a pessoa Surda do texto em Português, além de promover uma compreensão através do seu artefato cultural linguístico, de forma autônoma para ela. Também, como maneira de aprofundar o estudo, são apresentados textos em Libras, conforme disponibilizado na figura 40:

Figura 40 – Texto em Libras na lição 1, Unidade I

Fonte – Manhães e Fairchild (2011, p. 16)

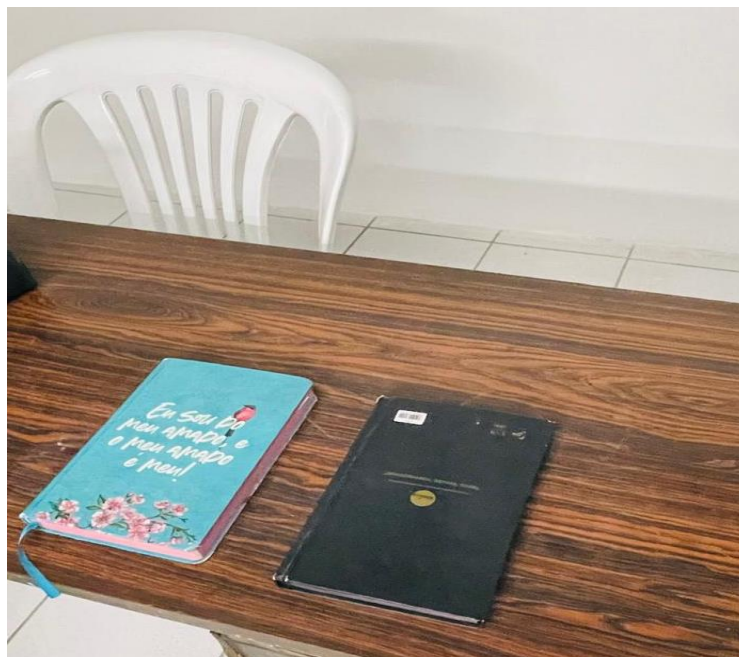
A apresentação do texto em LP e em Libras é importante para que o Surdo atribua sentido ao processo de leitura em LP. Como afirma Quadros e Schmiedt (2006, p. 24),

A Língua de Sinais também apresenta papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimento da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Ao promover a possibilidade de interação com o texto religioso por meio das duas línguas, intuímos a constituição da promoção da função social do texto para o Surdo, em um contexto em que a LP se constitui como a forma majoritária de leituras no *locus* de pesquisa; no entanto, existe um reconhecimento da necessidade de promoção de artefatos culturais de forma bilingue. Ao nosso ver, o texto, nessa concepção, é visto como o lugar da interação e os interlocutores, dessa forma, são leitores ativos sobre o texto e nele (e por ele) constroem significados.

Outro gênero textual presente na aula do MALP foi a Bíblia Sagrada, conforme apresentado na figura 41:

Figura 41: Bíblia Sagrada (capa azul) na mesa da sala do MALP



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora

A Bíblia é considerada o livro de maior importância para as igrejas evangélicas, sendo a principal obra estudada nos encontros cristãos. Composta por 66 livros e dividida em duas partes (Antigo Testamento e Novo Testamento), é considerada a Palavra de Deus pelos cristãos, contendo ensinamentos e orientações para a vida espiritual e moral. Em todas as reuniões evangélicas, tanto na EBD quanto nos cultos coletivos, dentre outros eventos religiosos, é compartilhada, de forma individual ou coletiva, a leitura de livros, capítulos e versículos bíblicos. Entretanto, a Bíblia é apresentada, apenas, em LP.

Por fim, o último gênero textual que fez parte das atividades do MALP no dia da observação participante foram os slides projetados por um data show, conforme figura 42:

Figura 42: Parte do slide apresentado no MALP



Fonte – Arquivo pessoal da pesquisadora

Slides correspondem a um gênero textual da cultura digital, que tem como objetivo projetar informações, de forma multissemiótica, para facilitar a compreensão das pessoas sobre determinados assuntos. No dia da observação participante, a própria pesquisadora apresentou o projeto de pesquisa, também, em forma de slides, com textos escritos em LP, além de imagens sínteses para as temáticas discutidas.

Para o Surdo, a apresentação de slides como meio para potencialização das discussões tecidas, tanto na classe do MALP quanto nos cultos dominicais, no templo, torna-se importante, pois promove a acessibilidade ao interligar imagens, com vários aspectos semióticos, a textos em LP, no sentido de que eles possam ter contato, nessa micro-agência de letramento, com a cultura escrita em LP. Destacamos que, para além da apresentação dos slides, em todas as atividades da PIBFS, há interpretação em Libras.

Já mapeados os gêneros textuais com os quais os participantes da pesquisa tiveram contato, durante as atividades do MALP observadas, apresentamos, na próxima seção, as táticas de leitura acionadas pelos Surdos para a atribuição de sentido aos textos em LP, a saber: cartaz, revista, bíblia e slides.

6.2 LEITURA DE TEXTOS EM LP PELA PESSOA SURDA: MOVIMENTOS DE ANTECIPAÇÃO, DECIFRAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Retomando a reflexão sobre a concepção da leitura como uma prática de linguagem que oportuniza a construção de sentido sobre o mundo (Cunha, 2014), ao promover o acesso das pessoas a informações, a fatos, a conhecimentos, por meio de múltiplas linguagens presentes nos espaços sociais, afirmamos que essa atividade possibilita a interação do leitor através do contato com diversas formas de texto, que ampliam as possibilidades verbais para outras também verbo-visuais.

Na seção 1.3, apresentamos a concepção de leitura adotada nesta pesquisa, estabelecendo uma interligação entre duas áreas de estudos da linguagem: a Linguística Textual e os Novos Estudos do Letramento. Também, abordamos sobre como o texto, conforme nos apresenta Koch (2009, p. 33), é compreendido, a partir de um espaço de interação entre os interlocutores, que se constituem como “[...] sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos”.

Por essa perspectiva, entendemos que a leitura, ainda que seja realizada individualmente, constitui-se uma atividade social e interacional que propociona a participação da pessoa Surda em diversos eventos de letramento da PIBFS. Especificamente na micro-agência MALP, nos interessou a análise das táticas de leitura de texto em LP, utilizadas pelos participantes da pesquisa, para a realização dessa atividade, tendo como fito a construção de sentido desses textos para além do processo de decifração.

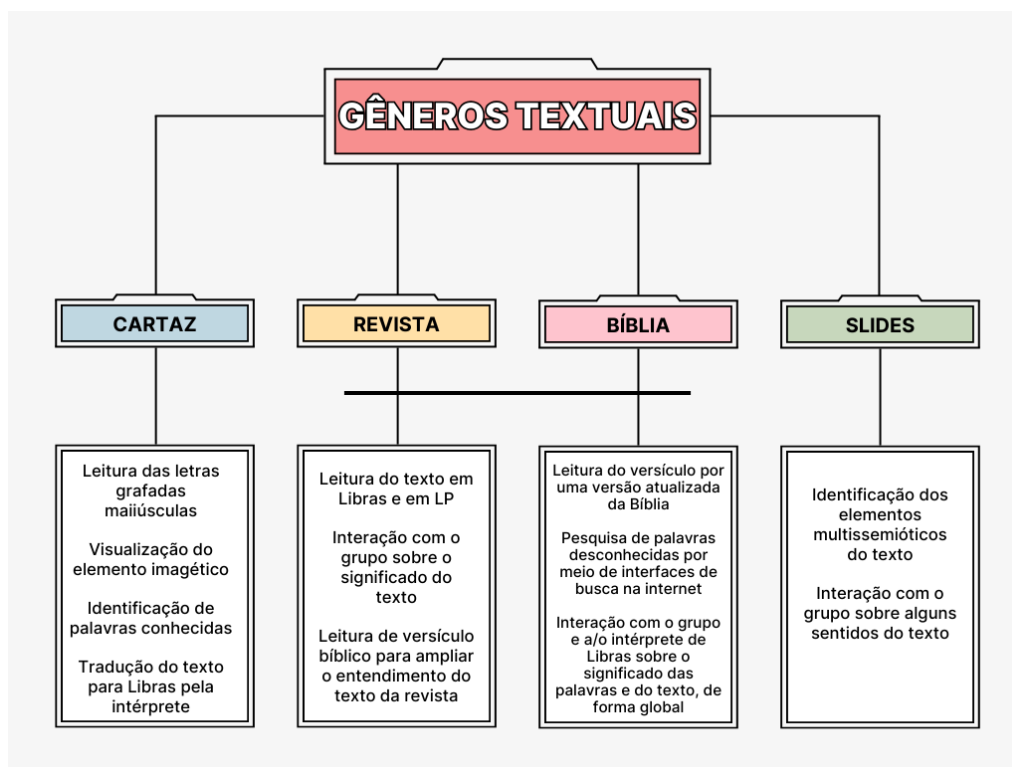
Para isso, *a priori*, levamos em conta o processo de antecipação, que consiste no movimento prévio à leitura, em que o indivíduo busca no texto aspectos linguísticos e elementos materiais para facilitar a compreensão do artefato cultural. Para realizar essa ação, o leitor, em muitos momentos, atenta-se para a leitura de título, de imagens e da capa, dentre outros elementos, para construir seus objetivos de leitura.

Em seguida, nos apoiamos na decifração, que se refere ao processo de decodificação dos elementos presentes no texto. De acordo com Cosson (2012), para a realização da decifração, fase iniciática da atividade de leitura, é necessario levar em conta elementos contextuais referentes aos aspectos linguísticos do texto, tais como a época de produção do texto, o espaço de circulação, conhecimentos prévios do leitor e aspectos subjetivos do leitor, dentre outros fatores, que contribuem para que ele compreenda os elementos da gramática (enquanto estrutura) do texto.

Percebemos, assim, na micro-agência de letramento MALP, que os participantes

utilizaram táticas de leitura, em alguns contextos comuns a todos eles, para atribuírem sentidos aos gêneros textuais em LP presentes no campo de pesquisa, tais como as identificadas na figura 43:

Figura 43: Táticas de leitura utilizadas pelos participantes da pesquisa



Fonte: Criado pela pesquisadora desta dissertação

O primeiro gênero textual visualizado no *locus* de pesquisa, “[...] o cartaz combina a arte visual estrita e a arte tipográfica, sintetizando uma ideia a comunicar” (Mesquita, 2018, p. 17). Como um gênero informativo, apresenta como características a necessidade de visibilidade, o que permite que ele seja visualizado de forma fácil pelas pessoas; a clareza na construção textual, o que facilita a compreensão, de forma rápida; a atração visual, a partir da utilização de elementos multissemióticos; a apresentação de um design com legibilidade, o que permite que as pessoas o leiam, mesmo que distantes do cartaz; a própria funcionalidade do gênero, ao cumprir um propósito específico, que gera implicações emocionais, reflexivas, informativas, dentre outras.

Devido à própria natureza interativa do cartaz, alguns elementos foram acionados pelos participantes da pesquisa ao realizarem a leitura desse gênero presente na sala do MALP. Ao observar o design geral do cartaz (linguagem verbal, linguagem visual, cores, formatos e tamanho de letras, tipo de letra etc.), os participantes atentaram-se para detalhes presentes no

texto, com o intuito de localizar elementos que dessem sentido às informações presentes no artefato cultural. Nesse sentido, levaram em conta os aspectos mencionados a seguir.

Letras grafadas em maiúsculo – como as letras estavam grafadas maiúsculas, entenderam que se tratava de uma mensagem importante para todo o grupo ou que deveria chamar a atenção de todos. Embora não seja a forma ideal e comum de escrita, devido a outros sentidos que o texto poderá assumir, tais como a demonstração de irritabilidade do produtor, e não seguir o padrão de LP para a escrita de um texto completo, nesse contexto, foram utilizadas as letras maiúsculas para destacar a mensagem e chamar a atenção de todos. Assim, com a utilização dessa forma de escrita, os participantes da pesquisa atribuíram sentido à funcionalidade e à visibilidade do gênero textual cartaz.

Elemento imagético do texto – outro ponto que chamou a atenção dos participantes foi a presença do sinal de Libras, o que fez com que eles já entendessem que se tratava algo sobre a língua utilizada por eles.

Identificação de palavras conhecidas no texto – também, para a construção de sentido ao texto, foram identificadas as palavras conhecidas, principalmente as que fazem parte da instituição religiosa, tais como igreja, intérpretes, Língua de Sinais etc. Embora o texto estivesse no padrão sintático de LP, ao reconhecerem essas palavras, foi possível atribuir sentido à ideia principal do cartaz.

Tradução do texto para Libras pela intérprete – por fim, para maior atribuição de sentidos ao texto como um todo, após a realização das táticas apresentadas anteriormente, o texto foi traduzido pela intérprete de Libras para a verificação dos sentidos construídos pelos participantes e os sentidos possíveis ao texto.

Entendemos, no entanto, que os sentidos construídos não são fixos, pois leva em conta elementos presentes na interação, a exemplo de contextos socioculturais, linguísticos, conhecimento dos gêneros textuais, elementos no próprio texto, ou seja, representa uma rede complexa de fatores de diversas ordens, tais como situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, que nos leva a construir sentidos possíveis ao texto (Koch, 2003).

Quanto ao gênero revista da EBD, por ser uma edição especial que apresenta tanto aspectos em Libras quanto em LP, tornou-se mais fácil a decodificação dos textos, embora, nem sempre, foi possível aos participantes compreenderem as lições de forma tão imediata. Isso porque os textos tratam de elementos da espiritualidade que, muitas vezes, tornam-se abstratos para eles, mesmo sendo membros frequentes da igreja ou do ministério MALP.

Para a atribuição de sentido aos textos da revista “Conhecendo Deus e fazendo sua vontade”, também foram utilizadas táticas pelos participantes da pesquisa, tais como as

descritas a seguir:

Leitura do texto em Libras e em LP– os participantes da pesquisa iniciaram a leitura da lição da revista pelos textos que se apresentavam em Libras. Não foi difícil identificar as palavras que constavam no fragmento do texto lido: Jesus, falou, Eu, Sou, caminho, verdade, vida. Em seguida, o texto foi lido em LP, no entanto, na revista apresentado com a mesma estrutura de Libras: “JESUS FALOU: JESUS (Eu) É (Sou) CAMINHO, a VERDADE e VIDA”. As palavras em destaque e a estrutura da escrita do texto em LP, assemelhando-se a estrutura de Libras, foram fatores que facilitaram a identificação das palavras do texto.

Interação com o grupo sobre o significado do texto – após a decodificação das palavras que constavam no texto, tanto em Libras quanto em LP, os participantes da pesquisa interagiram uns com os outros ou com a professora da classe da EBD sobre a significação do texto: o que Jesus estava dizendo ao afirmar que Ele é o caminho, a verdade e a vida?

Leitura de versículo bíblico para ampliar o entendimento do texto da revista – Após o diálogo entre os participantes da classe da EBD, foi realizada a ampliação do contexto do texto, a partir do versículo bíblico do livro de João 14:6a: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; [...]”. Foi discutido que Jesus é o único caminho que leva a Deus, é a verdade que liberta o homem do pecado e é a fonte para a vida física e espiritual, promovendo uma intertextualidade.

A intertextualidade, como apresenta Gonçalves (2017) ao mencionar os estudos de Gérard Genette (1982), é a copresença entre dois ou mesmos textos. Dessa forma, pode ser considerada como “[...] um complexo de relações, declaradas ou não, que um texto pode estabelecer com outro, ou uma propriedade constitutiva do texto” (Gonçalves, 2017, p. 57). Esse movimento de intertextualidade, comum no meio religioso, ajuda aos leitores a estabelecerem conexões entre os textos e os contextos, o que permite a ampliação dos sentidos do artefato cultura lido.

A leitura da Bíblia foi outro momento de interação com textos em LP presente no encontro do MALP. Ler e interpretar textos bíblicos não se constitui em uma tarefa fácil tanto para Surdos quanto para ouvintes. Isso pode ser explicado devido a alguns fatores, dentre eles a distância temporal entre o que foi escrito na Bíblia com os contextos atuais; o espaço geográfico onde ocorreram os fenômenos bíblicos não serem tão familiares a muitos evangélicos; os costumes culturais da época dos textos bíblicos serem diferentes dos que vivenciamos na atualidade; o abismo linguístico dos textos bíblicos originais, escritos em hebraico, aramaico e grego, línguas não mais utilizadas hoje, o que nos leva a leitura de traduções em LP, dentre outros.

Dessa forma, para a leitura dos textos Bíblicos, os participantes da pesquisa utilizaram as seguintes táticas:

Leitura dos versículos por uma tradução atualizada da Bíblia – a opção por versões mais atualizadas, a exemplo da Almeida Revista e Atualizada, aproxima mais os termos bíblicos aos contextos sócio-históricos atuais, o que facilita, para o leitor, o entendimento de palavras, expressões, contextos etc.

Pesquisa de palavras desconhecidas por meio de interfaces de busca na internet – durante os encontros religiosos, alguns participantes utilizam a tática de pesquisar palavras que não conhecem nas interfaces de busca da internet, geralmente no Google. Esse movimento contribui para a ampliação do capital cultural dos Surdos, ao ampliarem o próprio conhecimento lexical em LP.

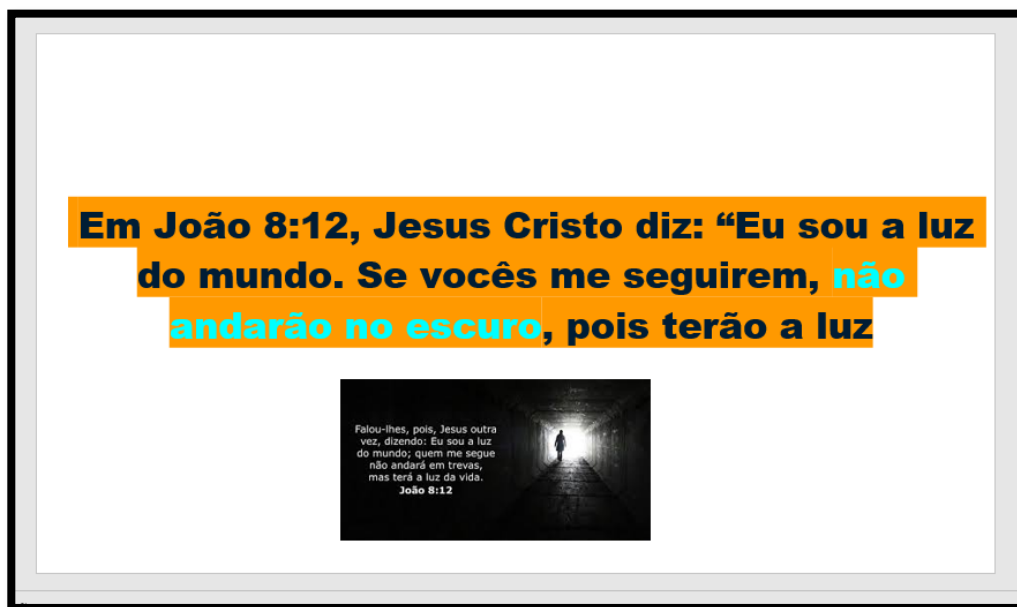
Interação com o grupo e a/o intérprete de Libras sobre o significado das palavras e do texto, de forma global – para ampliar o entendimento dos versículos bíblicos lidos, foram estabelecidas interações entre os membros do grupo e a/o intérprete de Libras, essa/e último, explicava com exemplos ou forma mais concreta possíveis significados do texto em LP. Nesse momento, para além da contextualização de aspectos socioculturais do texto, ocorreu a adaptação da própria estrutura sintática do texto de LP para Libras, além da substituição de termos e expressões, para facilitar a construção de significado pelo participante Surdo. Por exemplo: ao apresentar que Jesus é o caminho, foi possível traduzir como Jesus sendo a pessoa que, como Filho de Deus, pode levar o homem para o céu.

Por fim, o último gênero textual objeto da observação participante foram os Slides, construídos pela pesquisadora e pela/o professor/a Surdo/a da EBD. A utilização de slides torna-se importante para a pessoa Surda, pois atende à aprendizagem visual, uma das características da Libras. Também, é possível inserir nos slides imagens estáticas e em movimento, palavras e/ou expressões com destaques, diversidade de cores e de formatos de letras, facilitando o entendimento dos textos pelos participantes.

Quanto à leitura dos slides, as táticas utilizadas pelos participantes da pesquisa foram:

Identificação dos elementos multissemióticos do texto – partimos da concepção de multissemiose como a combinação e a interação de diferentes sistemas semióticos (ou linguagens) em um único artefato comunicativo (Rojo, 2019). Assim, os slides foram organizados por multiplicidade de linguagem, no sentido de atender às especificidades linguísticas e de linguagem da pessoa Surda, conforme apresentando na figura 44:

Figura 44: Parte do slide apresentado na EBD do MALP



Fonte: Arquivo cedido por um dos participantes da pesquisa (2024)

Durante o período de pesquisa de campo, observamos que os slides utilizados pelos professores da EBD nos encontros do MALP, produzidos por eles e apresentados nas aulas, eram confeccionados sempre com letras grandes, caixa alta (maiúsculas) e coloridas nos trechos que se desejavam chamar a atenção. Além disso, também apresentavam imagens representativas ou que resumiam a ideia principal do texto em questão.

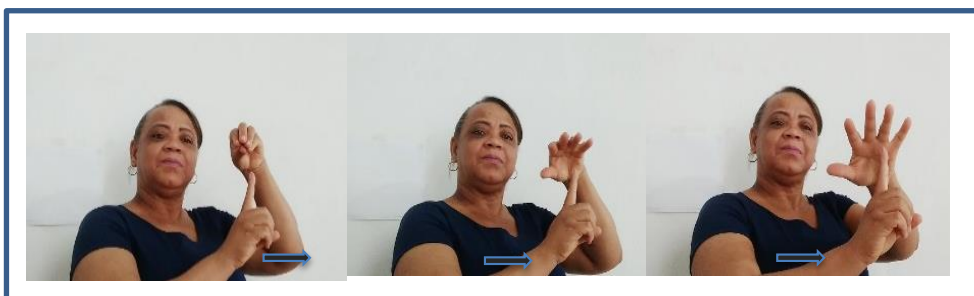
Na figura 47, os trechos do versículo bíblico, com algumas palavras apresentadas em outra cor ("não andarão no escuro") e a presença de uma imagem com o versículo, um cenário no escuro, mas com uma pessoa andando em um espaço com claridade (representando o andar na luz), o destaque geral do versículo com marcador de texto, dentre outros, são elementos semióticos importantes para a atribuição de sentidos ao texto pela pessoa Surda.

O termo destacado em azul "não andarão no escuro" diz respeito a uma metáfora que foi sinalizada, durante a classe da EBD, através do classificador, de uma pessoa caminhando e o sinal e a luz sobre a sua cabeça, representando a clareza em sua trajetória pelo aceite em seguir as orientações de Jesus Cristo. O classificador corresponde a elementos gramaticais visuais, que são "representações que apresentam motivações iconicas providas de conceituações gerais" (Quadros, 2019, p. 75).

Também definidos como Descritivos Visuais (DV) ou Descritivos Imagéticos (DI), são utilizados para descrever situações lexicais, narrativas, dentre outros elementos. Essa representação está ligada à morfologia e se relaciona com a modalidade visual-espacial percebida através do corpo do sinalizador. Os classificadores são maneiras de descrever formas,

ações, conceitos abstratos, pessoas, objetos, utilizando as configurações de mãos (conforme apresentada na figura 20, na seção, 2.1.2). Eles precisam estar associados às expressões não manuais e à utilização de mãos, rosto, braços, troncos. Neste estudo, optamos por não aprofundarmos sobre essa temática, que não se torna o objeto da pesquisa, mas o transversaliza. Na figura 45, apresentamos o classificador em Liras do gramento do versículo bíblico “não andar em trevas”.

Figura 45: Classificador em Libras representando o fragmento do versículo “não andar no escuro”



Fonte: Produzido pela autora da pesquisa com base nas observações de campo e resposta do participante da pesquisa.

Sobre a interpretação do termo “não andar em escuridão, depois da aula, quando questionamos ao professor da classe sobre o que realmente significava para ele aquele fragmento, tivemos como resposta:

A luz da lâmpada clareia a casa. Jesus é igual. Quando o aceitamos saímos do mundo da escuridão e enxergamos com a luz de Jesus. Por exemplo, quando Jesus chamou os doze discípulos, para o seguir, eles aceitaram, e as suas vidas que eram errôneas, foram transformadas e viveram experiências de luz ao lado de Jesus. A mesma coisa, nos dias de hoje, as pessoas que andam ou andavam no mundo de pecados, quando aceitam a Jesus suas vidas são iluminadas e seus caminhos guiados por ele. Isso é viver na Luz.” (Participante Rei Davi, 2024, tradução minha)

A relação entre o texto bíblico e a sinalização do professor demonstrou conhecimento dos aspectos linguísticos e da linguagem textual (de uma outra época) daquele trecho, inferindo à tática da antecipação. Dessa forma, os conhecimentos prévios acionados pelo participante sobre a ideia de “lâmpada”, um elemento que produz claridade, e a referência entre ela e Jesus como sendo promotor de iluminação foi evidente para a produção de entendimento do texto. A comparação feita da história bíblica dos doze discípulos que viveram na época em que Jesus Cristo vivia, e a renúncia e o aceite deles para seguir o seu Mestre remete à tática de decifração e de interpretação do texto, fazendo com que os participantes não apenas selecionassem aspectos linguísticos e multissemióticos do texto, mas que pudessem interpretá-lo e aplicá-lo

aos seus contextos de vida.

A outra tática apresentada pelos participantes da pesquisa quanto à leitura dos slides está apresentada a seguir: Interação com o grupo sobre alguns sentidos do texto – outra tática utilizada pelos participantes da pesquisa, durante as classes da EBD, foi interagir uns com outros e com a/o professor/a da classe a respeito de palavras, expressões, imagens etc. que não compreenderam no texto em LP. A interação ocorreu por meio de Libras. Em alguns momentos, o/a professor/a, solicitou que os participantes lessem o texto bíblico dos slides, em LP, mas, em seguida, fez a tradução em Libras para ampliar a compreensão deles.

A partir das informações analisadas nesta subseção, afirmamos que o trabalho com os gêneros textuais cartaz, revista, Bíblia e Slides na EBD não apenas reforça o aprendizado dos participantes da pesquisa em sua dimensão religiosa, mas também contribui para a ampliação dos letramentos em LP, ampliando o repertório de leitura por diversas materialidades textuais linguísticas e multissemióticas; promove práticas de biliguismo na micro-agência MALP, o que fortalece aspectos identitários desses participantes, além de contribuir para a participação ativa e protagonista da pessoa Surda na PIBFS.

6.3 COMPREENSÃO LEITURA DE TEXTOS EM LP PELA PESSOA SURDA: ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS AOS TEXTOS DA ESFERA RELIGIOSA

As observações realizadas na EBD, espaço-tempo de circulação de diversos gêneros textuais, tais como como a Bíblia, os slides, os cartazes informativos e a revista adaptada em Libras, nos levaram a inferir a existência de experiências de leitura multissemióticas como meio para a atribuição de sentidos dos textos em LP por pessoas Surdas.

A análise dos movimentos interpretativos da pesquisadora evidenciou que a atribuição de sentidos aos textos na micro-agência de letramento MALP ocorreu a partir da interação entre os elementos paratextuais (autores dos textos, capa, títulos, imagens, buscadores da internet etc.) e as estruturas internas dos gêneros textuais em circulação (palavras, elementos de design, expressões etc.), configurando um processo que perpassa pela antecipação, decifração e interpretação.

Quanto à antecipação, em muitos momentos, foi necessário que os participantes acionassem os conhecimentos sobre as próprias caracterizações dos textos, a exemplo da funcionalidade do cartaz, da revista da EBD, da Bíblia e dos slides, para, assim, atribuir sentidos ao conteúdo neles apresentados. Assim, os participantes compreenderam que esses gêneros têm

como finalidade informar, ensinar, levar a pessoa à reflexão e visibilizar aspectos dos conteúdos que fazem parte do currículo da classe, com finalidades de fortalecimento da fé cristã.

Ademais, aspectos do conhecimento enciclopédico dos participantes da pesquisa foram importantes para a compreensão de elementos dos textos, principalmente na ordem dos contextos sócio-históricos e temporal-geográficos. Por exemplo: para a compreensão dos versículos lidos tanto na Bíblia quanto nas lições da EBD, era necessária a contextualização de fatos bíblicos, relacionando-os com a atualidade. Também, tornou-se importante o conhecimento de aspectos culturais e geográficos dos textos, além de ressignificar expressões figurativas, que possuem representações abstratas ou metafóricas.

De fato, para a atribuição de sentido ao texto no processo de leitura, é necessária a ação do leitor sobre os conhecimentos textuais (relativos ao gênero e aos elementos que o compõe) e os conhecimentos enciclopédicos (relativos aos contextos socioculturais e temporais). Sobre isso, Garcez (2001, p. 23) discorre:

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e intelecção do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve especificamente elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos.

Para tanto, o conhecimento enciclopédico (ou de mundo) construído em relação aos gêneros textuais da esfera religiosa, durante todo o período de membresia na PIBFS, tornou-se significativo para a atribuição de sentidos aos textos socializados no MALP pelos participantes da pesquisa, tendo em vista que, ao terem contato com eles, conseguiram relacionar informações sobre a fé e a doutrina cristã já estudados anteriormente nos cultos dominicais; ativaram memórias leitoras sobre gêneros textuais com os quais já tiveram contato em outros espaços sociais, além da igreja; e possibilitaram, a partir de aspectos intertextuais, que os Surdos inferissem sobre as temáticas estudadas, estabelecendo conexões com suas próprias vivências.

Entretanto, embora os conhecimentos textual e enciclopédico tenham grande importância no processo de significação do texto pela leitura, acrescentamos que outros elementos foram levados em conta pelos participantes da pesquisa, dentre eles o conhecimento linguístico e de múltiplas linguagens. Esses tipos de conhecimento atribuímos à atividade de decifração.

A atividade de decifração, destacada neste estudo, tem como finalidade promover a) interação do leitor com aspectos da LP, referentes ao léxico e à estrutura do gênero textual, o

que pode contribuir para a ampliação da capacidade de decodificação do texto, e b) interação com as múltiplas práticas de linguagem, que se tornam multissemióticas. Nesse sentido, identificamos no processo de pesquisa de campo que, em LP, alguns dos participantes demonstraram certa dificuldade na atribuição de sentidos de textos com grande complexidade gramatical, tendo em vista os aspectos sintáticos, morfológicos e lexicais.

Como exemplo, destacamos a atribuição de sentido a alguns versículos bíblicos, principalmente os que tinham maior extensão textual, apresentavam elementos metafóricos (conhecimento lexical) ou eram estruturados por inversões linguísticas, tais como o rompimento da estrutura padrão da LP (Sujeito – Verbo – Complemento) ou apresentavam muitos elementos coesivos, fatores que se diferenciam da estrutura de Libras.

Nessas ocasiões, algumas táticas utilizadas pelos participantes (visualização do elemento imagético, tradução do texto para Libras pela intérprete, interação com o grupo sobre o significado do texto, leitura dos versículos em uma versão mais atualizada da Bíblia, identificação dos elementos multissemióticos etc.) se mostraram do campo mais pragmático, quando os textos foram adequados, pelas pessoas Surdas, aos seus contextos sociais e comunicativos. Assim, como reverberações das táticas de leitura quanto à decifração criadas pelos participantes da pesquisa, foi possível perceber que eles compreenderam os diferentes modos de utilização da língua(gem), a partir da adequação aos contextos sociocomunicativos e aos gêneros textuais.

A partir dessa compreensão, importante aspecto para o processo de leitura, inferimos que os participantes da pesquisa compreenderam que aspectos linguísticos, tais como a escolha lexical, dependem não apenas do autor do texto, mas também do gênero textual em si, do espaço de circulação desse gênero, dos prováveis leitores do texto, dentre outros elementos. Também, as escolhas multissemióticas de linguagem agregam aos textos combinações de diferentes sistemas de signos para a construção de significados.

Dessa forma, foi possível aos participantes da pesquisa atribuírem sentido a aspectos verbais/visuais, a textos estáticos/textos em movimento, a designs com muitas cores/designs com poucas cores, a escrita com letras maiúsculas/escrita com letras minúsculas, a textos da cultura impressa/textos da cultura digital etc., ampliando, assim, o contato dessas pessoas com uma variedade de gêneros textuais presentes na sociedade letrada.

Por fim, a última tática de leitura objeto desta pesquisa foi a interpretação. Essa atividade diz respeito à atribuição de sentido ao texto, pelo leitor, que leva em conta tanto aspectos da antecipação (conhecimento textual/paratextual e conhecimento enciclopédico) quanto da decifração (conhecimento linguístico e aspectos de linguagem). A interpretação, portanto, parte

do conhecimento interacional, por meio de elementos contextuais da vida do leitor e de elementos subjetivos próprios a ele.

Como nos apresenta Dell'isola (2011, p. 37),

ler é compreender, é interagir, é construir significado para o texto. Quando se invoca a natureza interativa do tratamento textual, é preciso ter em mente todos os tipos de conhecimento que o leitor utiliza durante a leitura – conhecimentos e crenças sobre o mundo, conhecimentos de diferentes tipos de texto, de sua organização e estrutura, conhecimentos lexicais, sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos.

Para a construção do processo de interpretação, ou seja, a atribuição de sentido ao texto para além dos elementos do próprio texto, tornou-se necessário, em primeira instância, que os participantes da pesquisa compreendessem os artefatos culturais lidos. A compreensão do texto, por certo, requer a interação entre o leitor e o texto; para a interpretação, esperamos que esse leitor extrapole o que está explicitamente escrito/produzido para preencher os "espaços" do texto com base em suas experiências e contexto sociocultural.

Ao interpretarem os gêneros textuais que foram utilizados na classe da EBD, os participantes da pesquisa atribuíram sentido ao texto, integrando suas próprias experiências e conhecimentos para inferir sobre o que estava sendo comunicado. Para tanto, utilizaram as seguintes táticas leitoras: solicitaram ao intérprete a reformulação de enunciados linguísticos por movimentos de paráfrase; usaram interfaces de busca da internet para o reconhecimento de palavras não conhecidas; relacionaram informações dos textos aos seus contextos socioculturais; produziram inferências sobre os textos, a partir da criação de hipóteses.

Nesse sentido, a compreensão leitora dos textos em LP por pessoas Surdas revela-se um processo dinâmico e interativo, fundamentado na articulação entre a leitura literal e a inferência contextual.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS



34

Pesquisar à luz dos Novos Estudos e letramento e da Linguística Textual sobre os eventos de letramentos e as atividades de leitura em Língua Portuguesa por pessoas Surdas, em uma Igreja Evangélica em Feira de Santana, trouxe grandes contribuições para o entendimento do objeto de estudo desta dissertação: a discussão sobre as formas de atribuição de sentidos aos textos do ambiente religioso, especificamente de uma igreja evangélica, realizadas por pessoas Surdas.

Nesse sentido, iniciamos este estudo refletindo sobre a apropriação textual do indivíduo desde a infância, até a fase adulta, além de destacar os fatores que contribuem para a ampliação do contato das pessoas com as diversas modalidades de texto, tanto da esfera escrita, quanto da verbovisual, oral, sinestésica, dentre outras, desenvolvendo, dessa forma, a sua compreensão leitora.

Abordamos, também, sobre a concepção de texto, interligando os NEL e a LT, o que gerou um constructo teórico que atendeu às diversidades de língua(gem) da atualidade. Para tanto, caracterizamos o texto como uma manifestação individual e multissemiótica, que envolve, para a atribuição de sentido, conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, contextuais etc., de modo que permita a interação entre as pessoas, a partir de suas atuações nos processos de leitura. (Koch, 2003).

Dessa forma, entendemos que significar um texto compreende exercer um movimento de diálogo com as diversas linguagens presentes em sua constituição, levando em conta elementos socioculturais e políticos atinentes aos (con)textos, o que caracterizamos como prática de leitura. Por essa perspectiva, “a leitura é uma atividade interativa altamente complexa

³⁴ Considerações Finais, em Libras, traduzido pelo aplicativo *Hand Talk*, na primeira figura, e traduzido pela pesquisadora, no QR. Nesta pesquisa, serão apresentadas as traduções de Língua Portuguesa para Libras apenas dos títulos das seções primárias.

de produção de sentidos” (Koch, 2008, p.11), tendo em vista que a leitura é compreendida como uma prática de letramento situada a contextos socioculturais vivenciados pelos participantes.

Sendo assim, ratificamos a concepção de Letramentos como o conjunto de práticas sociais que se utilizam da leitura (e outras práticas de linguagem, tais como oralidade e a produção textual) em contextos situados e para objetivos específicos, nos diversos espaços da sociedade (Kleiman, 2008).

Portanto, as práticas de letramento, situações que provocam a necessidade da leitura e da produção de textos para a interação social, são marcadas por eventos de letramento, que correspondem aos momentos únicos e às situações específicas em que as práticas de linguagem são acionadas para a construção de sentido aos textos (Street, 2012). Os eventos de letramento, portanto, “[...] ocasiões em que as práticas de linguagem são acionadas para a promoção de atividades de interação, mediadas por diversos meios sociotextuais” (Silva; Anecleto, 2023, p. 143).

A esses espaços sociais de leitura Street (2012) denomina de agência de letramento. A agência de letramento é um espaço sociodiscursivo que envolve diversos modos textuais pelos quais se torna possível ao agente (aquele que age pela linguagem) atuar no mundo pelas práticas de linguagem, de forma crítica, engajada e problematizadora (Kleiman, 1995; Street, 2012). Por essa perspectiva, a PIBFS, como agência de letramento, apresenta diversos espaços interacionais, que são denominados neste estudo de micro-agências de letramento: espaço mobilizador dos sistemas de conhecimento pertinentes a esferas específicas da sociedade para que as pessoas participem das práticas sociais de letramento, de forma reflexiva e situada (Kleiman, 2006)..

Reconhecendo que a leitura em LP é uma atividade formativa realizada pela micro-agência de letramento MALP, nesta pesquisa, partimos da seguinte questão problematizadora: de que maneira os eventos de letramentos religiosos do MALP contribuem para a formação leitora de textos multissemióticos em Língua Portuguesa por pessoas Surdas?

A resposta à pergunta nos oportunizou compreender a EBD, uma das ações formativas do grupo, como um espaço-tempo de construção de conhecimentos de diversas ordens, tais como linguísticos (relativos a aspectos sintáticos e lexicais, responsáveis pela organização do material linguístico disponível na superfície do texto), enciclopédico (relativos ao conhecimento de mundo adquirido socioculturalmente) e comunicacional (relativos às informações e à compreensibilidade do objetivo do texto e a sua adequação às situações sociocomunicativas).

Além disso, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: 1) mapear as atividades

de leitura de textos religiosos em Língua Portuguesa realizadas pelos surdos no MALP; 2) identificar quais táticas de leitura são as mais acionadas pelos Surdos para a atribuição de sentido aos textos religiosos em Língua Portuguesa; 3) analisar como ocorre a atribuição de sentido aos textos em LP pela pessoa Surda a partir do movimento interpretativo da pesquisadora e das táticas leitoras identificadas no campo da pesquisa. Atendemos ao primeiro objetivo específico durante o processo de observação participante da classe da EBD, o que nos permitiu verificar, *in loco*, quais gêneros textuais eram mais utilizados pelo MALP para a realização dos eventos de letramento na esfera religiosa.

A partir desse mapeamento, identificamos que os gêneros cartaz informativo, revista com a lição da EBD, capítulos e versículos da Bíblia e slides em Power Point foram os principais gêneros textuais em LP com os quais os participantes da pesquisa dialogaram. Nesse sentido, a pesquisa revelou que alguns desses textos, principalmente os textos bíblicos e a revista da EBD, apresentam maior complexidade para a atribuição de sentidos dos participantes da pesquisa, tendo em vista o primeiro apresentar uma linguagem mais formal e elementos metafóricos, aspectos não peculiar à Libras.

Trata-se, também, de um contexto histórico, cultura e geográfico não tão familiar à pessoa Surda, além de utilizarmos traduções desses textos, nem sempre contextualizadas para a realidade que vivenciamos atualmente. Quanto às lições da EBD, por se apresentarem como textos híbridos, que têm em sua composição outros gêneros, tais como versículos bíblicos, textos analíticos e explicativos, elementos multissemióticos e construção bilígue (Libras e LP), é reconhecida a contribuição desse gênero textual para a formação leitora interacional dos participantes da pesquisa.

No entanto, quando são apresentados enunciados abstratos e organizados a partir da lógica sintático-lexical da LP, os Surdos demonstraram pouco atribuir sentido a esses textos, organizando táticas leitoras que para que superassem os ruídos na interação com esses textos. Isso nos levou ao desenvolvimento do segundo objetivo específico, quando identificamos as táticas de leitura utilizadas pelos Surdos para a atribuição de sentidos aos textos em LP.

Sobre isso, verificamos que para cada gênero, foram utilizadas, de certo modo, táticas leitoras diferentes, ampliando, dessa forma, as possibilidades de significar os textos trabalhados no MALP. Dessa forma, ao acionar o gênero cartaz informativo, os participantes levaram em conta aspectos estruturais do texto (formato de letras), aspectos lexicais (identificação das palavras conhecidas), recursos de linguagem (interpretação de aspectos multissemióticos do texto) e elementos interacionais (solicitação de tradução do texto em LP para Libras, pela intérprete).

Para a revista da EBD, texto que se apresentou de forma bilíngue, primeiro, os Surdos realizaram a leitura dos textos que estavam traduzidos para Libras para, em seguida, pesquisar por meio de buscadores da internet, a exemplo do Google, o significado de palavras ou expressões em LP que não eram conhecidas por eles. Em relação à leitura de versículos da Bíblia, os participantes optaram por utilizar traduções, em LP, mais atualizadas e contextualizadas aos aspectos socioculturais e linguísticos atuais. Também, assim como ocorreu com a revista, pesquisaram palavras ou expressões desconhecidas em buscadores virtuais, além de realizarem interações uns com os outros, durante a classe, ou com o/a intérprete de Libras para a construção de significação coletiva ao texto.

A utilização de slides na classe da EBD reverberou na criação de táticas leitoras que levaram em conta a multiplicidade de linguagem, por meio dos recursos multissemióticos característicos desse gêneros. Além disso, quando essas linguagens não eram suficientes para a construção do sentido ao texto pelos participantes da pesquisa, eles optavam por uma discussão coletiva sobre a temática do texto, por meio do conhecimento interacional: conhecimento das formas de interação através da linguagem, o que inclui elementos estruturais e comunicacionais do texto.

O último objetivo específico desta dissertação atendeu não apenas à intenção de pesquisa em si, mas também a própria constituição do método etnográfico, ao atender à etapa de análise dos achados da pesquisa. Para isso, analisamos, por um movimento interpretativo da pesquisa, como ocorreu a atribuição de sentido aos textos em LP, pertencentes à micro-agência de letramento MALP, pelos participantes da pesquisa. Sobre isso, inferimos que as táticas de leitura utilizadas pelos participantes contribuíram e contribuem para a formação do leitor crítico, reflexivo e responsivo.

Esse tipo de leitor não se limita ao movimento de decifração do texto, mas, a partir das ações de antecipação e de interpretação, constrói sentido ao texto, de forma contextualizada. Dessa forma, o leitor dialoga com o texto, recria sentidos implícitos, faz inferências, estabelece relações e mobiliza conhecimentos prévios, tanto da esfera linguística quanto de mundo, para preencher as lacunas do texto e, assim, construir novos significados. Ao agir assim, o texto adquire uma dimensão social e política, o que permite ao leitor interagir com ele de forma transformadora e autoral.

A realização de um estudo dessa natureza, por certo, não se constitui em uma tarefa pronta, *a priori*, e de fácil realização. Isso porque, em primeira instância, dialogamos com a pessoa Surda que, muitas vezes, é invisibilizada em muitas agências de letramento, por diversas formas, tais como: a convivência com a supremacia dos textos em LP (embora reconheçamos

a importância da aprendizagem dessa língua pelo Surdo); o desconhecimento de muitas pessoas que frequentam a PIBFS de Libras, o que reduz as possibilidades de interação do Surdo com ouvintes; a baixa escolaridade ou o pouco conhecimento do Surdo de LP, o que dificulta o entendimento de textos nessa língua, dentre outros fatores.

No entanto, como atuante na comunidade Surda e integrante do MALP há muito tempo, reconhecemos que essas dificuldades se constituem em possibilidades para a realização de pesquisas iguais a esta, que retirem das margens e tragam para o centro da discussão acadêmica grupos minoritarizados pela engrenagem social. Portanto, defendemos que esta pesquisa apresenta relevância social, ao visibilizar a pessoa Surda como um ser atuante socialmente pelas práticas de leitura, de forma crítica e responsiva; relevância acadêmica, ao trazer para o centro da academia discussões que promovem a inclusão sociocultural do Surdo, como pessoa de direito e protagonista; relevância para a micro-agência de letramento MALP, ao identificar como as práticas de leitura realizadas naquele espaço oportunizam a atribuição de sentido aos textos em LP, que circulam na esfera religiosa; e ao PPGEL, por se constituir em mais uma fonte de pesquisa para futuros pesquisadores que se interessem por esta temática.

Como possibilidade de devir, acreditamos que outros estudos podem ser desenvolvidos a partir das incompletudes desta dissertação, tendo em vista que todo texto, por mais orgânico que seja, é sempre lacunar. Assim, eu mesma como pesquisadora, em outros momentos formativos, quem sabe no doutorado, tenho a pretensão de ampliar as temáticas aqui discutidas, levando em conta outras práticas de linguagem que se interligam à leitura, tais como a produção de textos, nas modalidades escrita e multissemiótica.

REFERÊNCIAS

- ANECLETO, Úrsula Cunha. Sequência didática e aula de Língua Portuguesa: fomentando eventos de letramento na escola. In: PEREIRA, Áurea da Silva; CRUZ, Maria de Fátima Berenice; PAES, Maria Neuma Mascarenhas. **Letramentos, identidades e formação de educadores**. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2018.
- ANDION, Carolina; SERVA, Maurício. A etnografia e os estudos organizacionais. In: SILVA, Anielson Barbosa; GODOI, Christiane Kleinübin; BANDEIRA-DE- MELLO, Rodrigo (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola, 2017.
- ANTUNES, Irandé. **Aulas e português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editoria, 2003.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA. Deputado José Neto. Moção de Aplausos à Primeira Igreja Batista, no Município de Feira de Santana-BA. 15 de março de 2017. **Ordem do Dia**. Salvador, Bahia, ano 2017, 15 mar. 2017. Disponível em: https://www.al.ba.gov.br/fserver/:docs:Proposicoes2017:MOC_20_053_2017_1.rtf. Acesso em: 24 jun. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação Verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAZERMAN, Charles. **Enunciados e seus significados**. In: BAZERMAN, Charles. Teoria da ação letrada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BÍBLIA. Almeida Corrigida e Fiel. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), 2011. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/14/6>. Acesso em: 24 mar. 2025
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.
- BRASIL, **Decreto n. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 03. jul. 2023.
- CALAZANZ, F. Propaganda subliminar multimídia. Edição revista, atualizada e ampliada, São Paulo: Summus, 2006.
- CARVALHO, Vilmar F.; CAMPELLO, Ana Regina S. **A Existência De Quatorze (14) Identidades Surdas**. Palmas - Tocantins: Unitins, v. 9, n. 14, 28 set. 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/163>. Acesso em: 03

jul. 2023.

CORREIA, Patrícia Carla da Hora; NASCIMENTO, Eliane de Souza. **Dialogando com a inclusão II**: Curso de Formação de Professores. UNEB. Salvador. 2012.

COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura**: inferências e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 2011.

FERRAREZI JR., Celso; CARVALHO, Robson S. de. **De alunos a leitores**: o ensino da leitura na Educação Básica. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Ideologia. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa**: introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GESSER, Audrei; **LIBRAS? Que língua é essa?**: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. Edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER, Audrei; **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GONÇALVES, Maria Silva. **O mundo na sala de aula**: intertextualidade nos anos finais do ensino fundamental. São Paulo: Parábola, 2017.

GUILHERME, Rosineide Tertulino de Medeiros. **Um olhar sobre a organização Mensageiras do Rei**. Orientador: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Paz. 2019. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Departamento de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, NATAL/RN, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/28500/1/Letramentoreligiosoolhar_Guilherme_2019.pdf. Acesso em: 2 fev. 2024.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editara, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louros. 12 ed. 2 reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Lamparina,

2019.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

HONORA, Márcia. **Inclusão Educaional com surdez**: concepção e alfabetização: ensino fundamental, 1º ciclo. São Paulo: Cortez, 2014.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela. Abordagens da leitura. **Scripta**, v. 7, n. 14, p. 13-22, 18 mar. 2004. Acesso em: 14 fev. 2024.

KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. 2006. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2 ed. 2 impressão - São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Texto e Coerência**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3 ed. 16 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto: construção de sentidos. In: KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção de sentidos**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, Ingedore. A virada cognitivista. In: KOCH, Ingedore. **Introdução à linguística textual**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LIMA, Bleiser Santos de. **Práticas de leitura e ensino de Língua Inglesa**: o trabalho com gêneros discursivos verbobisuais no PROEJA. Orientador: Úrsula Cunha Anecleto. 2022. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programas de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19X7YzIKCTh3laTCu9pfCPhSvEXC1WY1v/view>. Acesso em: 2 jul. 2024.

LUCHESE, Anderson. **Políticas e educação de surdos no Brasil**. Indaial: Uniasselvi, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. **Gêneros Textuais**: Teoria, Métodos e Práticas. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MANHÃES, Marília Moraes; FAIRCHILD, Ray. **Conhecendo Deus e fazendo sua vontade**: experiências com Deus. 2 ed. Rio de Janeiro: JMN, 2011

MESQUITA, Francisco. **Do Paleo-Cartaz ao Cartaz Camaleônico**: Design, Criatividade, e Tecnologia. Portugal: Adverte, 2018.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

MOLES, Abraham. **O Cartaz**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

MÜLLER, Janete. I. **Marcadores culturais na literatura surda**: constituição de significados em produções editoriais surdas. 2012. 175 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos**: educação, direito e cidadania. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

ORTIZ, Iliane de Fátima Volpato; SANTOS, Profª Drª Maria Elena Pires dos. **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense**: o sentido da leitura nos trajetos que levam à aprendizagem. Paraná: Governo do Estado, 2010

PERLIN, Gladis. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis.; STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis, 2006.

PERLIN, Gladis. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2007. cap. 1. p. 18-38, ISBN: 978-85-89002-21-9.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, R. M. Libras: **Linguística para o Ensino Superior**. 5 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. **Linguística Aplicada: Ensino de Português**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

SÁ, Tatiane Militão de.; FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes *et al* (org.). **Professores de Libras**: encontros II- estudos de língua brasileira de sinais para o nível superior. -1 ed –Jundiaí – [SP]: Paco Editorial, 2019.124p.;21cm.

SÁ, N. R. L. de. Educação de surdos: a caminho do bilinguismo. Niterói: Eduff, 1999.

SÁ, Nídia Regina Limeira. de. Cultura, poder e educação de surdos – 2. Ed. – São Paulo: Paulinas, 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em

https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em 20.set 2024.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha *et al* (org.). **LIBRAS: conhecimentos além dos sinais**. São Paulo: Pearson, 2011.

PETRAGLIA, Izabel; DIAS, Elaine T.; ALMEIDA, Cleide. Educação e Transformação da realidade planetária: esperança e utopia. **Olhar de professor**, Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil, ano 2020, p. 0-15, 30 dez. 2020. Anual. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/684/68464195056/68464195056.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2024.

PRIOLLI, Maria Luiza. **Fundamentos Básicos da Música para a juventude**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1964.

RIBEIRO, Sátila Souza. **O Uso de Recursos Tecnológicos por Docentes Surdos no Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Superior**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Biblioteca Anísio Teixeira, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33230/4/TESE%20S%C3%81TILA%20RIBEIRO%20UFBA-%20%28modificada%29.pdf>. Acesso 10.jul.2023.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, Mídias e Linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento.: teoria e prática dos novos estudos do letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (org.). **Discursos e práticas e letramento: pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

STREET, Brian. Letramento, política e mudança social. In: STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

VYGOTSKI, Lev. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WILCOX, P.; WILCOX, S. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

APENDICE 1 - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RCLE)

I - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: EVENTOS DE LETRAMENTOS RELIGIOSOS E ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA PORTUGUESA POR PESSOAS SURDAS.

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: ELISÂNGELA SOUZA VASCONCELOS FRANÇA

Cargo/Função: ESTUDANTE DE MESTRADO/PESQUISADORA

II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **EVENTOS DE LETRAMENTOS RELIGIOSOS E ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA PORTUGUESA POR PESSOAS SURDAS**, de responsabilidade da pesquisadora, Elisângela Souza Vasconcelos França mestrande do curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A pesquisa tem como objetivo compreender como a participação em eventos de letramentos religiosos evangélicos oportuniza a formação leitora em Língua Portuguesa da pessoa Surda integrante do Grupo MALP. A sua realização justifica-se pela realização de um estudo sobre as formas de significação do texto na agência de letramento igreja evangélica e, especificamente, por pessoas com Surdez, no intuito de compreender como a participação em eventos de letramentos religiosos evangélicos, oportuniza a formação leitora em Língua Portuguesa da pessoa Surda, contribuindo com a ampliação de vocabulário, compreensão semântica, dentre outros elementos linguísticos que envolvem as pessoas Surdas.

A participação nesta pesquisa se dará, inicialmente, a partir de rodas de conversas que acontecerão nos mesmos dias das reuniões semanais do Grupo MALP, no horário após à realização das atividades religiosas (aos domingos, no turno matutino) e com duração do tempo de uma hora (das 10:30 às 11:30h, no período de três meses) para não interferir no trabalho realizado pelo MALP e seus voluntários e primar pela liberdade de participação na pesquisa. Nesse período, serão realizadas entrevistas semiestruturadas, presencialmente, em Língua

Brasileira de Sinais - LIBRAS, que serão previamente agendadas, conforme a disponibilidade do(a) participante.

Todas as informações construídas na pesquisa serão tratadas com absoluto sigilo, utilizando nomes fictícios, sem qualquer identificação pessoal nas rodas de conversas e entrevistas sistematizadas em Libras, realizadas pela pesquisadora, que é fluente em Língua Brasileira de Sinais, garantindo total clareza nas falas, confidencialidade e preservação da privacidade e identidade dos(as) participantes durante todas as fases de construção, análise e divulgação das informações, assegurando confidencialidade das informações do consentidor(a), conforme os termos constantes nos documentos reguladores da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa.

As informações produzidas, assim como, todo material impresso e este termo de compromisso serão cuidadosamente armazenados nas mãos da pesquisadora, em pasta e lugar seguro e inacessível a qualquer outra pessoa, por um período mínimo de cinco anos.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, além dos momentos de partilha que certamente poderão promover a socialização cultural, dinâmica, os participantes serão motivados a ampliar o vocabulário, o conhecimento enciclopédico, a compreensão semântica, dentre outros elementos da Língua Portuguesa de maneira coletiva e espontânea. Assim como, poderão acessar, futuramente, a divulgação dos resultados do projeto através de publicação de artigos, capítulos de livro e apresentação em eventos acadêmico-científicos, mantendo sempre seu sigilo e anonimato.

O acesso aos resultados da pesquisa se dará antes de sua avaliação pela banca, em uma sessão reflexiva específica, após a construção e análise das informações, a serem realizadas, com o objetivo de apresentar aos participantes os resultados construídos colaborativamente. Em seguida, após a possível aprovação, o acesso se dará por meio de artigos a serem publicados em periódicos acadêmicos da área, em artigos de revista, capítulos de livros ou apresentados em eventos científico-acadêmicos, mantendo sempre o sigilo identitário dos participantes.

Informamos que, devido à coleta de informações, o(a) senhor(a) poderá surgir possíveis riscos (de nível mínimo). Por exemplo, em caso demonstração mínima de desconforto ou timidez nos momentos das interações, serão, cuidadosamente, respeitados: a autonomia, disponibilidade e disposição dos participantes, durante as narrativas, sobretudo, o uso da Língua de Sinais como primeira língua nas comunicações e interações, assim como, o respeito aos níveis linguísticos,

tanto para o Português, quanto para a Libras de cada participante e especialmente o tempo individual que eles necessitarem durante todo o processo da realização da pesquisa. Asseguramos, mais uma vez, o sigilo absoluto de todas as informações que emergirem nas rodas de conversas e entrevistas.

A sua participação é voluntária e não acarretará nenhum custo ou remuneração resultante dela. A sua identidade será mantida em sigilo e, portanto, o (a) senhor (a) não será identificado (a) nominalmente. A qualquer tempo do processo, poderá, caso deseje, desistir de participar da pesquisa e retirar sua autorização. Os resultados da pesquisa serão socializados no final do curso, na defesa da dissertação, prevista para julho de 2025. Sua recusa, entretanto, não oferece nenhum prejuízo para a pesquisadora ou instituição.

Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e a Sra. caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana. Esclarecemos ainda que, de acordo com as leis brasileiras, o (a) Sr. (a) terá direito a buscar indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. Em caso de necessidade, o (a) senhor (a) terá o direito de ressarcimento das despesas, tais como, transporte, por exemplo, ou qualquer outro custo relacionado à pesquisa. Asseguramos, também, que em casos de possíveis danos decorrentes desta pesquisa, garantimos a assistência integral e imediata, gratuitamente, pelo tempo que for necessário.

Caso aceite participar da pesquisa, este termo será rubricado em todas as folhas em duas vias pela pesquisadora e pelo (a) participante e assinada por extensa na última página, sendo que uma via ficará com a pesquisadora e a outra será entregue ao (a) senhor (a), onde consta o contato da pesquisadora, que poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

III. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Elisângela Souza Vasconcelos França

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte – Feira de Santana (BA)

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Departamento de Letras, módulo 2

Telefone: 75 988551938 **E-mail:** elisouva@gmail.com

PESQUISADORA ORIENTADORA: Úrsula Cunha Anecleto

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte – Feira de Santana (BA) Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – Departamento de Educação, módulo 4.

Telefone: 75 3161 8000, **E-mail:** ucanecleto@uefs.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA- CEP/UEFS

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n – Novo Horizonte – Feira de Santana (BA)

Telefone: 75 3161 8124, **E-mail:** cep@uefs.br

Horário de atendimento: 13:30h às 17:30h.

O Comitê de Ética em Pesquisa é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A missão do CEP é salvaguardar os direitos e a dignidade dos participantes da pesquisa. Além disso, o CEP contribui para a qualidade das pesquisas e para a discussão do papel da pesquisa no desenvolvimento institucional e no desenvolvimento social da comunidade. Contribui ainda para a valorização do pesquisador que recebe o reconhecimento de que sua proposta é eticamente adequada. Dessa forma, dúvidas em relação aos procedimentos éticos da pesquisa podem ser esclarecidas no CEP. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura da participante da pesquisa

Elisângela Souza Vasconcelos França

Pesquisadora³⁵

³⁵1. Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade Estadual de Feira e Santana, aprovado sob número de parecer: 7.022.658, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>.

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARTICIPATIVA A SER REALIZADA DURANTE A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

1. **Termo de assentimento:** Você (CODINOME) concorda em participar voluntariamente desta pesquisa?
2. Qual o seu nome completo?
3. Qual o seu personagem Bíblico escolhido?
4. Por que escolheu?
5. Qual o seu sinal em Libras?
6. Qual a sua idade?
7. Você nasceu Surdo (a)?
8. Qual a sua maior formação pedagógica?
9. Frequenta a quanto tempo a PIBFS e o MALP?
10. Nas leituras dos textos em português existe a necessidade constante do Tradutor e intérprete de Libras? Por que?
11. Qual o gênero textual usado com mais frequência pelo grupo MALP?
12. Como acontece a transposição da Libras para o Português e vice-versa?